

Betina dos Santos Ruiz

A RETÓRICA DA MULHER EM POLÉMICAS DE FOLHETOS DE CORDEL DO SÉCULO XVIII

Os discursos apologéticos de Paula da Graça, Gertrudes Margarida de Jesus, L.D.P.G. e outros nomes (quase) anónimos



Dissertação de Mestrado orientada pela Prof.^a Doutora Maria Luísa Malato Borralho em Estudos Literários, Culturais e Interartes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2009

Betina dos Santos Ruiz

A RETÓRICA DA MULHER EM POLÉMICAS DE FOLHETOS DE CORDEL DO SÉCULO XVIII

Os discursos apologéticos de Paula da Graça, Gertrudes Margarida
de Jesus, L.D.P.G. e outros nomes (quase) anónimos

Dissertação de Mestrado orientada pela Prof.^a Doutora Maria Luísa Malato Borralho em Estudos Literários,
Culturais e Interartes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2009

Moto-contínuo

*Um homem pode ir ao fundo do fundo do fundo se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo se for por você
Pode inventar qualquer mundo, como um vagabundo se for por você
Basta sonhar com você
Juntar o suco dos sonhos e encher um açude se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque
Vai habitar o edifício que faz pra você
E no aconchego da pele na pele, da carne na carne, entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas usando a energia que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas de volta a você
E cria o moto-contínuo da noite pro dia se for por você
E quando um homem já está de partida, da curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo e vai fundo e vai fundo se for por você*

Edu Lobo e Chico Buarque

Índice

APRESENTAÇÃO.....	6
INTRODUÇÃO	10
1. O estudo de textos femininos.....	10
2. A constituição do <i>corpus</i>	12
3. Biografias de quase anónimos	19
4. Contexto histórico dos textos em estudo	22
CAP. I - A RETÓRICA DOS DISCURSOS APOLOGÉTICOS	26
1. Modelos de mulher fortalecidos pela escrita	29
2. A retórica do rosto	31
3. A retórica da oralidade	36
4. A retórica do riso	41
5. A retórica da máxima	44
6. A retórica da autoridade	46
7. A retórica do exemplo	50
CAP. II – UMA TÓPICA DO MAL E DA MALÍCIA.....	54
CONCLUSÃO	66
PARA UMA FUTURA EDIÇÃO DOS TEXTOS FEMINISTAS DO SÉCULO XVIII: A POLÉMICA ENTRE G.M. DE JESUS E IRMÃO AMADOR DO DESENGANO (1761)	
1. CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO	69
2. <i>Espelho Critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres</i>	74
3. <i>Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres</i>	81
4. <i>Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres</i>	89
BIBLIOGRAFIA	96

APRESENTAÇÃO

Por que a mulher e a produção de documentos escritos são nucleares neste trabalho académico em nível de mestrado?

Porque desde muito cedo a palavra escrita, cingida à folha de papel ou cantada, ecoou em nós, abriu caminhos e criou fantasias acerca do que é ser mulher, e como preencher os compassos de espera que nos impingiam e os tempos de descoberta para que éramos chamadas. As quase cinquenta canções de Chico Buarque sobre a mulher fortaleceram esse fascínio pelo universo feminino, bem como as palavras de Virgínia Woolf, de Katherine Mansfield, de Doris Lessing e de tantas escritoras mais. Era um ingresso. O que interessa compartilhar, no entanto, é uma outra jornada, a académica, mais disciplinada e menos emotiva.

Estivéramos desde o princípio à procura de vozes femininas que iluminassem uma etapa moderna da história da mulher portuguesa. Já havíamos consultado bibliografia específica por ocasião de outra investigação, voltada para uma figura portuguesa feminina do século XVII¹. Recortando melhor o cenário dessa segunda incursão no universo feminino português, estávamos à procura de materiais reveladores da inserção da mulher portuguesa moderna no mundo letrado, que permanecia dominado pelos homens.

À altura de formarmos o *corpus*, cogitámos a hipótese de analisar três textos de cordel do ano de 1761, relacionados entre si, e de editá-los. São testemunhos do discurso feminista e do anti-feminista. Pareceram-nos bastante atractivos, por serem documentos raros extraídos de Miscelâneas, muito pouco conhecidos e ainda menos lidos.

Instigou-nos mais o facto de o texto desencadeador dos desdobramentos conter apenas uma alcunha masculina, ao passo que os dois textos subsequentes estavam devidamente assinados por uma mulher. O primeiro da série de três textos veiculava um ataque ao carácter feminino, os dois seguintes expunham uma defesa das mulheres dividida em duas partes. Todos foram tornados públicos no mesmo ano, 1761. A

¹ Entendida como personagem real a quem se pode ou não atribuir a autoria das célebres *Cartas portuguesas*, Mariana Alcoforado foi objecto de estudo do nosso Doutoramento Directo realizado na Universidade de São Paulo por causa da projecção que a obra dera ao dito discurso feminino sobre o amor, a entrega, a consciência de si.

oposição entre eles insinuava um conflito curioso, tão mais apelativo quanto mais dissimulado e paradoxal.

As páginas da literatura de cordel eram, nesse contexto de distanciamento temporal e de omissões propositadas, o canal mais plausível para nós, em razão da especificidade que podíamos assimilar e comentar. Transitando por elas, conseguiríamos contextualizar nossos dois exemplos de activismo feminino, dando a conhecer meios e finalidades, isto é, a existência de uma linguagem própria e a garantia de adesão a uma cultura predominantemente masculina.

Em termos de técnica discursiva, interessou-nos a selecção de argumentos e de exemplos, caros à tentativa ou de criticar ou de defender a mulher frente a um público não forçosamente ilustrado e mais predisposto ao entretenimento do que à observação pura dos exemplos. Eles nos puseram a pensar que uma investigação relativa à forma como a Retórica servira àqueles propósitos contrários resultaria num contributo útil aos estudos literários e culturais. Em termos pessoais, ganhávamos a fruição da leitura; em proveito da colectividade, avaliávamos uma situação concreta da mulher portuguesa no panorama político e intelectual do referido século XVIII.

A expectativa mais remota, e mais ambiciosa também, era interferir de alguma forma na ideia cristalizada de que os homens legaram muito e bom material à cultura portuguesa - postulando inclusive sobre o modo como as mulheres deveriam ser bem tratadas -, enquanto às mulheres coube o papel de ficarem em silêncio perante a palavra masculina e se dedicarem a outros campos do fazer humano.

A continuação da pesquisa bibliográfica, no entanto, resultou em muitos mais textos de cordel do que os três originalmente definidos como objectos de estudo. Ela produziu outro efeito, alargou nossa noção da vigência desses textos. Alguns deles já circulavam ao longo de um período extenso. Muitas eram as reedições, em alguns casos elas nos levavam à segunda metade do século XIX. As raízes da interlocução, por sua vez, eram da primeira metade do século XVII. Em vez de um texto pontual com direito a réplica, tínhamos um horizonte bem diferente, portanto: tínhamos conseguido acesso a uma tradição que percorreria dois séculos, da segunda metade do XVII à segunda metade do XIX.

Deparámos como é evidente com novos autores, cujas preferências iam desde criticar, fazendo rir, até simplesmente enfraquecer a crítica à mulher, passando pelos que quiseram enfraquecer a crítica e ao mesmo tempo contra-argumentar a favor da

mulher. O que se mantinha de texto a texto, de polémica a polémica era o tema: a ponderação de vícios e virtudes da mulher.

Nossa atenção, como se pode ver, esteve sempre a rondar o universo feminino, atendendo a duas premissas: na literatura de cordel há muito interesse pela mulher - o que também quer dizer interesse em traçar um caminho restritivo para a mulher - e, sobretudo por esse motivo, é muito importante conhecer melhor a escassa produção cultural de autoria feminina em suas características formais e temáticas.

Não pretendíamos realizar um estudo de género nem esgotar a discussão em torno das mulheres assumidas como mitos nesta longa trajectória de disputas, vetos e transgressões. Queríamos identificar as fontes das autoras portuguesas, apontar os argumentos mais explorados pelos dois lados que disputavam o poder, aferir o nível de criatividade e perceber, finalmente, as razões do declínio da troca de textos apoloéticos.

Com a finalidade de evitar problemas de interpretação por parte do público universitário a quem o trabalho se dirige, aproveitamos a apresentação para justificar duas estratégias retóricas utilizadas na redacção dos próximos tópicos: o uso pontual do negrito e a transcrição de duas ou três citações mais longas. Procurando evidenciar determinados tópicos do texto, em especial no capítulo I, decidimos colocar algumas palavras-chave em negrito. Acreditamos que a visualização do texto assim organizado torna mais fácil a leitura e, por extensão, o entendimento da sua estrutura. Nenhuma outra intenção nos motivou a escolher tal formatação e não nos pareceu que o aspecto gráfico final tenha sido prejudicado.

Quanto a uma ou duas citações mais longas, julgámos mais acertado mantê-las, mesmo que longas, porque guardam informações que permitem circunscrever melhor o tópico que referem e a ligação do seu autor com o tema em estudo. É o caso dos fragmentos extraídos da obra de Camila Henríquez Ureña: como se trata de intelectual de nacionalidade estrangeira muito pouco referida nas bibliografias portuguesas, mas muito influente na nossa posição crítica, convinha disponibilizar um excerto que abrangesse um leque maior das suas ideias. Não se trata de citação abusiva, de excesso de apego à autoridade, mas de zelo para que a mensagem contida no texto transcrito cumpra seu papel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres que me ensinam a ser: à minha avó, à minha mãe, às minhas irmãs e à minha querida amiga Vânia.

Agradeço igualmente ao meu pai e ao meu irmão, meus exemplos de tenacidade.

Agradeço ao António, o homem que coloca todos os dias ao alcance das minhas mãos os tesouros que conquistou.

Agradeço à amiga Andreia Rosmaninho, pela amabilidade em fazer algumas leituras deste trabalho.

Agradeço especialmente à Prof.^a Doutora Maria Luísa Malato, em nome da paciência que teve para com as minhas hesitações e do desvelo habitual.

INTRODUÇÃO

Depois de garantida a clareza dos princípios que adoptámos, cremos ser mais proveitosa a análise que algumas questões nele mereceram e a leitura do material editado por nós.

A exposição das bases norteadoras de nossa análise consiste em quê, precisamente? Antes de mais, diz respeito: aos esclarecimentos sobre o estudo de textos femininos, à constituição do *corpus*. Depois às biografias dos escritores, ao contexto histórico em que eles viveram e, como não podia deixar de ser, ao interesse retórico que o material tem e que nos levou a conceber o presente estudo. Trataremos pois seguidamente das estratégias retóricas do discurso feminista ou feminino de defesa da mulher: a retórica do rosto do livro, a retórica da oralidade, a retórica do riso, a retórica da máxima, a retórica da autoridade e a retórica do exemplo, que nos parecem as mais importantes nestes textos do século XVIII.

As considerações contextuais são todas concisas, uma vez que nosso objectivo é preparar o leitor para o contacto com o cerne do trabalho, a análise. No que tange as biografias, por exemplo, pouco pudemos construir e ofertar além de notas, esboços biográficos. São escassas as informações e a escassez faz com que elas não sejam determinantes para a leitura do material. É muito mais forte o poder da interlocução com cada um dos textos apologéticos. Interrogar o texto e contrapor explicações pessoais e científicas às linhas de raciocínio que algumas autoridades já engendraram é o processo que oferecemos e que contamos seja enriquecido em muitas das apropriações que virão.

1. O estudo de textos femininos

Citemos Camila Henríquez Ureña², a fim de situar os estudos do desenvolvimento intelectual feminino:

² Nascida na República Dominicana, no ano de 1894, faleceu em 1973. Viveu muitos anos em Cuba, onde trabalhou como professora e militou no movimento feminista, ausentando-se de lá por alguns períodos apenas e com a finalidade de leccionar em universidades norte-americanas. A participação em congressos, conferências e reuniões para a criação de entidades ligadas aos direitos das mulheres deu-lhe bases para escrever muito, sendo mais evidente na actualidade o interesse pelos ensaios que ela produziu. Os responsáveis por compilar a obra resultante desse activismo aproveitaram também os apontamentos para as aulas, os discursos e os esboços biográficos, todos actualmente disponíveis na internet.

“... no es posible decir que existiera antes de fines del siglo XIX una cultura femenina. Lo que se cultivaba en la mujer por medio de las artes de adorno y de las faenas caseras, y sobre todo, por el cuidadoso desarrollo en ella del espíritu de sumisión, era un ser cuya existencia se concebía sólo en función correlativa cuyo término era el varón o era el hijo”.

Ela especificava:

“No importa cuál fuese la situación de la mujer –obrera obligada a ganarse el pan, dama (exquisita flor parasitaria), honesta ama de casa burguesa, monja, criatura caída en el deshonor y por ello privada del derecho a la luz del sol de acuerdo con leyes injustas y costumbres absurdas-, ella no podía desarrollar su propia personalidad. Era hija, esposa, madre, hermana, esposa del Señor recluida en un convento que representaba a veces, relativamente, una liberación; pero no podía ser ella misma, una individualidad humana”³

Precisamos reter, nesta justificativa de estudo da produção intelectual feminina portuguesa do século XVIII, as observações que Camila Henríquez Ureña fez sobre os conhecimentos acalentados pela própria mulher de um modo geral, no seu percurso formativo. Até o século XIX, segundo ela, não havia nascido uma corrente que se responsabilizasse por sugerir uma disciplina, muito menos um projecto de facto (ainda que utópico...) que alimentasse essa ou aquela ideologia indissociável da mulher, para o bem da mulher; nem a própria mulher cuidava da sua ilustração pessoal nem o homem zelava por isso inadvertidamente. Estava reservado à mulher um campo que não lhe pertencia, por mais contraditório que pareça. Fosse mãe, fosse dona de casa, fosse religiosa, nunca seria dado que opinasse acerca do que lhe convinha em termos de liberdade para ir e vir, de amizades, de leituras, de exercício de uma actividade profissional desvinculada do ambiente doméstico etc. Era um fazer sem pensar, um fazer sem registo de sentimentos, de emoções, de aspirações.

Elisabeth Ravoux-Rallo exprimiu as mesmas certezas, só que partindo do estudo de mulheres italianas do século XVIII. Em vez de fazer mais do mesmo, neste caso descrever a personagem Casanova, sem dúvida sedutora e lendária, quis descobrir como eram as mulheres que travaram contacto com ele e que deram força à lenda. Pesquisou a vida em Veneza no intervalo de tempo que correspondia às conquistas amorosas dele e

³ Salomé Camila Henríquez UREÑA, *Obras y apuntes*, 2006, pp. 110-111.

chegou à conclusão de que as mulheres eram “decorativas”⁴. Presa a este estado tão pouco abonador para a mulher, estava a ausência de modificações basilares no perfil daquelas mulheres, antes do século XVIII.

Com relação à proposição de Camila Henríquez Ureña, temos então uma diferença de épocas, uma antecipação, mas não mais do que isso. Mesmo que Elisabeth Ravoux-Rallo tenha apontado uma reabilitação da mulher italiana – e da europeia de um modo geral – ao longo do século XVIII, não significa que tenha ocorrido uma transformação da cultura da mulher. O que ela identificou foi basicamente uma maior facilidade no acesso à biblioteca paterna e uma dessacralização, por parte da mulher, da forma de encarar o casamento. Mas nada que chegasse às mulheres venezianas das classes baixas, nada que rompesse com o geral analfabetismo feminino, nada que quebrasse a tendência à submissão.

Se a escrita (literária e crítica) feminina é globalmente recente, mesmo na Europa, há motivo acrescido para estudá-la. Este estudo de mestrado faz parte justamente de uma reivindicada cultura feminina. A natureza inédita dos textos apologéticos (ainda mais quando escritos por mulheres) parece-nos suficientemente interessante para que nos dediquemos a eles.

2. A constituição do *corpus*

O texto crítico mais antigo estudado neste mestrado remete-nos para o ano de 1640. Todavia, o que parece taxativo nesta afirmação obrigou-nos a algum apuramento histórico e merece uma ressalva, em nome do rigor indispensável à realização e à divulgação de uma investigação académica⁵. Tivemos que considerar, no *corpus* com

⁴ Elisabeth RAVOUX-RALLO, *A mulher no tempo de Casanova*, s/d, p. 34.

⁵ Cf. Artur ANSELMO, *Livros e mentalidades*, 2002. O autor mostra que as edições dos séculos XVIII e XIX, mesmo nos locais com alguma tradição no ramo livreiro - caso de Portugal -, continham erros e imprecisões que podem ser atribuídos aos censores, aos autores e aos tipógrafos (que acumulavam as funções de tipógrafo propriamente dito, de editor e de comerciante), sendo, portanto, arriscado assegurar que esta ou aquela prática era constante e consensual. O número crescente de publicações, bem como o de oficinas tipográficas e de livreiros fez subir proporcionalmente as variantes qualitativas do trabalho com o livro. Somemos a esta contingência inerente à actividade editorial três elementos ponderáveis passados em Portugal àquela altura: 1) o ensino estava a ser bastante alterado no país, pela expulsão dos jesuítas no ano de 1759 e a reforma universitária pombalina; 2) o cosmopolitismo da época e o contacto com outras culturas europeias dava aos portugueses um desejo de transformação e de modernidade (basta que recordemos as iniciativas de Luís António Verney), uma atenção especial para com os livros, promovida pelo rei D. João V, sem contar que a presença de livreiros estrangeiros, que tanta contestação gerara, inflamava o mercado de livros e acelerava, por isso, as mudanças; 3) o terramoto que em 1755 atingiu a cidade de Lisboa, endereço de muitas oficinas nomeadas no *corpus* deste estudo de mestrado, afectou necessariamente as condições de trabalho das tipografias portuguesas.

que começávamos a trabalhar em maior ou menor grau, o facto de alguns não possuírem data.

Todas as datas incertas apontadas têm como suporte as indicações do site da Porbase, sediado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), fonte fulcral da nossa pesquisa com vistas à delimitação do *corpus*. Em três casos de dúvida, a ficha bibliográfica disponibilizada *on-line* nos foi verdadeiramente útil ainda que, num outro caso isolado, não tenha sido possível inferir uma data. Nesse caso, justificamos a datação em razão da presença de alusões de outros textos no *corpus* por nós constituído.

Com base nessas datas indicadas ou prováveis, agrupámos em quatro blocos os documentos encontrados. A lógica que seguimos tinha por objectivo dividir em três conjuntos distintos os textos de folhetos de cordel sobre mulheres respondidos por homens e/ou por mulheres, (ressalvamos, contudo, que em alguns casos a identidade dos autores fora protegida, mediante o uso de pseudónimo), pois há entre textos do mesmo bloco, mas não entre todos os textos - pelo menos não em interlocução directa - evidentes relações intertextuais. Reunimos em um quarto bloco textos alheios às três polémicas feministas recortadas do universo textual setecentista, para deixarmos claro quais textos de cordel dão suporte à reflexão, tanto quanto o aparato puramente teórico nos pode dar. No Bloco A estão os três primeiros textos que “conversam”; o primeiro texto foi escrito por um homem e depois de lido por duas senhoras, gerou duas refutações⁶. O Bloco B tem dois textos, o primeiro escrito por uma mulher e o outro respondido por um homem. O Bloco C tem um texto feito por outro homem, muito provavelmente, e respondido em duas partes, por uma mesma senhora. O Bloco D tem cinco textos distintos que aqui são agrupados por conterem importantes dados contextuais.

No quadro disposto nas quatro páginas seguintes, incluímos todas as edições de que tivemos notícia ao pesquisar tais textos, para além daquelas que manuseámos, com a finalidade de compor um panorama tão completo quanto possível.

Não tomamos nossa lista como definitiva: ela é fruto da busca que empreendemos, mas aceitamos que possa ter outra configuração; no caso das edições da

⁶ Na realidade, os textos do Bloco B também alimentam a polémica lançada pelo documento de Baltasar Dias. Porém, preferimos separá-los dos textos do Bloco A porque concentrámo-nos numa conexão intertextual que vai além da adopção da temática representada por Baltasar Dias. Com excepção dos textos do Bloco D, todos, em última análise, remetem o leitor atento para a contenda de Baltasar Dias. Nosso ponto está na interlocução que se nota em termos retóricos; M.D.M.C.D.M.A.E.C. e L.D.P.G., por exemplo, não optaram pela forma poética, escreveram prosa, por isso repercutem o tema de Baltasar Dias sem parafrasear.

obra de Baltasar Dias, por exemplo, já lemos que houve dezasseis, e não doze, como discriminámos e localizámos, mas foi impossível apurarmos tal informação⁷.

Considerámos os seguintes documentos, assim divididos:

Bloco A

- [DIAS, Baltazar]

Malicia das Mulheres, [...] porque nella se tratão muitas sentenças, autoridades àcerca da malicia, que ha em algumas dellas, [...]. Lisboa Occidental : Off. de António Alvares, 1640. - 8 pp.

Tivemos conhecimento de outras onze edições catalogadas pela BNP e pela Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP), caso da segunda edição:

- Lisboa Occidental : Off. de Domingos Carneyro, 1659;
- Lisboa Occidental: Off. de Bernardo da Costa Carvalho, 1720;
- Lisboa : Off. de Manoel Fernandes da Costa, 1738 ;
- Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1759;
- Lisboa : Off. de João António Reis, 1794;
- Lisboa : Impressão Régia, 1814;
- Lisboa : Nova Imp. Da Viúva Neves e Filhos, 1815;
- Lisboa : Typ. de António Lino de Oliveira, 1827;
- Porto : Typ. de S.J. Ferreira, 1851;
- Lisboa : Typ. de Sebastião José Ferreira, 1856;
- Porto : Livraria Portuguesa, 1897.

Consultámos as edições de: 1720, 1738, 1759, 1761 e 1814.

- GRAÇA, Paula da

Bondade das Mulheres vendicada e malicia dos Homens manifesta. Papel métrico, e apologetico, em que se defende a femenina innocencia, contra outro em que injustamente se arguê a sua maldade, com o titulo de Malicia

⁷ Cf. Fina D'ARMADA, *O livro feminista de 1715*, 2008., p. 19: "Conhecem-se pelo menos 16 edições...".

das Mulheres / por Paula da Graça. Lisboa : Off. de Bernardo da Costa de Carvalho, 1715. 8 pp.

Há outras duas edições catalogadas pela BNP⁸:

- Lisboa : Off. de Pedro Ferreira, 1741;
- Lisboa : Off. de Pedro Ferreira, 1743.

Já a BPMP tem uma edição catalogada:

- Lisboa : Off. de António Gomes, 1793.

Consultámos a edição de 1741.

- [Anón.]

De feza do bello sexo ou resposta ao papel intitulado ‘Malicia das mulheres’, dada por uma senhora da província a uma sua amiga na seguinte epístola.
Lisboa : Impressão Régia, 1812. 7 pp.

Bloco B

- L.D.P.G.

Bondade das Mulheres contra a malicia dos Homens : relação cómica, e historica, para divertimento de quem a comprar e utilidade de quem a vender : Parte I / escrita por sua authora L.D.P.G, S.l. : s.n., s.d. 8 pp.

Tivemos conhecimento de quatro outras edições catalogadas pela Porbase:

- Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1759;
- [Lisboa? : s.n., 1805?];
- Lisboa : Off. de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões, 1805;
- Lisboa : Typ. de Mathias José Marques da Silva, 1860.

Folheámos a terceira e a quarta edições.

⁸ A BNP não tem em seu acervo a edição do texto de Paula da Graça de 1715, ele está na Torre do Tombo.

- M.D.M.C.D.M.A.E.C.

Malicia dos Homens contra a bondade das Mulheres : embargos, que os homens põem à primeira parte. Mostra-se os males de que são causa: parte segunda, / escrita por M.D.M.C.D.M.A.E.C. Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1759. 8 pp.

Consultámos também outra edição catalogada pela BNP:

- Lisboa : Off. de Joaquim Tomás de Aquino Bulhões, 1805.

Bloco C

- DESENGANO, Amador do

Espelho critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres, fabricado na loja da verdade pelo Irmão Amador do Desengano, ‘que póde servir de estímulo para a reforma dos mesmos defeitos’. Lisboa : Off. de António Vicente da Silva, 1761. 14 pp.

- JESUS, Gertrudes Margarida de

Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Desengano, ‘com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico’. Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1761. 14 pp.

- JESUS, Gertrudes Margarida de

Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Desengano, ‘com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico. E se responde ao terceiro defeito, que nelle contemplou’. Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1761. 14 pp.

Bloco D

- [Anón.]

Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres, perigo que corre a formosura, ainda quanto mais defendida: expressado no sucesso, que aconteceu na cidade de Napoles. Conselho para maridos indiscretos, e velhos rabugentos. Segunda parte. Lisboa : Off. do Dr. Manoel Alvares Solano do Vale, s.d.. 7 pp.

Tivemos conhecimento de outra edição catalogada pela Porbase:

- Lisboa : Off. Alvarense, 1753.

- [LOBO, Francisco Xavier]

Devoção das mulheres da moda na Igreja, e o modo com que nunca ouvem missa. Em dialogo... S.l. : s.n., s.d.. 16 pp.

Tivemos conhecimento de outras duas edições deste texto, a primeira catalogada pela Porbase e a segunda pelo *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva e Brito Aranha:

- Lisboa : Off. de Francisco Sabino dos Santos, 1774;
- Lisboa : Off. de Filippe da Silva Azevedo, 1784.

- *Nova relação contra as Mulheres ou parvoices dos seus enfeites.* S.l. : s.n., s.d.. 8 pp.

A ficha bibliográfica presente no *site* da Porbase apresenta o texto como sendo de 1750.

- [COELHO, João]

Segunda parte da pregação de João Coelho, feitas as senhoras Mulheres da moda para consolação dos coitados dos maridos : offerecida ás ferrugentissimas senhoras donas moedas de dez reis, por mãos do doutor Pantaleão Pato Pires Pinto, çapateiro das Musas d'algun dia, e hoje

aposentado em Remendão do Parnaso. Lisboa : Off. de Simão Tadeu Ferreira, 1787. 15 pp.

- CARNEIRO, José de São Cirilo
Carta e resposta sobre o odio dos inimigos francezes, e sobre o ornato das mulheres, ocasionadas por hum Sermão, que se prégou na Igreja de S. Paulo da Cidade de Lisboa no primeiro de Janeiro de 1811... / Fr. José de S. Cyrillo Carneiro. - Lisboa : Impressão Régia, 1811. – 197pp.

Omissões semelhantes à que exclui a “Parte I” ou “primeira” da edição de 1860 do texto *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens*, mais do que um eventual declínio dessa gama de textos apologéticos no século XIX, marcado pela atenção às emoções do sujeito e avesso à imitação do estilo setecentista, podem prender-se com a desvalorização dos textos apologéticos escritos por mulheres e para mulheres: as bibliotecas guardam e catalogam o que foi, por alguma razão, mais estimado. Realçamos também o facto de alguns textos serem traduções, ainda que livres; *Nova relação contra as Mulheres ou parvoices dos seus enfeites*, por exemplo, é praticamente tradução de um folheto espanhol⁹. Convém recordar que em Espanha, assim como em França e em Portugal, a exaltação das mulheres estava patente na literatura, basta que assinalemos a existência de uma outra publicação estrangeira de referência do século XVIII, *Galeria de mugeres fuertes*, tradução de um livro do padre Pedro Lamotne.

Conforme verificámos, alguns textos destes folhetos de cordel portugueses tiveram mais do que uma edição. É o caso de *Malícia das Mulheres, Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta e Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres*. Seria contraproducente atermo-nos a cada uma delas. Em primeiro lugar, a consulta a algumas edições era inviável, em razão do mau estado de conservação. Em segundo lugar, as edições consultadas não continham, em geral, variantes que fossem relevantes, sob o prisma semântico. É importante realçar, todavia, que nossa restrição neste segundo caso foi também qualitativa: os documentos abrangidos seriam reedições de documentos do Bloco D, que não tem textos feministas, nem dialogavam explicitamente com documentos feministas; todas as edições que constam do bloco em questão foram somente mantidas na investigação porque nos

⁹ Maria José Moutinho SANTOS, “O luxo e as modas em textos de cordel da segunda metade do séc. XVIII”, Separata da *Revista de História*, Porto, Vol. IX, 1989, pp. 137 a 164.

davam oportunidade de desenhar melhor o contexto histórico e o de gênero, ambos em análise.

Se conseguimos separar nossos objectos de estudo em função do tempo, é possível inscrevê-los também em um conjunto de alguma regularidade em termos de apresentação e de potencial interesse dos tipógrafos e do público, ainda quando os autores eram anónimos ou já tinham sido editados há muito. Isto significa que nosso desejo para este início de caracterização do *corpus* - que corrobora o valor das cartas centrais nesta investigação foi sublinhar correspondências ao nível do tempo, para partir, então, para as correspondências ao nível da formatação gráfica, dos procedimentos retóricos e das referências ideológicas. Mediante tal exercício de circunscrição, tornou-se mais fiável aos nossos olhos a análise desse material e esperamos que tenha este mesmo resultado aos olhos dos nossos leitores.

3. Biografias de quase anónimos

Baltasar Dias, da ilha da Madeira, poeta cego de nascença, foi dado pelo *Diccionario bibliographico portuguez*¹⁰ como o autor de mais de uma dezena de obras literárias que vão de 1612 a 1668 (a última obra atribuída a ele, pela referida fonte, não está datada). Inocêncio também informava que, no ano de 1640, Baltasar Dias publicara um texto chamado *Auto da malicia das mulheres*. Havia duas coincidências que precisávamos ter em mente. O nome deste autor estava anotado à mão, em letra cursiva, no exemplar impresso com esse título e datado de 1814. Isto faria com que *Malicia das Mulheres* passasse a ser o texto mais antigo dentro do nosso *corpus*. Outra informação de Inocêncio que importava é que o *Auto da malicia das mulheres* continha quintilhas, conforme o que tínhamos em mãos. A informação não deixava de ter suas lacunas, no entanto, pois a fonte não especificava se todas as edições inventariadas teriam efectivamente texto em quintilhas. O *Dicionário de literatura portuguesa* especificava também que: “Em 1536 solicitou a D. João III o privilégio de poder imprimir e vender a sua obra. Foi-lhe concedido a 20 de Fevereiro de 1537, figurando no alvará que ‘Nenhum ymprimidor imprima as obras do dito Baltesar Dias, ceguão...’”¹¹. A fonte também o reconhecia como o autor de *Auto da Malicia das Mulheres*, mas nos deixava em dúvida quanto à época da publicação. Seria mesmo de 1640 a primeira edição do texto que estudamos com a data de 1659? Não seria ainda mais antiga? O que teria feito

¹⁰ Inocêncio Francisco da SILVA, *Diccionario bibliographico portuguez*, Tomo VIII, p. 322.

¹¹ Álvaro Manuel MACHADO, *Dicionário de literatura portuguesa*, p. 163.

com que a obra fosse editada mais de uma dezena de vezes, trocando inclusive de oficina tipográfica? E o que dizer da “erudição” a que Diogo Barbosa Machado alude: em que medida ela estaria mesmo por trás do texto, isto é, a serviço da construção retórica?¹² O certo é que o texto que conhecemos, o de 1659, deu origem a um clássico dos folhetos de cordel com reedições que vão até 1897, pelo menos.

Os autores dos folhetos de cordel são frequentemente omitidos. Mesmo assim, não deixa de ser significativo que, mesmo quando o folheto de cordel assinala o nome do autor, seja muito difícil seguir-lhe o rasto. A marginalidade do género reflecte sem dúvida em parte a marginalidade do autor. Assim é que Francisco Xavier Lobo, autor não declarado de outro dos nossos documentos volantes, *Devoção das mulheres da moda na Igreja, e o modo com que nunca ouvem missa*, muitas vezes tenha sido confundido com António Lobo de Carvalho, conhecido poeta satírico da segunda metade do século XVIII. O texto do *Diccionario Bibliographico Portuguez*¹³ reproduzira ainda a informação de que ele tinha vocação para compor dentro do género cómico.

Algumas dificuldades se nos depararam também com a identificação do autor de *Espelho critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres*. Quem seria o Irmão Amador do Desengano, obviamente um pseudónimo? Tratar-se-ia de João Teodoro de Neras (ou João Teodoro de Nera, como grafou Maria Antónia Lopes¹⁴)? Ele publicara em 1760 um texto sobre mulheres, este sim assinado: *Methodo pratico com que as senhoras mulheres assistem nos templos, principalmente no tempo dos sermões, etc*, que a Porbase tem inventariado. Tal suposição acerca do autor do *Espelho critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres* é de Maria José Moutinho Santos, que não fornece, no entanto, as razões pelas quais fez a associação, dizendo abruptamente e apenas “João Theodoro de Neras, o autor do ‘Espelho Crítico’...”¹⁵.

Mais se sabe sobre o autor de *Carta e resposta sobre o odio dos inimigos francezes, e sobre o ornato das mulheres*. Frei José de São Cirilo¹⁶ é natural de Refoios e foi Carmelita calçado. Tornou-se doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra no ano de 1789; era presbítero secular em 1836, quando entregou prospecto para a

¹² Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca lusitana*, 1741, p. 446.

¹³ Inocêncio Francisco da SILVA, *Dicionário bibliográfico português*, Tomo IX, (letras C-G, pp. 390-391).

¹⁴ Maria Antónia LOPES, *Mulheres, espaço e sociabilidade*, 1989, p. 160.

¹⁵ Maria José Moutinho SANTOS, “Perspectivas sobre a situação da mulher no século XVIII”, p. 39.

¹⁶ Inocêncio Francisco da SILVA, *Diccionario bibliographico portuguez*, Tomo IV, p. 198, e Tomo XIII, pp. 303-304.

impressão de várias de suas obras. Em 1814 escrevera sobre a clausura feminina, informação que de alguma maneira reforçou nossas suposições de que ele se interessava pela temática. Morreu em Lisboa em 1837.

Quanto a um religioso com o nome de João Coelho, tal qual o pregador referido com esse nome no texto *Segunda parte da pregação de João Coelho, feitas as senhoras Mulheres da moda para consolação dos coitados dos maridos [...] por mãos do doutor Pantaleão Pato Pires Pinto [...]*, pensámos de início que seria natural de Barcelos, licenciado e pregador de renome, mas a época muito distinta da indicada nesta edição de 1787 nos fez reavaliar o resultado da busca¹⁷. Uma segunda fonte dava Pantaleão Pato Pires Pinto, o outro autor mencionado no título do texto referido, como André António Correia, que faleceu a 25 de Outubro de 1822, mas nada constava acerca da publicação que em nosso trabalho é referida¹⁸.

Os outros autores são quase outros tantos exemplos das dificuldades que nos acometeram: Gertrudes Margarida de Jesus, a autora da *Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres* e da *Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres*, em função da habilidade com que elaborara tais réplicas ao texto do Irmão Amador do Desengano, poderia ser assumida como uma mulher muito ilustrada? Atentando para o facto de que ela extraía exemplos de fontes recentes relativamente à elocução, sim. É provável que lesse muito e que tivesse vontade de bem impressionar, ao sugerir erudição. Consultas aos *Índices de Registos Paroquiais de Lisboa*¹⁹, todavia, não deram bons resultados. Encontrámos o registo de casamento de uma certa Gertrudes Margarida de Jesus, mas no ano de 1817, o que torna a figura em questão muito improvável como a autora dos dois textos de 1761. Também Joaquim Nunes Colares, outra pista localizada no *site* da Porbase, contraiu matrimónio com uma Margarida Gertrudes de Jesus, e não com Gertrudes Margarida de Jesus.

A biografia de Paula da Graça põe-nos em semelhante impasse. Ela pode ter sido aia da rainha D. Maria Ana de Áustria, notemos que as edições de 1741 e 1743 foram impressas na oficina tipográfica régia, conforme explica Fina d'Armada²⁰. Na página de rosto do folheto de cordel consta: “assistente nesta Corte”, expressão que pode indiciar alguma confiança estabelecida com a corte. Ela igualmente pode ter usado um pseudónimo (até porque, para publicar um livro, naquela época, uma mulher casada

¹⁷ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca lusitana*, II, p. 638.

¹⁸ Maria Teresa VIDIGAL, *O Dicionário de pseudónimos de Albino Lapa*, 1980, p. 139.

¹⁹ Luís AMARAL, *Índices de Registos Paroquiais de Lisboa*, Lisboa, Guarda-Mor, 2006, p. 248.

²⁰ Fina D'ARMADA, *O livro feminista de 1715*, 2008, p. 37.

precisava da autorização do marido). Também pode ter sido uma freira, esta foi justamente a aposta de Mário Cesariny²¹.

Sobre os pseudónimos/abreviaturas de L.D.P.G. e de M.D.M.C.D.M.E.C., atribuíveis pelo texto a dois autores, o primeiro do sexo feminino e o segundo, do masculino, nada podemos adiantar.

4. Contexto histórico dos textos em estudo

O interesse que estes textos conservam na actualidade, ou melhor, o interesse com que os pesquisadores da actualidade podem olhar para estes textos está ligado também ao facto de terem nascido em “épocas mais apagadas”²². Os séculos XVII e XVIII representam, para a literatura portuguesa, períodos de produção literária mais obscura e, por isso, vêm merecendo pouca atenção por parte da crítica, se comparados aos textos do Renascimento e do Romantismo, por exemplo. Considerada a hipótese de ter havido um declínio na qualidade da literatura portuguesa desses séculos, a mesma que ostenta, em outras fases, um Gil Vicente, um Camões, um Camilo Pessanha, um Fernando Pessoa ou um José Saramago, enfim, é importante sabermos em que sentido se pode dizer que estes também venciam a apatia periodológica e com que modelos e géneros nós mediremos suas próprias figuras e os seus textos. É relevante saber por que as modas daquela época foram por nós consideradas estéreis, por que é que, a despeito do muito pensar e do muito publicar, pouca novidade cultural inspirava os escritores portugueses.

Alguma razão haverá, cremos, em ver na Inquisição portuguesa uma forma de limitação criativa²³. Para não entrar em conflito com os censores, os intelectuais portugueses ficavam pelos temas mais amenos, pelas repetições.

²¹ Cf. Mário Cesariny de VASCONCELOS, *Horta de literatura de cordel*, 1983, pp. 19-20. A afirmação do escritor, no entanto, não é fundamentada neste livro, nenhuma fonte é mencionada ou citada para sustentá-la.

²² Thereza Leitão de BARROS, *Escritoras de Portugal*, 1924, p. 12.

²³ A excepção maior parece-nos ser o Padre António Vieira, autor de numerosos sermões construídos com apuro e de mais de setecentas cartas. E ainda ele se não viu livre de apuros com o Santo Ofício. A questão é que ele não esteve sistematicamente inserido na corte portuguesa como os agentes culturais que tentamos caracterizar. Esteve no Brasil, esteve em Portugal, esteve em Itália, percorria vastos territórios em nome de causas, de convicções, de programas firmados com rigor. Dessa forma, sentia ainda a pressão da Inquisição e foi por ela condenado, no caso da defesa dos cristãos-novos, mas não sentia directamente o impacto da clausura intelectual. E, muito embora seja um génio, não precisa ser entendido como criador de uma nova concepção de arte, porque é quase um fenómeno isolado, um prodígio. Curiosamente é mais estudado no Brasil do que em Portugal, o que vem a confirmar nossas suspeitas de que é também por razões políticas, ideológicas que o período em questão atrai poucos investigadores.

Pode ser uma conexão muito linear, mas não afastemos a possibilidade de ser este um período de eleição do género herói-cómico graças à ambiguidade dos expoentes no cenário cultural. À falta de personalidades que conduzissem o grupo, pequeno ou grande, rumo a algum tipo de projecto nacional, de projecto artístico mais definido e mais arrojado, não teria sido o género herói-cómico alternativa risível, uma saída honrosa, viável?

Destacamos, é certo, o surgimento das Academias neste período histórico – e não só em Portugal, conforme relata Nicole Castan²⁴. Os intelectuais portugueses podem hoje surpreender pouco quanto à excelência dos textos que produziam, mas se reuniam ainda assim. Ao menos, alargavam o círculo de actuação, buscavam outras formas de sociabilidade. Falar com seus pares, usar a palavra, dava-lhes uma compreensão melhor de quem eram, de como respondiam ao preceito da honra, da virtude, da própria cidadania, dentro das práticas e das aspirações da sociedade portuguesa de então. Em Portugal, ainda que num movimento mais tardio que em Itália, em França ou mesmo em Espanha, foram criadas ou recriadas, entre outras: a Academia das Conferências Discretas e Eruditas, a Academia Portuguesa, a Academia Real de História Portuguesa, a Academia dos Anónimos, a Academia dos Ocultos, a Academia dos Escolhidos, a Academia dos Aplicados.

Vejamos a partir de um levantamento publicado num volume temático da revista *Dix-huitième siècle* casos pontuais de mulheres inseridas nas academias francesas considerando-se a França modelo de civilização das Luzes²⁵: Madeleine de Scudery, em 1671, obtivera o primeiro lugar no concurso de eloquência da Academia Francesa. Quase cem anos mais tarde, em 1761, seria a vez de Mademoiselle de Berman ganhar o prémio pela mesma capacidade, dado pela Sociedade Real de Nancy. Já em 1777, era a Academia de Marselha que atribuía a Madame Brisson prémio equivalente. Alguns anos depois, em 1815, Madame Dufresnoy foi premiada na categoria de poesia, o que sucederia a Louise Colet por quatro vezes, em 1839, 1843, 1852 e 1854. Dados mais gerais são: a participação de vinte mulheres francesas em concursos académicos em França no século XVIII; a preferência das mulheres europeias do período em estudo pelos concursos das academias de província, como a de Toulouse. Não sendo abundantes os exemplos que escolhemos, ficámos a perceber que a presença feminina

²⁴ Nicole CASTAN, “O público e o particular”, capítulo da obra dirigida por Philippe ARIÈS e Georges DUBY, *História da vida privada*, v. 3.

²⁵ John IVERSON e Marie-Pascale PIERETTI, “‘Toutes personnes [...] seront admises à concourir’: la participation des femmes aux concours académiques”, *Dix-huitième siècle* n° 36, 2004, p. 330.

nas academias era, em geral, tão pontual que carecia de destaque, de levantamento, de “propaganda”.

Ainda nas academias, como nos textos populares, em Portugal ou na Europa, satirizava-se ou se filosofava sobre a figura da mulher leitora ou da mulher faladora. Os homens não estavam acostumados à mulher social ou intelectualmente activa porque consciente das próprias capacidades. A excepção ficava por conta da mulher que integrava as assembleias, nas quais o protagonismo feminino era claro, conforme relatou Raquel Bello Vasquez²⁶.

Ao irradiar controvérsias no domínio da lógica e ao inventar situações mais corriqueiras para criticar as mulheres, os homens estavam a criar condições para repeli-las de seu espaço de poder, ameaçado, numa prática que ajuda a definir o período em questão, de acordo com a perspectiva de Arlette Farge: “A difamação da virtude feminina é uma arma que pode servir vários alvos, seja o de atingir a própria mulher, seja o de atingir o homem ligado a essa mulher”²⁷. Esse uso da palavra, essa aplicação da palavra em prol de polémicas contra a mulher fazia parte de um jogo social, era uma estratégia para garantir um determinado estatuto social. As mulheres podiam ser controladas pelos homens, desde que rumores acerca da sexualidade, da honra, da virtude feminina fossem espalhados. Como Arlette Farge conclui ao analisar os processos judiciais em França, na segunda metade do século XVIII, se a virtude de uma mulher era atacada, se a honra de uma mulher era posta em xeque, a própria mulher saía desacreditada e igualmente o homem a quem ela estava ligada. A hierarquia social era regulada também mediante esses procedimentos que envolviam a palavra.

Apenas um parêntesis no caso específico de Portugal: aqui nos parece muito importante a retórica do riso, talvez mais frequentemente do que nos textos apologéticos franceses ou ingleses. Em Portugal, a criação de polémicas em torno da mulher parecemos derivar muitas vezes para a oportunidade de proporcionar chacota, de aliviar tensões. Ou seria mais do que isso? Uma versão mais digerível da mesma crítica à mulher, da mesma necessidade de controlar a mulher? Esperamos que, ao entrarmos no tópico que examina o riso da forma como foi usado nos textos apologéticos, tenhamos elementos para aprofundar esta nossa suspeita.

²⁶ Raquel Bello VÁSQUEZ, “Sociabilidade e aristocracia em Portugal no último quartel do século XVIII”, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Setembro de 2004, p. 2.

²⁷ Arlette FARGE, “Famílias. A honra e o segredo”, capítulo da obra dirigida por Philippe ARIÈS e Georges DUBY, *História da vida privada*, v. 3, p. 595.

Havemos de considerar, para encerrar esta introdução, outra razão forte a favor do estudo dos textos de cordel do Setecentos. Atentámos no facto de ao longo do século XVIII ter existido uma série de mulheres europeias que nesse formato e dessa forma publicaram seus textos: mulheres da nobreza, religiosas e sem dúvida até mulheres de vivência burguesa. A tendência inclui um pormenor interessante: a maior parte das autoras sobre as quais pesquisámos na tentativa de melhor compreender as autoras portuguesas do mesmo período, preferiam o género da carta²⁸. E, que se saiba, longe de fazerem da escrita uma profissão, apenas assinavam uma obra. Razões para a descontinuidade? É o que cumpre investigar, até sabermos se, no século XVIII, elas ultrapassaram o limite do interesse em discorrer sobre a maternidade, as viagens em que na maioria das vezes estavam a acompanhar o marido etc.

Enfim, a mulher podia “ser ella misma”, durante o século XVIII? Camila Henríquez Ureña externou inquietação frente a essa lacuna; a nós ainda é quase um exercício de imaginação descobrir essa mulher, se ela mesma se desconhecia, alheia a tantas práticas sociais e suas múltiplas possibilidades. Quando se estuda a escrita feminina, cumpre sempre em grande parte investigar a autenticidade do discurso (mais do que a verosimilhança dele) para, fechados os livros, perguntarmo-nos quem somos, se ilhas desconhecidas, se descobridoras.

²⁸ GIROU-SWIDERSKI, Marie-Laure - “Surprises et leçons d’un inventaire: la prose féminine non-fictionnelle au 18^e siècle”, *Dix-huitième siècle* n° 36, 2004, p. 171.

CAP. I - A RETÓRICA DOS DISCURSOS APOLOGÉTICOS

Vem merecendo estudo a utilização de estratégias retóricas no discurso feminino, uma vez que a arte da retórica consciencializa a mulher quanto aos instrumentos de que ela pode dispor, se desejar partir para uma tomada de posição diferente na sociedade. Na posse dos segredos da Retórica, dizem os críticos mais conscientes da força da linguagem, a mulher pode redefinir-se, individualizar-se. E como se já não fosse uma façanha a busca desse conhecimento adiado tão a contragosto, a mulher pode também confrontar o género masculino; pode mostrar-lhe que o controlo das relações pode exceder o exercício da auto-defesa, devendo a linguagem ser, antes, prerrogativa de quem é capaz de a usar para criar, demonstrando integridade, isto é, coerência entre a criação e o próprio criador. Por roubar constantemente o turno a outro agente social, a outro possível e competente interveniente, não só inibe a expressão livre de um estilo, como mascara o estilo próprio de quem tolhe a participação do outro. Ficamos sempre a conhecer menos de dois corpos e de dois estilos, quando a mulher é silenciada, quando deixa de se pronunciar sobre o género feminino e o masculino.

Acontece que cada sociedade alimenta um número variado de relações entre seus membros, bem como de relações desses membros com a expressão dos seus anseios mais autênticos. Nos meios regulados pela paridade entre os sexos - ou menos escandalizados e inseguros quanto à hipótese de divisão de prazeres e espaços comunitários -, a comunicação flui de forma mais espontânea e assim também a mobilidade entre as esferas de influência ou entre as redes que as pessoas dos dois géneros podem criar a partir do domínio da Retórica. As economias em que transitamos, por exemplo, sendo mais rígidas, são mais fechadas ao desenvolvimento paralelo do género feminino e do masculino. Essa condição traduz-nos e até nos afasta mais dos grupos em que o equilíbrio – sempre tenso – entre homem e mulher teria algo a nos ensinar.

Muito mais restritiva quanto à emancipação da mulher era, a sociedade portuguesa do século XVIII, conforme se nos apresenta nos documentos que extraímos de algumas Miscelâneas e nas citações da crítica especializada.

Isto posto, com que conhecimentos específicos devemos chegar até a mulher do século XVIII, para a ler sem incorrer em anacronismos? Na altura da escrita dos primeiros documentos que analisámos, ainda não havia passado um século desde que a sociedade portuguesa recebera a *Carta de guia de casados*, de D. Francisco Manuel de

Melo. O livro era fruto de muitas leituras sobre o casamento e trazia a novidade de considerá-lo uma instituição imperfeita, sujeita a problemas. A mulher não saía do conflito abonada, no entanto, pois ela era considerada o próprio desafio da vida conjugal, tinha tantos defeitos quanto o marido lições a dar.

O imaginário do público leitor feminino podia estar povoado, também, por textos para orientação/direcção espiritual, sermões proferidos pelos missionários e notícias da actividade pastoral de personalidades portuguesas penetrantes e muito bem articuladas. Não faltavam nomes: Padre António Vieira, Frei António das Chagas, Padre Manuel Bernardes, Francisco Rodrigues Lobo.

O Padre António Vieira consolidou um modelo de discurso apologético. Usou literalmente a expressão “carta apologética”, mais tarde escolhida para o título dos dois textos de Gertrudes Margarida de Jesus. Parecia fazer questão de empregar a própria autoridade e o natural desembaraço para comunicar e estreitar laços, dando com isso exemplo da tenacidade posta a favor de uma causa frágil e nobre. Um pouco do espírito empreendedor português, um pouco do espírito aguerrido da época, o testemunho dele pode ter servido de inspiração para o afincio das autoras do século XVIII. Em 1735 saiu pela Oficina da Congregação do Oratório, em Lisboa, o primeiro tomo das *Cartas* do jesuíta. Em 1757, saía a própria *Carta apologética* de António Vieira. No mesmo sentido também Elias J. Torres Feijó, orientador de uma pesquisa acerca da produção escrita feminina da segunda metade do século XVIII, afirma que Gertrudes Margarida tinha em mente a produção que acabámos de referir, quando preparou as duas defesas que conhecemos²⁹.

Frei António das Chagas, que viajou pelo interior de Portugal para pregar, sendo sempre aguardado por muitas pessoas, durante vinte anos escreveu cartas e sermões, géneros permitidos a um público feminino desejoso de conselhos e em parte por eles pacificado: “Exercita-se a paciência; da paciência nasce a mansidão, da qual Deus muito se enamora”³⁰. As cartas foram publicadas pela primeira vez em 1684 e complementadas em 1687, e não será estranho supor que Paula da Graça, Gertrudes Margarida de Jesus, L.D.P.G. e outras autoras as pudessem ter lido.

²⁹ O texto de Elias J. Torres FEIJÓO que oferece a informação sobre as presumíveis leituras de Gertrudes Margarida de Jesus é “Cartas apologéticas, cartas polemistas. As cartas apologéticas de Gertrudes Margarida de Jesus. Argumentação e inovação” e encontra-se no livro *Correspondências. Uso da carta no século XVIII*, 2005, coordenado por Vanda Anastácio.

³⁰ Frei António das CHAGAS, *Cartas espirituais*, 2000, p. 72.

Pensemos também nas cartas de Luís António Verney, que no *Verdadeiro método de estudar* inseriu a problemática da instrução feminina. Como ele enalteceu a educação das mulheres, ainda que dentro de uma lógica de aperfeiçoamento da economia doméstica, pode ser que tenha até despertado nelas o interesse pela Retórica, apresentada e comentada em todo o livro³¹.

Talvez a mulher setecentista houvesse lido no original francês a obra atribuída a Mariana Alcoforado, uma vez que a primeira tradução para a língua portuguesa surgiu apenas em 1820 - obra de um homem, Filinto Elísio.

Não é possível elaborar um estudo exaustivo sobre o que liam as mulheres leitoras: entre as leituras aconselhadas e as feitas, haverá sempre as clandestinas e as inapropriadas. Gertrudes Margarida de Jesus dá pistas de outras leituras femininas, aplicáveis pelo menos ao caso particular dela, que conforme supomos era muito instruída e bem informada. Ela mencionou duas fontes: o *Dicionário histórico*, do Monsieur Abbade Ladvocat (*Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres*, p. 10) e o *Theatro Heroico*, de Damião Froes Perym (*Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres*, p. 12). Elias J. Torres Feijó, para além disso, associa os exemplos femininos discriminados por Gertrudes Margarida de Jesus aos dados por um autor galego, o célebre monge beneditino Benito Jerónimo Feijoo, autor de um ensaio intitulado “Defensa de las Mujeres”³².

Era portanto inevitável que a mulher, sobretudo a mulher leitora, absorvesse instrumentos discursivos dessas fontes, para poder se manifestar e porventura protestar. Lembramos que “as primeiras reivindicações femininas chegaram até nós pela pena das mulheres do século XVIII”, como já escreveu Teresa Almeida³³. Tal escrita não nasceu do nada, cremos que, em grande parte, a origem da mensagem das escritoras do Setecentos deve buscar-se na literatura, nas leituras que influenciaram essas mulheres.

³¹ Luís António VERNEY, *Verdadeiro método de estudar*, 3ª edição, p. 222: “Estes estudos têm a particularidade de não impedir os mais necessários, e que são próprios das mulheres: falo da economia, que se pode aprender no mesmo tempo que se faz o outro. Diz M. Rolin, com razão, que este é o fim para que a Providência as pôs [as mulheres] neste mundo: para ajudarem os maridos ou parentes, empregando-se nas coisas domésticas no mesmo tempo que eles se aplicam às de fora”.

³² Cf. Elias J. Torres FEIJÓ, “Cartas apologéticas, cartas polemistas. As cartas apologéticas de Gertrudes Margarida de Jesus. Argumentação e inovação” que se encontra no livro *Correspondências. Uso da carta no século XVIII*, coordenado por Vanda Anastácio, 2005, p. 239. A leitura do texto do monge revela visão inovadora e estratégia retórica bastante interessante. FEIJÓ menciona e também cita D. Francisco Manuel de Melo e depois fala directamente para as mulheres, na conclusão: “Sepan, pues, las mujeres, que no son en el conocimiento inferiores a los hombres: con eso entrarán confiadamente a rebatir sus sofismas, donde se disfrazan con capa de razón las sinrazones.” (Fray Benito FEIJOO MONTENEGRO, “Defensa de las mugeres”, p. 36, *In* <http://www.filosofia.org/bjf/bjft116.htm>, consultada em 13.09.2009)

³³ Teresa ALMEIDA, “A longa marcha dos feminismos em Portugal”, in Ignacio RAMONET, Alain GRESH e Martine BULARD (orgs.), *Mulheres rebeldes*, 2004, p. 148.

1. Modelos de mulher fortalecidos pela escrita

Quantas espécies de discurso a respeito da mulher têm preenchido o imaginário colectivo? Há um incontável número de poemas de exaltação das qualidades femininas, sendo que a conjugação de alguns deles cristaliza retratos: mais ou menos verosímeis, mais ou menos férteis, mais ou menos perenes, mais ou menos autênticos. Vale a pena mencionar, à guisa de exemplo, casos expressivos e nem por isso gastos. Dos versos de John Donne dedicados aos encantos e ao mistério que a mulher partilha com quem partilha o leito (“Indo para o leito – Elegia”), aos de Lord Byron, que compôs “Estâncias para a música” para falar da magia feminina que inflama, mas também acalma. Do poema “De tarde”, em que Cesário Verde louvou a simplicidade e a sensualidade femininas num *pic-nic* burguês, às palavras de Alphonsus de Guimaraens, quando do outro lado do oceano se preocupava com a loucura de uma “Ismália” imparável como o sonho e como a noite. Dos versos em que João Cabral de Melo Neto falava sobre a languidez de um corpo de mulher comparado ao fluxo de certo rio fraco³⁴ aos de Victor Segalen em um texto que dizia justamente “A minha amante tem as virtudes da água”. De Maiakóvski que cantou sua “Lílitchka”, a E.E. Cummings que definiu o gozo do amor de uma mulher como o desfrutar do Paraíso, em “Soneto”, passando por Ramón López Velarde que pôs o eu lírico à sombra de uma prima de nome Águeda, ponto de luz difusa no seio da família austera, em “Minha prima Águeda”. Não faltam exemplos de textos literários votados à admiração com que a mulher tem sido observada e amada. Poderíamos recuar aos exemplos da Idade Média, da Antiguidade clássica, dos textos de muitos mitos primordiais de civilizações pré-históricas.

Invariavelmente os discursos moralistas, no entanto, não descortinam semelhantes sentimentos de admiração, mostram antes desconfiança. As obras científicas sobre a fisiologia feminina mais depressa corroboraram suspeitas moralistas do que a atracção literária. Na introdução de *Système physique et moral de la femme*, de Roussel³⁵, ficamos a saber que até os médicos (tanto quanto os moralistas) encaravam como missão da medicina a tarefa de vigiar as necessidades da mulher. O pressuposto de que o autor partia tinha mais um ingrediente contrário à liberdade feminina: o foco dele era a mulher aristocrata, como se a mulher do povo não tivesse a verdadeira

³⁴ Referimo-nos ao poema “Uma mulher e o Beberibe”.

³⁵ ROUSSEL, *Système physique et moral de la femme*, 1845.

natureza feminina, como se ela fosse necessariamente mais viril – e duma virilidade que não a valorizava como valorizava um homem qualquer. Afinal, o que o autor via na mulher aristocrata, para a eleger? A maior qualidade, para ele, era a caridade, porque a essência da mulher seria confirmada biologicamente por uma camada externa da sensibilidade. Como médico, ele apontava até uma doença associável à sensibilidade extrema, ele falava da sobre-excitabilidade nervosa. O maior defeito, por outro lado, seria assim a oscilação moral feminina, fruto da sua sensibilidade física extrema.

Diderot demonstrou simpatia pelas mulheres, mas foi apenas um raro contraponto dentro de uma tópica burguesa mais coesa contra a mulher. O próprio Diderot, nos conselhos a sua filha, controlava a emancipação. A própria existência de manuais através dos quais os cidadãos deveriam saber discernir entre os bons e os maus exemplos femininos é emblemática, pois limitava os raciocínios, pré-definidos os modelos a que eles se aplicavam. *História das mulheres que se tem tornado celebres por seus amores, galantarias, fraquezas, e caprichos, etc*, obra publicada em Paris, pela Bibliothèqure Recreative, no ano de 1837, tem no título quase um índice da manipulação das ideias acerca da mulher.

A cultura que promovia o casamento ou o convento como espaço de segurança e de clausura também nos pode ajudar a compreender o papel construído para a mulher. Se procuramos respostas nesse âmbito, descobrimos que houve um tempo de confiança no sacramento do matrimónio, logo após o Concílio de Trento; em seguida atingiu um período de crença na perfeição do casamento (constatável nos espelhos e guias que procuravam orientar o homem a escolher a noiva ideal). Maria de Lurdes Correia Fernandes lembra que ao longo do século XVI, “... se foi desenvolvendo uma espiritualidade do casamento resultante do apelo ao cumprimento dos deveres sociais, morais e religiosos dos casados”³⁶. As ficções do século XVII e do XVIII parecem ser uma fase do insistente relato das guerras conjugais. Foram momentos de vulgarização do debate sobre as virtudes da mulher, debate este acirrado pelas características decorrentes do alargado convívio social³⁷.

³⁶ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*, 1995, p. 67.

³⁷ Cf. Maria Antónia LOPES, *Mulheres, espaço e sociabilidade*, 1989. A autora fala numa “autêntica euforia pela vida social”, ao procurar recompor o estreitamento das relações entre famílias no século XVIII. O que ela pretendia era introduzir o leitor nas práticas sociais que primavam pela inclusão da mulher.

Uma parte dos impressos inseridos nas Miscelâneas tem pistas para a investigação das transformações sociais e de mentalidade que definem o lugar consentido à mulher.

2. A retórica do rosto

A leitura das marcas visuais comuns no rosto dos textos com que trabalhamos não foi programada nem formulada com profundidade que permita ir além de reconhecer esta classe de publicações dos séculos XVII, XVIII e XIX. Não somos especialistas nem em heráldica nem em artes gráficas, pelo que procurámos, sem maiores pretensões, consultar livros de especialistas para tentar combinar elementos visuais e verbais, sempre no intuito de enxergar com mais nitidez as polémicas que despertaram nossa curiosidade intelectual.

Dois contributos do início do século XX nos ofereceram informações específicas sobre as imagens que vinham impressas nas páginas avulsas da literatura de cordel portuguesa. Teófilo Braga é o autor de um deles. Mencionou várias vezes Baltasar Dias, o autor de *Malícia das Mulheres*. Associava a literatura ingénua de Baltasar Dias às gravuras comuns naquele período, chegando a utilizar adjectivos pesados para as designar (“deploráveis” e “rudes” são dois exemplos dessa caracterização)³⁸. Também levantou uma hipótese plausível para a longevidade do texto que estudamos: atribuiu a duração dos investimentos nesse texto, e em outros similares, à importância que eles tinham nos meios pequenos. Segundo ele, os autos eram representados nas aldeias, por isso interessava reimprimi-los, tinham o conteúdo certo para a curiosidade do povo, para a necessidade de partilhar/participar do povo. Lembramos oportunamente que antes de ser dado a público com o título supracitado, o texto de facto se chamou *Auto da malícia das mulheres*. Ressaltamos um apontamento de Teófilo Braga que ajuda a explicar a repetição das gravuras, a carência de novidades: “o povo exige sempre as figuras mais conhecidas”³⁹.

Também Luís Chaves destacou Baltasar Dias, e mais nenhum outro(a) autor(a) de nossa lista⁴⁰ sem, no entanto, referir a obra *Malícia das Mulheres*. No tocante às imagens das demais obras volantes, enfatizou alguns pontos que cumpre reproduzirmos, como o da posição das ilustrações: elas apareceriam somente na página de rosto, pois

³⁸ Teófilo BRAGA, *Sobre as estampas ou gravuras dos livros populares portugueses*, [19__], p. 506.

³⁹ Idem, p. 505.

⁴⁰ Luís CHAVES, *Subsídios para a história da gravura em Portugal*, 1927.

assim logo cativavam o público. Na mesma linha do que afirmou Teófilo Braga, não sabemos se antes se depois dele, disse que as repetições existiam porque cada gravura ou pequeno conjunto delas marcava um tipo de texto de cordel. As narrativas religiosas tinham a sua gravura definida, as histórias em torno dos reis e das rainhas, idem. As aventuras que envolviam monstros, por exemplo, pediam uma terceira ilustração, que não variava... A mesma gravura podia, assim, ser utilizada para textos estilisticamente muito diferentes. O que ele acrescentou de novidade ao nosso rol de informações incidia porém na indefinição entre gravação artística e gravação popular. Ficámos a saber que, apesar de os trabalhos iconográficos, a partir daquele período, terem ganhado em qualidade, sobretudo pela intervenção de gravadores estrangeiros, nem esses artistas mais preparados estavam preocupados com a assinatura das obras. Todas elas saíam sem o crédito ao autor a que hoje estamos acostumados: ao autor de gravura mais ainda que ao autor de texto, que também era muitas vezes omitido. Por fim, salientamos um pormenor que pode fazer a diferença em nossa leitura: “Sem esquecer nem admirar que, dos impressores, alguns teriam êles [sic] próprios, feito também a gravura de ilustração”⁴¹.

Duas edições do *corpus* não têm qualquer marca visual específica. Uma delas, significativamente, chama-se *Nova relação contra as Mulheres ou parvoices dos seus enfeites*. A associação entre as palavras “parvoíces” e “enfeites” faz jus à falta de adornos no impresso. A outra é *Devoção das mulheres da moda na igreja e o modo com que nunca ouvem missa*.

Examinemos o restante.

Dois textos têm tão-somente os enfeites de tipo mais simples. São eles *Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres* e *Segunda parte da pregação de João Coelho, feitas as senhoras Mulheres da moda*. O primeiro texto tem na página de rosto seis linhas horizontais paralelas, recheadas de pequenas estrelas que vão diminuindo de quantidade de cima para baixo, de forma que a linha do alto tem sete estrelas e a de baixo tem só uma. O segundo texto possui linha à guisa de moldura com tracejado suave, em uma das páginas.

Já a variedade de desenhos mais rebuscados está representada, por exemplo, na edição de 1805 do texto *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens*, de L.D.P.G.: é uma figura parecida com um losango ou com um escudo. Dos vértices

⁴¹ Idem, p. 10.

laterais da esquerda e da direita pendem dois fios idênticos: mesmo comprimento e com berloques nas pontas. Há duas linhas horizontais mais grossas, paralelas, muitas linhas curvas e também arabescos e pétalas. Nada, no entanto, que nos ajude a atribuir sentido inequívoco à imagem, o que no fundo concorreria para associarmos conteúdo visual a conteúdo verbal. Será este tipo de ilustração só um índice do capricho, do zelo com que se levava ao público erudito do século XVIII um texto dessa natureza?

Embora a generalidade destes textos de cordel seja parco em ilustrações, encontrámos cinco exemplos de vinhetas mais eloquentes: 1) com cenas bucólicas; 2) com ilustração mordaz; 3) com cenário urbano; 4) com cena que representa uma

situação de instrução; 5) com uma actividade humana lúdica/ritualística.

A primeira vinheta pertence a duas edições de *Malícia das Mulheres* que consultámos, a de 1738 e a de 1759. É interessante que a oficina tipográfica responsável pela publicação muda, mas a vinheta permanece⁴². No canto inferior esquerdo do rectângulo é representada uma fonte a verter água, perto dela um trabalhador seguido por cães, no canto frontalmente oposto a ela está um músico que entretém as pessoas que passam, no alto e ao centro do rectângulo vemos duas mulheres de mãos dadas a caminharem pelos campos (Serão duas amigas? Duas irmãs?), ao longe, como que noutra colina, estão



Fig. 1- Página de rosto de texto do 1º bloco (BNP)

algumas casas. A presença das mulheres chamou-nos atenção porque elas caminham descontraidamente, ao passo que o trabalhador (pode ser um caçador com seus cães) caminha para transportar um cesto ou coisa que o valha e o músico tem também sua utilidade, está a entreter outras pessoas. Portanto, a mulher é a única que surge

⁴² “É interessante” porque ou contraria ou relativiza de certa forma a informação que nos chegou a partir de Maria José Moutinho SANTOS na dissertação “O folheto de cordel: mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII (1750-1800)”: “... a cada Oficina correspondiam gravuras e vinhetas próprias, identificando assim, e também desta maneira, a proveniência dos Folhetos” (p. 8).

representada como vã. A **Fig 1** ajuda a visualizar melhor o quadro, sem esquecermos que o site da BNP regista “grav. xilogr. com cenas alusivas ao tema do texto” e “no final do texto, vinheta xilogr.”.

A segunda vinheta diferenciada está na edição de 1720 do mesmo texto, *Malícia das Mulheres*:



Fig. 2 - Página de rosto de texto do 1º bloco (BPMP)

Um rectângulo circunscreve uma imagem intrigante. À esquerda, uma figura que tem corpo humano do pescoço para baixo; os pés, no entanto, são os de um bode (na cultura ocidental essa pode ser uma das metamorfoses do diabo, talvez mais comum do que algumas outras, como a que refere unhas e patas de macaco⁴³); a cabeça lembra também um bode ou outro animal. À direita na gravura, uma mulher segura um cálice. Eles conversam frente a frente. Estão a celebrar um contrato? Estará a mulher votada à derrota, como o diabo estava nas narrativas orais? Difícil fugir, no mínimo, à constatação de que a mulher estava a ser equiparada a toda a carga negativa que se atribuía e se atribui ao diabo... A misoginia, por conseguinte, é explícita.

⁴³ Cf. Luis da Camara CASCUDO, *Dicionário de folclore brasileiro*, 1988, p. 291, e Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário de símbolos*, 1994, p. 264. A primeira fonte dá prioridade à transmissão de informações concernentes ao Brasil e a Portugal, ao passo que a segunda tem carácter mais geral e é autoridade mais reconhecida.

A terceira vinheta saiu no texto *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres*, edição de 1805, da autoria de M. D.M.C.D.M.E.C.. Um cenário urbano foi simbolizado por edifícios mais ou menos exuberantes, com torres pontiagudas e portais amplos, tudo recortado por linhas onduladas. Seria, por ventura, uma proposta de leitura? Subentenderia o leitor deste folheto de cordel um discurso da urbanidade, ditado pela necessidade de polir os argumentos usados contra o género feminino, para melhores frutos colher dessas críticas? De facto o texto tem indícios retóricos que podem ser lidos como instrumentos de adequação a um outro nível de civilidade, da conversação: há mais citações em latim, há muito exemplos, há enfim um esforço lógico-argumentativo para tornar o debate mais elevado.

A quarta vinheta especial está no texto *Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta*, de Paula da Graça. O que o texto verbal representa concretamente é um caso de consulta, de aconselhamento, patente também no texto icónico. Visualizamos um livro/caderno aberto e uma mesa entre dois interlocutores. Um deles, o que está sentado numa poltrona de costas altas, tem os olhos protegidos e aponta com o dedo indicador da mão esquerda para o texto apoiado nessa mesa; com a mão direita espalmada, polegar no alto, gesticula para a mulher. A mulher que com ele interage está em pé, do outro lado da mesa, tem os olhos postos no livro/caderno e a mão direita estendida em direcção ao mesmo objecto. Ela o está a ensinar? Ela está a aprender com ele? Ela está a ouvi-lo declamar? Ou a usufruir de um momento que só a cultura letrada permite? Ela estaria a assistir e ao mesmo tempo a imaginar que os homens, aqueles que podiam com mais sorte ler e escrever, eram contudo cegos, quer dizer, eram débeis transmissores da palavra e do conhecimento transmitido por meio dela? cremos que a escolha de uma ilustração como essa é um claro reflexo do que a autora assume ao escrever. A ânsia por rir e fazer rir fora sugerida verbalmente, como um trunfo feminino; a cumplicidade com as leitoras, declarada, porque era buscada. O desejo de participar numa contenda estava comunicado logo nas primeiras linhas. Muitos signos visuais convergiam para a assunção, neste texto, de uma postura activa em benefício da visibilidade feminina, do direito da mulher à instrução e à criação de uma atmosfera leve, que se pode e se deve aceitar, porque bem-humorada.

A quinta vinheta digna de nota é a excepção neste breve levantamento. A primeira página da edição de 1860 do texto *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens* mostra duas moças e dois rapazes de mãos dadas, em roda, sobre uma superfície cujo formato lembra uma folha de árvore. Só o estarem essas personagens a

“pairar” na folha de papel sem um qualquer enquadramento já distingue o desenho dos restantes descritos. A imagem do círculo, da roda, sugere equidistância, paridade, que pode bem ser a paridade entre os sexos feminino e masculino. A actividade dos quatro elementos tem um carácter lúdico e de união. Podem estar a confraternizar, respeitando as regras de um jogo em que a participação feminina e a masculina são igualmente importantes e necessárias, como numa dança que se estrutura aos pares.

As fontes que nela foram usadas também diferem muito das encontradas nos outros textos. O exemplar de 1860 é o único cujas letras variam bastante entre si numa mesma página. Os tamanhos diferem, as próprias fontes diferem, apenas na última linha as palavras estão grafadas de maneira a imitar a letra cursiva, nas restantes já foram utilizadas fontes mais regulares (quadradas), semelhantes às que hoje são recomendadas para facilitar a leitura dos documentos académicos, por exemplo. É este também o único texto com letra a sugerir perspectiva, profundidade. A palavra “mulheres” encabeça a página, valorizando claramente o tema e visando, talvez, um público preferencial. Além de nos conferir a sensação de que sai do papel, ela tem, em cada uma das letras, pequenos enfeites claros sobre um fundo escuro.

Malícia das Mulheres, na edição de 1814, *Carta e resposta sobre o odio dos inimigos francezes e Defeza do bello sexo ou resposta ao papel intitulado ‘Malícia das mulheres’* contém a mesma imagem: uma coroa por cima dos cinco escudos de Portugal, esses protegidos por grossas linhas numa trama. Os três textos são de “Impressão Régia”, o que esclarece a representação gráfica. Mas esta chancela da Impressão Régia, ainda que possa ter sido paga pelo autor que nela editava, é também significativa ideologicamente, parece-nos uma aproximação do folheto de cordel ao discurso oficial e um distanciamento da circulação popular.

3. A retórica da oralidade

Concentremo-nos em outro aspecto, em si bastante ligado à qualidade das gravuras seleccionadas para os folhetos de cordel. Se elas eram arcaicas, populares e ingénuas, em sua maioria pronunciavam, como vimos, uma linguagem verbal que tinha igualmente que estar ao nível do público pouco alfabetizado, interessado em instrução que divertisse (ou não espantasse) pela formalidade. Até as crianças ou as pessoas de cultura menos erudita deveriam ser capazes de ler tais gravuras, bem como ler (ou ouvir) essa mensagem verbal dos papéis volantes.

Daí sem dúvida a aposta das autoras das cartas em um tom que se avizinha da oralidade. A influência que essa opção exerce ainda hoje no leitor é o que nos move a salientar a despretensão bem construída, a fluidez do discurso e o à vontade da oralidade.

Ao enfatizarmos o carácter coloquial usado para captar a atenção do público leitor, exemplificamo-lo sobretudo com os textos das autoras Paula da Graça e L.D.P.G. e (ainda que em menor medida) com o de Gertrudes Margarida de Jesus.

Paula da Graça, autora de *Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta*, lançou mão da expressão “minhas leitoras” no prólogo, antes das quintilhas, nada mais, nada menos do que nas primeiras palavras da elocução. Além disso, proclamou-se logo procuradora das mesmas leitoras, atitude que, se aproximava emissor e receptor, promovia um elo e, com ele, talvez conquistasse retoricamente maior adesão aos argumentos apresentados. A parte do texto que nasceu como ficção, a parte poética, traz-nos logo outro vocativo, “filha”, para construir a situação dramática de uma conversa entre uma consulente e uma consultora. Sabemos também que a narradora é, então, uma mulher, tal como é mulher a personagem com quem o eu lírico fala.

L.D.P.G., autora de *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens*, empregou o termo “senhoras” para definir o público imaginado, fazendo-o igualmente à primeira linha do seu escrito. E não manifestou desejo de intercambiar estilos, projectos, pensamentos soltos ou o que quer que fosse com o público masculino. Temos de salientar neste texto setecentista a invulgar exclusão do público masculino. Essa exclusão é essencial para manter a força da assertiva e para compreender que ela desejava falar para um grupo feminino, com interesses afins. A estratégia discursiva visava sem dúvida angariar simpatia desse público e alimentar o trânsito entre aqueles que debatiam a honra feminina nas páginas dos textos levados a público. É de sublinhar o plural no vocativo “senhoras”, pois, neste contexto, ele é sinal de uma consciência de género.

Carmen Alborch indica alguns pontos em que a cumplicidade entre mulheres se sustenta. Destaca a relação com a mãe, por exemplo, por ser efectivamente a primeira relação de uma mulher. Não deixa de alertar, no entanto, para a **ambivalência** que está contida em tal relação. É um contacto íntimo e de iniciação que produz ao mesmo tempo amor e inimizade, padrões a serem reproduzidos em todas as relações posteriores travadas pelas mulheres. A palavra que a tradução portuguesa escolheu para resumir o

que a vivência com a mãe desencadeia é “rivalidade”⁴⁴. Mulheres encarariam mulheres como rivais em potencial, porque cada uma estaria a competir com as outras pela atenção de um homem e, por trás disso, estariam a competir pelo acesso ao mundo patriarcal.

Nesse preciso sentido, o da ambivalência que rege as interações mulher-mulher, é significativo que as autoras Paula da Graça e L.D.P.G. tenham preferido a **cumplicidade**, conquistada por meio de um tom ameno, da simpatia feminina, do uso do plural nos vocativos “Minhas leitoras” e “senhoras”. Poderiam ter simplesmente demonstrado erudição, repetindo as citações de costume. Seria um modo de atingir o nível em que os homens tradicionalmente se colocavam. Que ganho reside, então, nesta opção pela oralidade e, como consequência, pela cumplicidade?

Talvez haja uma transgressão mais arrojada nessa estratégia. Mais do que se igualarem aos homens, elas se igualariam a eles na capacidade de escrever para logo em seguida se tornarem diferentes deles no modo de o fazer. Ousariam escrever e protestar, mas com uma linguagem própria. Afinal, quantas mulheres naquela época teriam dado especial ênfase ao estabelecimento de um canal discursivo entre mulheres? Quantas mulheres teriam desejado em voz alta que as mulheres criassem grupos de reflexão ou de entretenimento? Quantas mulheres teriam vislumbrado nos caminhos partilhados uma hipótese para a independência? Em épocas posteriores, autoras como Virgínia Woolf, Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, por exemplo, levariam novamente a público, na forma de ensaios ou de grossos volumes, ideias dessa natureza. O próprio estudo da literatura escrita por mulheres no século XIX, desenvolvido pelas duas últimas mencionadas, contou com um clima de parceria e de **companheirismo**⁴⁵. O passo dado pelas escritoras setecentistas tem de ser aludido e valorizado, ressaltada a técnica de que lançaram mão.

⁴⁴ Carmen ALBORCH, *Mulheres contra mulheres?*, 2004, p. 21.

⁴⁵ Cf. Sandra M. GILBERT e Susan GUBAR, *The madwoman in the attic*, 2000. Na introdução à primeira edição do livro, as autoras inseriram um comentário oportuno a respeito do espírito de colaboração entre elas. Haviām leccionado juntas no ano de 1974, na Universidade de Indiana, tendo como eixo temático a literatura feita por mulheres. Experimentaram naquela ocasião o impacto da produtividade dos professores, bem como a solidão por estarem ambas longe de casa e da família. Tais professores, em maior número do que as professoras, pareciam todos embevecidos com a própria capacidade de dedicação ao trabalho acadêmico. A amizade entre as duas mulheres começou quando notaram esse “transe” deles e passaram a ter pequenos *insights* sobre a condição de mulheres intelectuais naquele contexto. Os maridos eram acadêmicos mais destacados na carreira, os colegas eram obstinados, os empregos destinavam-se a eles, restava a elas, as esposas, cargos supostamente menos exigentes. A tomada de consciência veio e com ela uma sucessão de outras percepções que cada uma sabia adivinhar e estimular na outra.

Vale lembrarmos ainda a dupla Lília e Josina, do folheto *Defeza do bello sexo ou resposta ao papel intitulado 'Malicia das mulheres'*. A autora do texto dizia se chamar Lília e nos apresentava uma amiga (“cara”, “terna”, objecto de uma “doce amizade”) a cujos apelos estaria atendendo quando decidiu responder ao autor de *Malicia das Mulheres*. Ditadas pela convenção literária ou por gosto pessoal, dezasseis quadras do texto faziam as vezes de introdução ao assunto principal. Nelas o eu lírico feminino se mostrava atormentado. Recapitulou uma cena que não é de todo inusitada: enquanto pessoas mais felizes dormiam, ela decidira estar desperta para pensar nas relações próximas e nas relações sociais, não conseguindo, por isso, aproveitar a quietude da noite para descansar. É importante a referência a este discurso escrito durante a noite, distanciando-se a autora não só das pessoas felizes do espaço ou do tempo solares, mas também da visibilidade solar e diurna. Não deve ser lida, cremos, como uma mera referência pré-romântica (o documento é de 1812), mas sim como indício de uma certa invisibilidade da escrita feminina. A mulher, tantas vezes associada à Lua, adoptaria o discurso lunar, o da humildade, o das sombras⁴⁶. Lília aludiu a três cartas da amiga e só então daria início a um discurso sobre as mulheres. Após a defesa do belo sexo, terminaria dando à amiga recomendações para que fosse justa, lúcida e amasse a Deus.

A mesma tensão entre visibilidade e humildade se verifica na *Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres* e na *Segunda carta Apologetica, em*

⁴⁶ Para constituir uma lista sucinta a respeito das significações de Sol e de Lua nas analogias com homens e mulheres, é oportuno referir: 1) a presença da noite associada à mulher em, no mínimo, alguns mitos indígenas brasileiros. Na maioria desses textos ficcionais a mulher sofre transformações durante a noite, as quais têm sempre carácter obscuro e/ou sobrenatural, são escondidas do homem (geralmente o marido com quem ela vive), até que ele as desmascara e rejeita a face lunar da mulher. Em algumas versões ele ainda a segue, quando ela retorna de outro mundo e o convida a acompanhá-la. O endereço eletrónico http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000200015 contém resumos de histórias indígenas que ilustram a ligação da mulher com a noite, feitos por Betty Mindlin.; 2) a *Carta de guia de casados*, de D. Francisco Manuel de Melo, na qual o homem corresponde ao Sol e a mulher, à Lua: “O marido tem as vezes de sol em sua casa, a mulher, as de lua; alumie com a luz que ele lhe der e tenha também alguma claridade”, (2003, p. 62); 3) um conto moçambicano de Mia Couto. A edição portuguesa do livro *Vozes anoitecidas* (Lisboa, Caminho, 1987), de Mia Couto, tem no conto “Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?” um exemplo da crença na existência de mulheres que “à noite transformam em animais e circulam no serviço da feitiçaria” (p. 87); 4) o romance de José Saramago, *Memorial do Convento*, em que os protagonistas Baltasar e Blimunda têm as alcunhas de, respectivamente, Sete-Sóis e Sete-Luas, “Tu és Sete-Sóis porque vês às claras, tu serás Sete-Luas porque vês às escuras” (Círculo de Leitores, 1988, p. 77); 5) os verbetes “Lua” e “Sol”, presentes no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, editado por Luís da Câmara Cascudo (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993), já que neste texto o autor refere estudos que incluem a tradição portuguesa, entre muitas outras (ele menciona, por exemplo, trabalhos de Pierre Loti, Paul Sébillot, Ellworthy). O Sol tem conotações positivas, conforme os registos de Luís da Câmara Cascudo, pois “É o grande inimigo das forças do Mal, e raro e difícil será o feitiço que possa operar durante as horas luminosas do sol” (p. 716). De acordo com as páginas 443, 444 e 445 do dicionário, a Lua liga-se à mulher, uma vez que tem até influência na gravidez (diga-se influência negativa, a chamada “luada”), e é invocada por moças de várias culturas para trazer um futuro amor e outrora estava associada a Diana.

favor, e defesa das mulheres, de Gertrudes Margarida de Jesus. Também esta autora se apresenta assumindo a tarefa de defender as mulheres contra acusações falsas feitas por um homem, neste caso o Irmão Amador do Desengano. Fa-lo-á pela comparação entre os poderes dos sexos e pela alusão à participação da mulher nas letras. Além disso, ela logo vai destacando, com subtileza, os seus conhecimentos de História ou de Latim, como se o seu interlocutor masculino também dominasse tais matérias (ou devesse dominá-las). E termina, contrariando o estilo do seu interlocutor: “Fico para servir a V.C.” (*Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres*, p. 13) e “Não molesto mais a V.C.” (*Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres*, p.12) – ainda que as fórmulas possam ser lidas como irónicas formalidades. Por todas essas estratégias retóricas não estamos mais a falar somente do recurso ingénuo à carta e à oralidade enquanto formas de defesa da mulher.

Gertrudes Margarida de Jesus igualmente associou a mulher à formiga e o homem ao leão, para dizer que até uma formiga reage, quando está prestes a ser esmagada (o verbo que ela usa para designar a acção do leão é curiosamente “trilhar”). A qualidade que ela via na formiga – e que desejava ressaltar na mulher – era a humildade. É possível pensarmos na ambiguidade deste conceito de humildade ou na inusitada comparação com que a autora introduz a ideia de humildade: é humilde quem mostra as garras; se a ocasião exige que a formiga lute repentinamente, ela com humildade usa as armas que tem. Não será esta uma forma diferente de enveredar pelo conhecido caminho da fragilidade do sexo? O que tem a humildade com a opção (neste caso, forçada) pela luta? Não nos parece, assim, uma estratégia muito clara da parte da escritora, que para marcar a diferença no rol de mulheres a defenderem a mulher ou bem se inclinaria pela vertente da fragilidade ou bem se aventuraria na da luta.

Além disso, Gertrudes Margarida de Jesus ponderou ainda o facto de os homens terem papel mais sólido no sistema literário, que as mulheres. Mas na verdade, se elas escrevessem tanto quanto eles, tratariam de defender-se na mesma medida. O raciocínio prossegue: se eles tinham papel mais estável e destacado na literatura, era porque se valiam de todas as circunstâncias que os colocavam em condições de definir e descrever a mulher como queriam. Escolhiam, por deformação de consciência, compor o pior dos retratos. Segundo ela, a mulher faria o mesmo, caso pudesse. Mais uma vez, fica a impressão de que ela pretendia muito mais tratar da luta que da humildade. Ao recusar a exaltação, a sátira foi mais corajosa, mais combativa, mais erudita e mais serena e por isso superior em tudo na maneira de argumentar em prol da defesa da mulher.

Destacamos outro procedimento retórico da autora: ela utilizou “ora veja” (p. 5), “veja” (p. 5), “ora permita-me” (p. 6) e “ora vá ouvindo” (p. 8) na *Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres*, repetiu depois a última expressão na *Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres*. As marcas remetem para a oralidade e, através dela, para a capacidade feminina de produzir discurso fluente, prolixo e com aquela espontaneidade (forjada, no entanto, porque retórica) de quem espera estabelecer uma afável e serena conexão com o interlocutor.

Já quanto ao texto *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens*, de L.D.P.G., ressaltamos a selecção vocabular do subtítulo (*Relação cómica e histórica para divertimento de quem a comprar e utilidade de quem a vender*). O jogo de palavras apoiado nos contrastes entre “comprar” e “vender” e entre “divertimento” e “utilidade” foi usado na edição sem data e depois perdido na edição de 1805. Muito possivelmente tinha como intenção remeter o leitor (ou a leitora) aos princípios horacianos (“aut prodesse aut delectare” e “utile et dulce”), segundo os quais o texto deve ser ao mesmo tempo proveitoso e prazeroso, isto é, transmitir saber e proporcionar fruição, estando o dever associado ao deleite. Horácio de igual modo escrevera que “No arranjo das palavras deverás também ser subtil e cauteloso e magnificamente dirás se, por engenhosa combinação, transformares em novidades as palavras mais correntes”⁴⁷, outro preceito que parece ter sido ouvido por L.D.P.G.. Ainda mais se tiver sido ela a autora do subtítulo que parodia o preceito horaciano, separando o prazer de quem lê da utilidade de quem escreve...

4. A retórica do riso

Tenhamos em conta que os textos de nosso *corpus* que não possuem narrador de 1ª pessoa e narratário explícito podem não estabelecer um laço com o leitor tão directo quanto o firmado por meio de um contrato entre narradores de 3ª pessoa e as “leitoras”, “senhoras” e “filha”. Mas podem criar, ainda que por outros caminhos, uma certa empatia com o leitor.

A jocosidade parece-nos fazer parte dessa estratégia de atingir o público mais intimamente, numa época de questionamento dos valores tradicionais. Ana Hatherly refere a jocosidade como um dos “processos de persuasão mais correntes na época”⁴⁸.

⁴⁷ HORÁCIO, *Arte poética*, 1965, p. 59.

⁴⁸ Ana HATHERLY, *Poesia incurável*, 2003, p. 242.

Olhemos um pouco para *Malícia das Mulheres*, de Baltasar Dias. Com humor, o narrador (que evoca a tarefa de um “senhor”) aproveita para discorrer sobre o peso do casamento. O vocabulário seleccionado é trivial, às vezes mais do que isso, pois chega a uma certa grosseria: “O gato da nossa Marta, /Que o demo cá foi trazer, /Cagou toda esta quarta, /Que tínheis para beber”. Notemos no seguinte excerto, “Se vê trazer um calçado, /Ou um vestido à vizinha, É o coitado esfolado” (p. 4), o nome e o verbo usados no último verso. São amostras da construção semântica que apela ao risível, ao zombeteiro com a finalidade de criticar o comportamento da mulher. Ela, que tudo cobiça e tudo destrói, transforma o homem num animal. O mesmo processo de animalização pode aliás ser mútuo: à animalização ou domesticação do animal, se responde, afinal, na mesma moeda. Voltaremos a encontrar vocabulário mais rude no texto *Segunda parte da pregação de João Coelho, feitas as senhoras Mulheres da moda*: “fedia” (p. 3), “marafona” (p. 4), “jarreta” (p. 4), “cadela” (p. 7).

Paralelamente à escolha do vocabulário vejamos que, dentro da primeira narrativa de *Malícia das Mulheres*, há um segundo nível intradieético, no qual se encaixa uma história com sentido cómico. A voz que fala no poema pede atenção para incutir na memória do leitor determinada história exemplar e principia a contá-la. Conhecemos a partir de então duas comadres maldosas, especialistas em pregar peças aos maridos⁴⁹. O que elas querem é a desonra deles e o deboche, pretendem rir dos maridos depois de expô-los a situações ridículas⁵⁰. Assim que a narrativa das peripécias dessas mulheres termina, a voz do primeiro nível de narração volta ao discurso contra o casamento, insistindo na caracterização baixa, votada ao relato da acção bruta e não à

⁴⁹ Para manter a rima (“folgares” com “manjares” e “galinhas” com “daninhas”, palavra que escapa à transcrição) e para enriquecer a descrição das comadres, o eu lírico diz que eram “Tão amigas de folgares, /Como de comer galinhas /E outros gostosos manjares”. Elas comem, bebem, dormem a sesta e apimentam o dia-a-dia, como quem está disposto só para os prazeres baixos. Em seguida lemos sobre sujidades que elas aproveitam nas armadilhas e outros instrumentos afins, sempre orientadas para o que não é elevado.

⁵⁰ Outra seria a situação, se os autores dessa variedade de textos apologéticos recorressem à ironia mais fina, em vez de recorrerem à troça. Dariam mais ênfase à razão, por exemplo, abandonando a vertente emotiva (que no preciso caso dos textos jocosos, busca a produção de um estado de ânimo leve, divertido, inconsequente). Facto é que os textos de que tratamos eram eficientes desde que colassem à figura estereotipada da mulher ou do homem um retrato capaz de entreter o leitor e de contornar conceitos debatidos nas tertúlias e nos textos impressos de outros países. A honra como virtude feminina vinha sendo tema de discussão no século XVIII; em Portugal, nos textos de nosso *corpus*, surgia na forma de grande prova das qualidades femininas. Tais qualidades, no projecto das autoras, fariam da mulher merecedora de reconhecimento em sociedade. Teresa Margarida da Silva e Orta no subtítulo daquela que muitos críticos consideram a primeira edição de *Aventuras de Diófanés*, utilizou, aliás, uma palavra que nos interessa, “virtude”, redefinindo-a em conjugação com a formosura do belo sexo: *Máximas de virtude e formosura com que Diófanés, Climenea e Hemirena, príncipes de Tebas, venceram os mais apertados lances da desgraça, oferecidas à Princesa nossa Senhora D. Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana* (o grifo é nosso).

reflexão: “Há aqui homens tão sofridos, /E mulheres tão malvadas, /Que quando estão agastadas /Pelam as barbas aos maridos, /E os moem a pancadas” (p. 7).

Se a mulher tinha muitas vezes sofrido críticas e sido alvo de chacotas, vingar-se-ia com estas maldadezinhas subversivas. Ao invés de se comportar de maneira desleal para com o seu sexo, a mulher se irmanara com outras mulheres, e dirigira para o homem seu poder de ataque. Baltasar Dias, o autor, provavelmente quis demonstrar que a mulher é, muitas vezes, vil – e isto na época pode ter bastado para a parcela da população que apenas isto queria ouvir -, mas estava a referir, no fundo, um tipo de trunfo, de poder que a mulher tem: o de se unir contra o sexo masculino.

Paula da Graça, em *Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta*, percebeu a fragilidade do relato e fez troça, dizendo: “Concedo que aquelas duas/ enganassem seus consortes, /e que fizessem das suas/ travessuras, as mais fortes,/ sendo em ambas mui comuns./ Mas os dous casos referidos/ mostram tal basbaquidade/ naqueles tolos maridos,/ que só fora iniquidade/ livrá-los de ser corridos./ Só se ensinam às pancadas/ os tolos...” (p. 5). Ela pôde, assim, ser irónica, isto é, desfrutar de uma outra forma de riso. Paula da Graça é, dos autores recolhidos, o melhor exemplo da importância desta estratégia pelo riso. Já no prólogo manifestou intenção de fazer galhofa e de divertir as leitoras, tudo em nome da dita “jocosidade”.

Como postularia Bergson⁵¹, a ausência de empatia para com a vítima acompanha o riso. O riso, então, é estranho à compaixão. Pretendendo despertar revolta pela maldade das duas mulheres, Baltasar Dias fomentou o cómico. Mas Paula da Graça transformou a maldade das mulheres em vingança justa, destruiu qualquer empatia com as vítimas; o que concorria para emocionar, pela fraqueza da construção satírica do autor, forneceu no fundo substância para o cómico. Não nos conduzindo habilmente para sentir afecto pelos dois, antes conseguiu que tivéssemos vontade de rir, de compreender com inteligência o papel de bobo que eles próprios incentivavam. Não simpatizámos com os maridos, rimos agora com as respectivas mulheres (pelo menos à socapa).

Talvez Paula da Graça tenha sabido explorar melhor ainda outro ponto em que Bergson insistiu: a função social do cómico. Em Portugal, ainda que em graus diferentes de alguns países ou regiões da Europa, crescera o número de mulheres alfabetizadas e de possíveis leitoras. O momento histórico de meados do século XVIII era propício para

⁵¹ Henri BERGSON, *O riso*, 1993.

aguçar a consciência dos leitores em geral (homens e mulheres) acerca das capacidades da mulher, e a autora o fez por meio do riso. Sem contar que a advertência lógica que ela fazia seria cativante em qualquer época. A narradora saiu-se com um irónico “Que martírio não atura/ quem dá c'um desconfiado?/ Não vale toda a lisura./ A cautela é um atentado,/ que leva à sepultura” (p. 5).

Charles Baudelaire deu um peculiar contributo para o entendimento do riso. Viu no riso um sinal de superioridade de quem o provoca e de quem o experimenta⁵². Chamou a atenção para o gozo que o espectador sente diante da fraqueza de um outro, um outro distraído ou atrapalhado; só aquele que se reconhece como superior está em condições de rir do outro. Voltando ao caso dos maridos maltratados, isso significa que encarnavam um tipo de miséria humana de que as mulheres puderam rir e que os homens consideravam menos importante do que a malícia atribuída às duas comadres.

O poder do riso ficou nas mãos das mulheres, a autora Paula da Graça e as suas leitoras. A pouca literacia dos leitores desse tipo de folheto de cordel ou quem sabe a moral da época, no entanto, podem ter contribuído para que houvesse tantas edições do texto de Baltasar Dias; o texto era simplório na sua constituição, mas tinha um público cativo à medida. Paula da Graça aludiu a essa assimilação fácil da obra que ele procurava combater: “...tantas sentenças, quantas são as aprovações que aquele famoso libelo acha entre as pessoas do povo...” (p. 3). O povo que concordara com Baltasar Dias havia de estar melhor servido e consolado quando risse com ela.

5. A retórica da máxima

Não conta pela quantidade, mas pelo teor, o facto de haver aproveitamento de máximas nos textos em apreço. Os exemplos que colhemos, no entanto, parecem não corresponder rigorosamente ao que Aristóteles prescrevia ou não corresponder à totalidade dos conselhos retóricos que ele dava⁵³. Recomendava ele que as máximas fossem a opção discursiva dos mais idosos, de preferência, pois não ficava bem que as pessoas novas, sem grande experiência de vida, opinassem e fizessem elações a partir de acontecimentos passados apenas com os outros. Além disso, ele também propôs uma distinção entre as máximas e os entimemas, para valorizar a concisão da primeira fórmula. Destacou o papel dos provérbios neste quesito, dizendo que eles às vezes assumiam a função de máximas. Por fim, sublinhou que não importa quantas vezes as

⁵² Charles BAUDELAIRE, *Da essência do riso*, 2001.

⁵³ ARISTÓTELES, *Retórica*, 2005, p. 208.

máximas tenham sido repetidas nos discursos em geral. Se são boas, é correcto utilizá-las e o facto de terem muito uso quer mesmo dizer que têm boa aceitação.

O que se sucedeu nos textos aqui em apreço?

Todos, em geral, de autoria masculina ou feminina, aproveitaram a força retórica da máxima. *Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta* fez alusão a “aqueles ditados de Esopo” (p. 6). Abundam sobretudo as máximas sob a forma de provérbios. *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres* reproduziu a expressão “cobrir o Sol com uma joeira” (p. 3). O *Espelho critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres* referiu o axioma “Fogo, mar e mulher três males são” (p. 5). *Devoção das mulheres da moda na Igreja, e o modo com que nunca ouvem missa* argumentou que “Quando o pão de rala tufa, que fará o pão alvo” (p. 1), implorou que “Água benta nos lave, Jesus Cristo nos salve” (p. 3), assegurou que “o boi solto lambe-se todo” (pp. 4-5), que “nem tanto ao mar, nem tanto à terra” (p. 5), que “filhas são pedaços da alma” (p. 6), que “o casamento e a mortalha do Céu se talha” (p. 7), que “se tiver de suceder, sempre há-de ser” (p. 7) e que “filho és, pai serás” (p. 8).

Não podemos asseverar que entre nossos autores, de que sabemos muito pouco, houvesse idosos. Mas é curioso que estes discursos satíricos ou apologéticos tenham utilizado máxima sem sinal de maturidade, não dos autores, mas dos seus raciocínios. A máxima remete para a segurança do que afirmam, tanto quanto para a antiguidade (cf. argumento ad vetustum) e logo empírica permanência da verdade que afirmam.

Realçamos também a separação a que procedeu M.D.M.C.D.M.A.E.C., autor de *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres*, deixando ficar de um lado a expressão “cobrir o Sol com uma joeira” e do outro o epílogo ou a explicação para ela, que é o fragmento “louvar as senhoras mulheres foi o seu intento e o meu intento agora será desfazer todos aqueles louvores e mostrar os males que causam e os bens que não motivam”. Está observada a concisão que Aristóteles recomendava, mas aqui ela se explicita num contexto irónico retoricamente consciente.

Chamamos atenção para o uso de ditados pelos autores em geral. Tanto para preparar uma resposta no contexto de uma polémica, quanto para fazer ficção em torno de um assunto polémico, o uso de ditados era visto como retoricamente eficaz. O eu lírico de *Nova relação contra as Mulheres ou parvoices dos seus enfeites* avisou-nos que estava a valer-se de um ditado (“Porém aquele ditado antigo”, p. 3). O de *Devoção das mulheres da moda na Igreja, e o modo com que nunca ouvem missa* pôs os ditados nas falas do discurso directo, utilizando ligações do tipo “Sempre ouvir dizer” (p. 7) e

“como lá dizem” (p. 13), para verdades absolutas e impessoais, que validam o argumento dentro da espontaneidade e rapidez do discurso directo. O de *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres* – que mais nos interessa por ser de autoria feminina – centrou o princípio da sua contra-argumentação no ditado, demonstrando crença nesse tipo de estratégia discursiva.

Repensando a *Retórica* de Aristóteles, poderemos aqui falar de vulgarização e desgaste dos ditados empregues nos textos de nosso *corpus*? É bastante difícil, do ângulo de visão actual, aferir a frequência do uso deste ou daquele ditado, uma vez que é evidente que tal juízo não pode vir da experiência frente aos actuais falantes.

Em geral, utilizar provérbios denota apreço pela **sabedoria** – atitude que condiz com outras práticas discursivas dos textos em consideração, conforme nos recorda Alfredo Bosi⁵⁴. E como é de nosso conhecimento, a sabedoria pode estar nessas fórmulas quase literárias, capazes de condensar longas histórias ao justapor elementos-chave, na medida em que nos transporta de volta à força das metáforas e das imagens concretas, libertando-nos da obsessão ocidental pela abstracção. Bosi também se pergunta retoricamente o que significam os adágios, senão “um gesto comunitário da fala?” (p. 4). Com a indagação, está a dar-nos mais uma pista para a recepção da estratégia das escritoras, sobretudo Paula da Graça e L.D.P.G.: se manejavam provérbios, ficavam mais próximas da comunidade, davam provas de pertença a uma sabedoria colectiva e com isso cativavam um número mais largo de leitoras. Estavam a promover identificação com um público habitualmente marginalizado que, se não tinha acesso à autoridade livresca, reconhecia facilmente a autoridade do provérbio, em todo o caso, comum no discurso oral.

Alfredo Bosi enumera, entre outras, quatro obras portuguesas de relevo para a confiável transcrição e manutenção dos provérbios da cultura portuguesa: *Comédia eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Feira de anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo, publicada dois séculos depois da morte do escritor português, *Nova floresta* e *Luz e calor*, ambas do Pe. Manuel Bernardes. Provas de que o provérbio é maleável retoricamente e transita facilmente do discurso erudito para o discurso menos erudito e vice-versa.

6. A retórica da autoridade

⁵⁴ Alfredo BOSI é o autor da Introdução do livro de Martha Steinberg, *1001 provérbios em contraste*, 2002, pp. 3-8.

Carmen Alborch, doutora em Direito e autora de textos apologéticos da mulher cuja obra já foi mencionada neste capítulo, refere o simbolismo jurídico do episódio mítico em que Afrodite, Hera e Atena, disputando entre si o título de mais formosa, entregam a Páris o poder de o decidir irrevogavelmente. O simbolismo da disputa entre as três mulheres, tendo um homem com árbitro, explica mais do que o episódio em si ou do que a sequência da guerra de Tróia. Carmen Alborch considera-o o emblema de uma estrutura jurídica e social em que o poder de decisão é invariavelmente entregue ao elemento masculino. Fez-nos perceber que os argumentos extraídos de mitos femininos podem ser usados contra ou em prol do poder das mulheres. A investigadora apoia-se igualmente no exemplo mítico de Lia e Raquel e através dele pode falar, entre outros subtemas, de maternidade, de beleza e de intimidação.

De acordo com a leitura que Alborch faz, as mulheres não se reconhecem como “membros de primeira classe”⁵⁵, por isso depreciam-se. A voz que introduz a diferença, seja pelo viés da cumplicidade, seja pelo viés do riso, invista na agressividade ou invista na erudição, abre um canal para outras mulheres, cativa a audiência, inaugura uma possibilidade de apreciação positiva. Notemos que nosso *corpus* tem mulheres a responderem a homens, mulheres a iniciarem polémicas que são prolongadas por homens, em outras palavras, nosso *corpus* pode ser compreendido nesta perspectiva que aponta a cumplicidade ou a disputa como estabelecedoras de um diálogo imprescindível. Propor cumplicidade ou suscitar a polémica, alimentá-la, equivale a sair da margem.

Olhemos concretamente os casos dos textos em apreço.

Existe, entre eles, desde logo, um diferente valor da autoridade livresca ou erudita. Sinal disso é a ausência ou presença de citações em latim. Os textos do Bloco A, todos derivados do auto satírico atribuído a Baltasar Dias, não têm citações em latim, ao passo que dois do Bloco B, que somente pelo título remetem para o texto de Baltasar Dias, mas dele se distanciam na forma e no conteúdo, foram organizados de forma a exibirem citações: *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens* tem duas, ambas no final; *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres* tem várias, mais de dez, bem distribuídas. No Bloco C (na disputa entre o Irmão Amador do Desengano e Gertrudes Margarida de Jesus), elas abundam: *Espelho critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres* conta com uma: “Quid levius fumo? Flamem: quid

⁵⁵ Carmen ALBORCH, *Mulheres contra mulheres?*, 2004, p. 25.

flamine? Ventus: quid vento? Mulier: quid muliere? Nihil.” (p. 10) Gertrudes Margarida de Jesus, subtilmente, “exibe” os seus conhecimentos de latim, respondendo com esta citação mais longa, introduzida pelo comentário provocador: “Permita-me licença que feche esta Carta com suas formais palavras, pois creio que V.C. também sabe os seus dous dedos de Latim. *Quis autem dicat naturam maligne cum muliebribus ingeniis egisse ex virtutes illarum in arctum retraxisse? Par illis (mihi crede) vigor, par ad honesta (libeat) facultas est. Laborem, doloremque ex aquo, si consuevere, patiuntur*” (*Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres*, p. 12). Os textos do Bloco D (dispersos entre 1740 e 1811) têm um uso desigual da citação latina: em *Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres*, encontramos “Si aliquid contra fidem, in dictum volo” (p. 8); em *Carta e resposta sobre o odio dos inimigos francezes, e sobre o ornato das mulheres*, há expressões soltas (por exemplo: “iniquos odio habui”, “diligite inimicos vestros”, na p. 10 e depois na p. 17), a par de vários fragmentos um pouco maiores (“Dum tempus habemus, operemur bomun ad omnes, maxime autem ad domesticos fidei”, na p. 19).

A primeira tradução da Bíblia católica, da língua latina para a língua portuguesa, da autoria de António Pereira de Figueiredo, é da segunda metade do século XVIII. A despeito disso, havia uma cultura oral em torno dos textos bíblicos, o que explica o interesse retórico pela alusão ou citação desses textos. O seu reconhecimento, ainda que em latim, alimentava leituras conotativas quer no leitor erudito quer no pouco letrado.

A construção mais formal e erudita do texto *Defeza do bello sexo ou resposta ao papel intitulado ‘Malicia das mulheres’* pôde também socorrer-se do uso da epígrafe, que serviu de ponto de partida do texto: “Mil vezes cai, quem se não precata,/ Quem a tudo o que cuida solta a pena;/ muitas coisas enfeixa, poucas ata.”, de Bernardes. A citação e o autor dela confirmam, a nosso ver, esta dignificação do género apologético da mulher, ao aproximar-se do ensaio e sobretudo do sermão. Esta contaminação de géneros parece, aliás, ser confirmada também pela utilização recorrente dos exemplos bíblicos. E são muitos os exemplos.

Os textos que ostentam referência bíblica citam desde logo o Génesis e recuam sistematicamente ao mito original, até Adão e Eva. Foi deste modo que procedeu L.D.P.G., em *Bondade das Mulheres contra a malicia dos Homens*. Porém, antes de chamar nossa atenção para a questão da culpa e do desejo de saber, encarnados por Adão e Eva, a autora fez uma rápida incursão no tema da Fortuna, como conceito da Antiguidade clássica. A firmeza das mulheres desde sempre teria superado a

inconstância a elas atribuída, muito embora a roda da Fortuna tenha trazido à baila mais vezes esse defeito nas mulheres. Esgotada a introdução ao assunto nuclear, vem o exemplo. A reflexão sobre a Fortuna transforma então as leituras da conhecida história bíblica: a autora redime Eva, ao fazer de Adão culpado na mesma medida que ela. E a propalada firmeza feminina estaria, então, na resolução com que ela enfrentou a proibição de Deus, a fim de obter o conhecimento das coisas do mundo. A Fortuna, essa não se controla.

Eva estaria a representar a curiosidade feminina, mais do que isso até, seria representante da fertilidade feminina, a mesma que se observa até sob a forma de **loquacidade**, às vezes temida pelos homens como perda do controle da fala. Mas não são a fertilidade e a loquacidade defeitos. Dessa fartura feminina, digamos assim, dessa eloquência tratou Danielle Clarke⁵⁶. Ela concentrou esforços na interpretação do mito de Eco, baseada nas versões com que escritores canónicos vestiram o mito desde Ovídio até Milton. Segundo ela, eram os homens que escolhiam o conhecimento retórico que uma mulher deveria ter. Sobrava para o género feminino o que não garantia acesso aos estatutos superiores da hierarquia social. Restava à mulher, por exemplo, o **silêncio**. É bastante intrigante ver que historicamente a noção de que a mulher era e deveria ser silenciosa se perenizava. Poucos estudiosos da Retórica se deram ao trabalho de desconstruir tal noção. No contexto inglês, por exemplo, ainda que em Inglaterra fosse notável a quantidade de mulheres escritoras, isso não se verificou. O que competia a eles provar caberia em um ponto: a mulher fora condicionada a silenciar-se, pois nos textos mais persuasivos o modelo de mulher virtuosa sempre coincidia com o da mulher silenciosa ou parca nas palavras. Invariavelmente os textos, a começar pelos mais antigos, eram concebidos como manuais em que a mulher lia uma descrição do que é ser uma mulher, devendo somente corresponder a essa imagem silenciosa projectada.

Danielle Clarke saberá valorizar o facto de contra a tagarelice feminina os homens costumarem contrapor o argumento da **utilidade**. Pregavam que convinha que uma mulher só falasse quando tinha coisas úteis a dizer, quando tinha conselhos sábios, instruções específicas etc. Ela chama a atenção para Ovídio que, ao abordar a figura de Eco nos seus poemas, assumiu postura de quem não acreditava na fala feminina, pois ela seria repetitiva. A mulher para ele não tinha a propriedade de começar um discurso

⁵⁶ Danielle CLARKE, “Speaking women. Rhetoric and the construction off female talk”, in Jennifer RICHARDS e Alison THORME, *Rhetoric, women and politics in early modern England*, 2007, pp. 70-88.

porque mal caminhava entre as vozes (de comando) que ouvia. Este último dado que ela foi buscar em Ovídio ajuda-nos a perceber melhor a importância que tem uma disputa ser iniciada por uma mulher (L.D.P.G., neste caso), mesmo numa altura como o século XVIII, tão posterior à época de Ovídio. E leva-nos a ler com outros olhos os argumentos de M.D.M.C.D.M.A.E.C., que sucede L.D.P.G. na discussão sobre a mulher. Nossa observação fica, entretanto, para momento mais oportuno.

7. A retórica do exemplo

L.D.P.G., no texto *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens*, alargou ainda mais os horizontes das leituras da mitologia clássica e da mitologia judaico-cristã, quando escolheu **exemplos** novos para provar a força das mulheres. Ao lado de um S. Francisco, coloca uma Santa Clara, ao lado de Elias, Santa Teresa. E para os exemplos negativos femininos, que ela também denuncia, antecipando os argumentos dos adversários, sempre lhes contrapõe exemplos negativos masculinos. Aristóteles já ensinara que o exemplo é um dos tipos de prova que o orador tem à sua disposição; o exemplo induz o raciocínio, nas situações em que não funciona propriamente como testemunho. O mestre igualmente afirmara que o exemplo cria uma atmosfera propícia ao convencimento ou pelo recurso ao passado ou pela invenção (caso da parábola e da fábula) e que há partes do texto mais adequadas para a inserção de um exemplo⁵⁷. É por isso importante responder com exemplos a exemplos.

O objectivo por trás do esquema do texto de L.D.P.G. é salientar que a imagem das mulheres tem sido denegrida propositadamente. A escolha dos exemplos é por isso a prova de que a matéria que muitos autores têm difundido está ao nível das opiniões, e portanto não é isenta. O papel da autora seria, assim, o de **contra-argumentar**, isto é, divulgar finalmente o lado correcto das mulheres, corrigindo a distorção a que autores de renome deram início e continuidade.

A estrutura do encerramento deste texto de L.D.P.G., cremos, não acompanharia a abertura. É importante assinalarmos a incongruência argumentativa do esquema. A abertura ia do geral para o particular (das mulheres todas a Eva), sem ocultar a questão central, a honra, e se dirigia com espontaneidade para um público feminino. O encerramento particularizava a questão da honra, citando nomes de mulheres virtuosas e de santas (Santa Clara e Santa Teresa, entre outros), e ia mantendo pontualmente a

⁵⁷ ARISTÓTELES, *Retórica*, 2005, p. 206.

referência às mulheres (tendo sido usado o plural para isso). Mas a disposição não corresponde ao plano verificável e prometido no início do texto. A autora se desculpará no final por não prolongar o exame do tema específico da defesa do sexo feminino, falará em atribuições de ordem temporal, delegando a principal tarefa num público indefinido, nos seguintes termos: “... mas enquanto o não faço [a defesa que em nome de todas pude dar], faça cada um por servir a Deus, que é o que mais se deve prezar” (p. 7). Contra-argumentou. Faltava-lhe, tinha consciência disso, argumentar. O próprio conselho de servir a Deus destoava da demonstração lógica que o início do texto se esforçara por valorizar, principalmente ao recorrer às personagens e aos valores da Antiguidade. A ausência de argumentação pode ter sido, no entanto, uma forma de a escritora retornar ao terreno consentido a uma mulher.

O texto *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres*, de M.D.M.C.D.M.A.E.C., rebaterá esse exacto texto, pelo argumento de cariz bíblico; seu autor reservou as primeiras linhas para dizer que considerava o trabalho de L.D.P.G. o mesmo que encobrir a realidade. Aludirá à máxima “cobrir o Sol com uma joeira”, no intuito de afirmar que não se pode elogiar a mulher, porque ela é evidente causadora de males e inibidora de bens. A tradição interpretativa do mito de Eva (argumento ad seum) bastaria para refutar qualquer interpretação diferente do mito.

O autor escreveria com algum sentido de humor, visto da nossa perspectiva de leitores do século XXI, ao comentar que Eva representava o pior nas mulheres, que é a tendência para engendrar coisas ruins a partir de muita conversa, inútil na aparência, com que exerce influência nefasta. Após o substantivo “conversa” ele até usaria um ponto de exclamação. E oporia a conversação com a serpente a hipotéticas conversações com um tigre ou um leão – estas seriam ambas conversações legítimas, louváveis, já que passadas com animais que inspiram respeito. Ele igualmente afirmou que Eva confiara mais na voz da serpente do que na voz de Deus, o que nos conduz outra vez ao elo entre a Retórica do mal e a mulher. Só que desta feita buscamos apoio em um texto de Neil Rhodes⁵⁸. Ele reforça as afirmações de Danielle Clarke, ao apontar a **duplicidade** retórica da mulher, que se perde entre a possibilidade de copiar o discurso masculino e a de criar um novo discurso, depois de ouvir o masculino. Ele vai além, diz que a própria Eva já foi descrita como a voz de Deus. Isso significaria uma valorização

⁵⁸ Neil RHODES, “Afterword”, in Jennifer RICHARDS e Alison THORME, *Rhetoric, women and politics in early modern England*, 2007, pp. 212-222.

do seu discurso e que se a mulher tem pouco discernimento, também tem, por outro lado e ao mesmo tempo, todo o potencial para fazer uso da palavra.

A questão do potencial retórico da mulher faz-nos recorrer a mais três fontes complementares que, aliás, dialogam. É digna de nota a observação de que a mulher tinha “poderes rituais e mágicos, poderes de vida e de morte, poderes de prejuízo e de cura”⁵⁹. Seu autor, o filósofo Gilles Lipovetsky, conclui o raciocínio dizendo que esses poderes não se convertiam em reconhecimento social. À mesma conclusão chegaram Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa⁶⁰. As três escritoras portuguesas criaram textos curtos sobre personagens lendárias e personagens históricas (Elisabeth de Hoven, Maria de la Ralde, Louise Maillat, Marie Mariagrane, Gabrielle de Strées, Cecília, Marguerite de Brinvilliers e Madame Deshoulières) consideradas adúlteras, bruxas, mulheres que procederam a envenenamentos em série, amantes de reis etc. Tentavam inverter a lógica segundo a qual tais mulheres eram pouco mais que criminosas. Por tentarem, provaram que ainda em nossa época o poder oculto da mulher é mais vezes conotado como negativo do que como positivo. Finalmente, ficamos com a convicção de Maria João Martins: “Apesar dessas solidariedades de coração e conveniência, talvez, na raiz de todas as mulheres, independentemente da sua proveniência, haja um denominador comum, mais ou menos indiferente à passagem do tempo e, contudo, ancestral (...) São mitos milenares que atribuem ao sexo feminino os poderes misteriosos e terríficos de perder almas com um olhar ou de precipitar acontecimentos pela força de um só gesto”⁶¹.

M.D.M.C.D.M.A.E.C., em *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres*, parece exemplificá-lo. Dizia ele que, enquanto Adão repousava na obediência, “a senhora Eva” preparava o golpe. As três palavras entre aspas foram transcritas para que percebamos a ironia geral da recriminação; já o verbo utilizado em outro fragmento, para referir o tom do diálogo com a cobra, é “armar” (na forma conjugada “armasse”), seguida do substantivo “palestra”. O autor pintou um quadro bucólico para Adão (“Lá estava Adão, talvez debaixo de alguma árvore”, p. 3) e um quadro de suspeita e de reprimenda para Eva. E tudo porque leu o texto de L.D.P.G. ao pé da letra. O mito, aqui tratado como exemplo, é lido ao mesmo nível da história verídica: ainda que com potencial simbólico, reduz-se à verosimilhança icástica própria

⁵⁹ Gilles LIPOVETSKY, *A terceira mulher*, 2000, p. 121.

⁶⁰ Maria Isabel BARRENO, Maria Teresa HORTA e Maria Velho da COSTA, *Novas cartas portuguesas*, 1980.

⁶¹ Maria João MARTINS, *Mulheres portuguesas*, 1994, p. 7.

da realidade histórica. Ao texto de L.D.P.G., é interessante que digamos, chama “papelinho”, usando diminutivo com valor depreciativo.

Os demais procedimentos de *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres* são simples, pouca inovação nos surpreendeu durante a leitura: o autor refutou os exemplos do outro texto, sendo necessário para isso resgatar nomes históricos: Helena, Semiramis etc. Usou também a autoridade literária e filosófica de Ovídio, a de Virgílio, a de Cícero, a de Marcial, a de Sêneca, com mais citações. Entre umas e outras, surgiu mais de uma vez a crítica à tirania das mulheres. Se o escritor repetiu em muitas linhas a palavra “bondade”, que colocou no título, foi para produzir ironia, portanto. Não tencionava elogiar. O elogio da bondade era um isco com que apanhava pelo discurso o peixe.

CAP. II – UMA TÓPICA DO MAL E DA MALÍCIA

Os argumentos do texto *Malícia das Mulheres* foram organizados em torno da ideia de que o *casamento* é um fardo para o homem. O autor apelou ao senso comum numerosas vezes (“Em as leis podereis ler /Assim o dizem os antigos, / Se nelas o quereis ver, /Que tem trabalho e perigo /Quem tem filhos e mulher”, p. 2), desde o princípio, ainda que tenha apelado também à autoridade de Marco Aurélio, embora sem citar as palavras dele, apenas as resumir, e à de Terêncio, ou de Cícero - de quem relembra o livro *De amicitia* -, de Diógenes ou de Ovídio. Depois que nos remeteu ao último dos “clássicos”, passou a referir ensinamentos de “Doutores” (p. 7) e apoiou-se por último na Bíblia, mais particularmente no Génesis, invertendo mas repetindo a tópica já vista em outros dois textos (*Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres* e *Bondade das Mulheres contra a malícia dos Homens*).

Havemos nesta altura de ponderar, para melhor enquadrar a discussão, o facto de os argumentos desfavoráveis à boa imagem da mulher terem suporte nas queixas e nos cuidados que alegadamente chegavam ao eu lírico. Mas a estes o texto de Baltasar Dias acrescenta testemunhos vagamente jurídicos e literários.

Também Baltasar Dias tinha agido como procurador dos homens, embora neste caso significativamente desse aos argumentos/opiniões o estatuto de discurso sábio (não importando se popular ou erudito). Acabou por parecer que o eu lírico criado por ele dava sequência a um discurso alheio (“Porque os vejo queixar”, p. 2), pois era o mais prudente a fazer, muito embora ele desejasse casar (“Desejo de me casar”, p. 2). É como se ele se inserisse numa **tradição**, ao censurar o comportamento das mulheres casadas. Como homem que honra a palavra dos outros homens, ele reproduzia o discurso masculino. Notemos que constava da primeira quintilha a palavra “espelho”, usada na literatura moralista, mas que simbolicamente nos remete também para o discurso da verdade representada e reflectida.

Pesquisadores do campo da Psicologia social, tais como J. H. Gagnon e W. Simon, explicam que há determinados comportamentos (neste caso estamos lidando com a construção discursiva e não com a acção pura) a que podemos chamar “encenações culturais”⁶², pois atendem a uma estrutura social mais ampla, não importando tanto assim as questões pessoais como a experiência de vida. Quando se age

⁶² Jorge VALA e Maria Benedicta MONTEIRO, *Psicologia social*, 1997, p. 127.

de acordo com o meio religioso, familiar, económico etc, em se tratando de sexo, trata-se de obedecer a um esquema, a um *script* com sua ideologia sexual própria. Isto, nas relações interpessoais, aqui transpostas para o plano autor-leitor, traduz-se em uma recusa de ver-se no outro. Ao invés de dialogar com a ideia que fazia da mulher e com o seu público leitor, Baltasar Dias criou um eu lírico que ficou pela segurança, pelo conforto de se definir como qualquer outro homem daquela época se definiria, sem o incómodo de problematizar, de relativizar, de expor dúvidas, apropriações mais particulares de uma influência social. O texto não tinha nem precisava ter profundidade psicológica. Em outras palavras, não estamos a pedir, anacronicamente, que na forma de interpor homem e mulher houvesse a leitura de mundo que hoje julgamos adequada, mas não há como esquecer que *Malícia das Mulheres* teve leitores em épocas de transição, nas quais seria muito natural que a literatura propusesse modelos de engajamento, de consciencialização. A antiguidade do texto de Baltasar Dias e o seu aparente êxito editorial não podem deixar de ser vistos como um anacronismo ideológico, sobretudo ao longo do século XIX.

Os argumentos do texto de Paula da Graça, *Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta*, foram utilizados para provar o oposto do texto de *Malícia das Mulheres* (o título refere a contra-argumentação). Nasceram da mesma lista, do mesmo programa ou pauta. O contraponto começa desde logo na situação dramática do narrador. Ao conselho de um homem a outro homem, contrapõe-se a apologia de uma mulher dirigida a outra mulher: há uma consultora “antiga” diante de uma consulente (a própria voz da sabedoria e da experiência está aqui, não ouvimos mais o eco dessa voz, caso do texto anteriormente analisado). Há o tema do casamento e o da “natural” infelicidade. Em termos de Invenção e Disposição também ficámos pelo mesmo, uma vez que a autora propositadamente fez sucessivamente apologia da diversão, demonstrou erudição ao recorrer aos antigos (estão lá Esopo e o par Adão e Eva) e às histórias domésticas, superficialmente expostas. Concordamos com a apreciação de Fina d’Armada, quando ela diz que Paula da Graça foi autora de uma “refutação inteligente”⁶³, no geral.

Se o texto de Baltasar Dias dera relativa importância à **beleza** e bastante importância ao juízo que alegadamente faltava às mulheres, *Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta* ressaltava a beleza, a opressão e a

⁶³ Fina D’ARMADA, *O livro feminista de 1715*, 2008, p. 65.

ingratidão, para falar às mulheres e das mulheres que viviam para os afazeres da casa e à mercê dos caprichos do marido. Baltasar Dias se restringira à beleza física, o que notamos em função do uso das palavras “jóia” e “formosa” (ambas na p. 2), das poucas que fizeram alusão ao tema. Ele queria dizer que a mulher bonita atrai os olhares dos homens e prendê-la em casa é uma dificuldade para o marido. Paula da Graça rapidamente aludiu à beleza física, pois estariam, consulente e consultora, frente a frente, sendo possível que a mulher mais experiente tratasse a mais nova com certa doçura em nome do frescor que testemunhava. Porém, ela aprofundou a discussão, levando-a para o campo do proveito que a mulher podia tirar da formosura: a jovem podia se enfeitar com todos os “atavios” ofertados pelo marido; a jovem podia ignorar os atributos físicos e os mimos e desejar que o marido (representante dos homens e do mundo patriarcal) oferecesse um “emprego”; a jovem podia ignorar os atributos físicos para não entendê-los como garantia de felicidade, no caso da aproximação de outra mulher, “ranhosa”.

É oportuno verificarmos melhor como ambos se apropriaram de uma tópica cara à construção da imagem da mulher. Faremos esse balanço a partir de um excerto da professora Camila Henríquez Ureña⁶⁴. Ela assim se pronunciou sobre as mulheres, já no século XX:

“Nuestro problema es digno de atención y de estudio. No podemos pretender seguir a través de la vida con fórmulas de sustitución. Tenemos que hallar nuestra fórmula de realización. Nuestro primer error ha sido buscarla en la fórmula masculina. El hombre se realiza cuando hace o crea en una carrera, arte, profesión, etc. Ese es el centro de su vida, se completa, en el terreno afectivo y familiar, con el amor y la paternidad. Es decir, parte de lo más amplio: de lo que lo relaciona con el universo, con el mundo, con la humanidad; parte de más amplio horizonte mientras mejor sea su capacidad espiritual, y viene hacia lo para él más personal y estricto, al círculo familiar.

Estimulando agora mais directamente as mulheres, continuou:

Las mujeres estamos tratando de hacer otro tanto en busca de soluciones: de poner nuestro punto de partida en lo más amplio y venir hacia lo personal y restricto. Hasta ahora se había considerado que este era nuestro centro, y que, partiendo de él, podíamos ir a los más amplios horizontes, que cuando no en otra forma, se nos ofreciese en el culto de la religión y de la caridad, que entendida como ha de ser, es el encendido

⁶⁴ Camila Henríquez UREÑA, *Obras y apuntes*, 2006, pp. 96-97.

⁶⁵ Gilles LIPOVETSKY, *A terceira mulher*, 2000, p. 109.

amor a todos los seres, y en el culto de la belleza, que se nos enseñaba partiendo también de nuestro propio ser. Ser hermosas, ser buenas, administrar y ordenar y embellecer la pequeña república doméstica para bien de todos, ampliar esa influencia en torno nuestro al radio social, obra sobre todo nuestra, amar a los nuestros, amar a todos los seres y como último ideal elevar ese amor a su perfección metafísica, que es Dios.

Chegou, finalmente, a fazer uma sugestão às mulheres, sem o receio, ao que nos parece, de parecer antiquada ou conservadora:

[...](Y no importa aquí, como decía el ruso del cuento, “a quien hayamos puesto en su lugar”). Creo que valdría la pena para nosotras las mujeres estudiar este proceso y tratar de hallar la verdad esencial que haya en esto. Naturalezas de excepción obras y apuntes habrá siempre que se realicen plenamente en el último y más amplio sentido del amor sin preocuparse del doméstico, y serán Juana de Arco, Catalina de Sena o Florence Nightingale. Naturalezas de excepción habrá que puedan seguir el proceso masculino, de la periferia al centro. Pero en general es posible que la mujer como clase no encuentre su satisfacción y su razón de ser sino partiendo de ese centro de su yo: amor y belleza que se ofrendan, y afirmando en la vida ese íntimo sentido, yendo de la pareja a la familia, a la sociedad, a la nación, al mundo, al Universo”

Paula da Graça, autora de *Bondade das Mulheres vendicada e malícia dos Homens manifesta*, e Camila Henríquez Ureña expressaram naturalmente dois pontos de vista um pouco diferentes em relação ao papel da beleza na vida de uma mulher. Já perto do final do texto, a autora portuguesa assinalou: “... todo o gosto /de um reino se dá a um varão. /Se nos limitais o gosto /ao enfeite, que razão /há de lançarmo-lo em rosto?”. Passados uns versos, continuou com o seguinte raciocínio: “Mas se só nos destinastes /os cortejos e atavios, /sustentai o que crestes, /não busquei inda desvios /ao pouco que não tirastes” (p. 7). Nesse fragmento setecentista encontrámos (*a posteriore*) alguma dissonância relativamente ao texto de Camila Henríquez Ureña. Essa dissonância é o sinal de uma tomada de consciência que os textos portugueses do século XVIII, feministas, tinham clara dificuldade em afirmar.

A escolha de Paula da Graça recaiu na reacção ao argumento do homem e pouco mais. Depois de nos mostrar a consultora a tratar a consulente como uma mulher bela (no terceiro verso da primeira coluna usa a palavra “beleza”, no sexto verso da segunda coluna a palavra “formosa” e no antepenúltimo da quarta coluna a palavra “formosa” novamente), o que denota um traço da simpatia entre mulheres, ela optou por enfatizar a beleza que os homens gostam de ver cultivada pela e na mulher. Paula da Graça não

investiu contra a circunscrição da mulher ao domínio da beleza, da aparência. Pediu somente (e era, no contexto, muito) que a mulher não fosse recriminada por se fazer valer da própria beleza física, já que é uma das poucas coisas que o homem consentiu em deixar para ela.

O que soa como novidade no texto de Paula da Graça, se pensarmos nos outros textos do *corpus*, é a referência à beleza masculina. Justiça seja feita, ela louvou, mesmo que muito ligeiramente, a beleza masculina: “Só um poeta de farrapos /isto podia fazer, /porque os mais poetas guapos /sempre nos dão de comer /em mais limpos guardanapos” (p. 5). Pode ser que a iniciativa não tenha ido adiante porque fora tão-somente uma saída estilística, ou seja, ela precisava de uma rima. A segunda vez em que o adjectivo “formosa” surgiu, veio formar um par antitético com “ranhosa”. Outro reforço para o lado cómico de Paula da Graça: “Não há cousa mais penosa /para uma mulher casada, /sendo talvez formosa, /que ser de vós desprezada, /talvez por uma ranhosa” (p. 5).

Camila Henríquez Ureña investiu no tema com mais profundidade. Ela também não via benefício em separar a mulher do campo da beleza e do culto ao lar (ligado igualmente à beleza porque fala do bom gosto, do asseio, dos rituais para manter a atmosfera saudável, habitável), mas tentou desenhar com tinta mais perene um plano para a realização feminina. Ela propôs que as mulheres reflectissem sobre a validade de tentar encontrar no percurso masculino alternativa para a felicidade. Não parece ter sentido necessidade de atrelar as dificuldades femininas às imposições masculinas, falava para as mulheres sobre o que competia que elas equacionassem pelos próprios meios. Essa autonomia não é perceptível em Paula da Graça. Poderia existir na época dessa escritora? Ao nível do pensamento, pelo menos, poderia existir? Como aspiração, poderia existir?

Se examinarmos a história do culto da beleza feminina teremos condições para responder à pergunta. Gilles Lipovetsky, em *A terceira mulher*, situou o início desse culto no Renascimento. Demonstrou com numerosos exemplos da literatura e da pintura (principalmente em França e Itália) que nos séculos XV e XVI a mulher fora coroada como “personificação suprema da beleza”⁶⁵, depois de uma fase anterior em que a beleza estivera associada à maldade. Insistiu num argumento correlato que chamou nossa atenção: segundo ele, estava instaurada a partir desses dois séculos mencionados uma nova visão da beleza, de facto, porque ela começava a ser ligada ao espírito. Era uma nova sensibilidade que actuava e que estava associada à imagem erudita, além do

mais. Nesse período foram produzidos livros, os entendidos esmeravam-se em conselhos, em prescrições normativas etc. O conhecimento sobre a mulher estava a ser sistematizado, embora não projectasse transformação social. Muito pelo contrário, ele serviu como negação de outras possibilidades de ver a mulher. Ela assumia – assumiam por ela, melhor dizendo – uma aparência e uma aura ainda mais vincadas pela fragilidade.

Basta irmos ao título de outro texto de nosso *corpus*, *Defeza do bello sexo ou resposta ao papel intitulado ‘Malicia das mulheres’*, para constatar essa identificação limitadora entre género feminino e beleza. A locução “bello sexo” é a mesma que a tradução portuguesa do livro de Gilles Lipovetsky tanto empregou... Mas a expressão é já comum e a mentalidade é a do lugar-comum.

Gertrudes Margarida de Jesus, na *Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres*, também aborda a questão da beleza, dita então “formosura”. Nas palavras da autora, dizer que ela é nociva não passa de “desatino” dos homens (p. 4), desatino que o Irmão Amador de Desengano assumiria. Uma leitura filosófica (que está, aliás, na base da religião católica, como ela afirma) leva a que se divida a beleza em exterior e interior, uma apoiada na outra. Daí vem que não se possa, ou não se deva, condenar a beleza, mais exactamente a exterior, se ela provém da plenitude interior do ser. Muito oportuna é a observação que ela faz sobre a escolha do Irmão Amador de Desengano. Com muita subtilidade ela assinala que ele se ocupou da beleza que menos interessa observar, a exterior. Assim a autora termina a contenda, relativamente a esse tema.

Os três textos tomados como representantes da problematização da beleza em nosso inventário denunciam reflexões distintas. No geral, ficam entre os retratos de abordagem leve e os de abordagem penetrante, cabendo às autoras as intervenções mais construtivas, isto é, as menos vazias de significado.

Para permanecermos no domínio da mesma autora, vejamos que Gertrudes Margarida de Jesus recorreu a alguns nomes de mulheres portuguesas que teriam agido com bravura viril em situações adversas para imprimir força ao seu discurso feminista. Citou Quitéria Borges e Natália de Sousa, ambas referidas por Damião Froes em seu *Theatro Heroino...*⁶⁶, principal fonte de Gertrudes Margarida de Jesus. Por que razão escolhera as duas? Pelo posicionamento político e pelo atrevimento demonstrado num

⁶⁶ Damião de Froes PERYM, *Theatro heroino...*, 1736-1740, p. 289 e p. 338.

episódio. Citou também Gervásia Antunes, que não temia o desconhecido nem trabalhos pesados que exigissem bastante da força física e sacrifício de algumas vaidades femininas: ela partia só com as mãos objectos muito duros, arrancava árvores etc.

Aproveitamos para lembrar que lendas ocidentais e orientais, desde há muito, registam exemplos de mulheres valentes. Walnice Nogueira Galvão fez considerações de ordem geral sobre o tema e comentou estudos portugueses e estudos sobre o legado português nesta área⁶⁷. Personagens como Mu-lan, Joana d'Arc, Atalanta, Electra, Catarina de San Juan, donzelas-guerreiras, enfim, são assexuadas, não têm amante nem filhos, pois se prenderam à figura do pai, quer dizer, dedicavam-se a cumprir uma tarefa árdua em nome dele. A tarefa também obrigava a que cortassem os cabelos, se vestissem como homens e se engajassem em guerras. A descrição que Gertrudes Margarida de Jesus fizera das portuguesas destemidas não basta para enquadrarmos suas personagens exactamente neste grupo, o das donzelas-guerreiras, mas são sem dúvida tentativas de provar que a mulher tem qualidades pouco exploradas, tidas como masculinas e alheias às críticas do Irmão Amador do Desengano.

Transcrevemos a seguir a mensagem do monge espanhol Benito Jerónimo Feijoo, por sabermos que faz parte de um dos textos que Gertrudes Margarida de Jesus provavelmente leu:

*“Algunos Autores niegan su existencia, contra muchos más que la afirman. Lo que podemos conceder es, que se ha mezclado en la Historia de las Amazonas mucho de fábula; como es el que mataban todos los hijos varones, que vivían totalmente separadas del otro sexo, y sólo le buscaban para fecundarse una vez en el año. Y del mismo juez serán sus encuentros con Hércules, y Teseo, el socorro de la feroz Penthesilea a la afligida Troya; como acaso también la visita de su Reina Talestris a Alejandro. Pero no puede negarse sin temeridad contra la fe de tantos Escritores antiguos, que hubo un cuerpo formidable de mujeres belicosas en la Asia, a quienes se dio el nombre de Amazonas.”*⁶⁸

⁶⁷ Cf. Walnice Nogueira GALVÃO, *A donzela-guerreira*, 2000, p. 13, p. 18, p. 173, p. 188, p. 191 e p. 211.

⁶⁸ Benito Jerónimo FEIJOO, “Defensa de las mujeres”, <http://www.filosofia.org/bjf/bjft116.htm>, consultada em 13.09.2009, p. 11.

O religioso inseriu o conceito das Amazonas no contexto europeu, dando com isso prova de que, mito, fábula, o que quer que seja, pode ser expressão da verdade:

“En Europa, aunque no hay país donde las mujeres de intento profesasen la Milicia, podremos dar el nombre de Amazonas a aquellas que en una, u otra ocasión con escuadrón formado, triunfaron de los enemigos de su patria.”

Com maior ou menor sofisticação literária, a ideia de reflexos advindos da natureza desviante e potente das Amazonas sempre rondou os pensamentos de agentes culturais masculinos e femininos. L.D.P.G também optou por falar das Amazonas (p.7), alegando que elas eram muitas e tinham propósito (a fé católica). Segundo ela, os homens tinham de se render ao argumento de poder, ficando a maledicência deles anulada pela inocência das mulheres.

O texto *Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres* contestava aliás a tirania que alguns maridos exerceriam sobre as esposas e propunha um modo de reverter tal situação, em prol da serenidade do casal e da descoberta de uma lição para os “indiscretos zelosos”. Nesta ficção de seis páginas, as personagens são Zelinda, Leonido, Arnaldo e um religioso cuja envergadura moral dispensou o uso de nome próprio. Nenhum deles foi apresentado ao pormenor e a fraca consistência da caracterização psicológica nos deu chance de frisar que foram todos pintados como figuras de boa índole, a despeito do mau comportamento pontual do marido, por exemplo. Entre os poucos pormenores, é oportuno sublinharmos, estava a formosura de Zelinda, atributo permeado de polémica nos textos do nosso *corpus* que prescindiram da ficção. O texto tem referências espaciais que também dizem respeito à fundamentação dos argumentos, na medida em que o autor transferiu o ambiente da trama para Itália, onde a atmosfera “romântica” outras vezes explorada pela literatura contribuiria para a valorização dos traços próprios da submissão da esposa. A mulher, durante longo tempo, foi talhada para desfrutar de harmonia se inserida na vida familiar/doméstica. No enredo em questão, essa lógica não falhou: duas alternativas esperavam a mulher: ou o feliz retorno ao lar (ainda que um lar recomposto), ou o convento, para onde um parente havia mesmo encaminhado a protagonista. Revelador é o facto de o autor escrever que Zelinda “estava depositada” no convento. Vemos com clareza que nesse tipo de instituição não importava em absoluto a vontade de uma mulher (feminina ou não),

importava o cumprimento de um papel e papéis que até as máquinas têm, podendo estas serem guardadas em depósitos.

Aqui somos obrigadas a fazer um contraponto a essa leitura linear do texto. O leitor do texto *Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres* recebe, na última página, mensagens dissonantes quanto ao papel reservado às mulheres. O desfecho da história prova que Zelinda pode viver em paz a própria beleza, bem como os dotes que tinha, o que significa que ela pôde tocar um instrumento musical e usar a inteligência para estar com as amigas. Não chega a ser de todo estranha a defesa da mulher num contexto de ataque. Em outra época, mais hostil à mulher e mais fiel à tradição, a célebre *Carta de guia de casados*⁶⁹ levantou argumento favorável às mulheres. Escrita cerca de cem anos antes dos textos que estudamos, nela existem numerosas críticas e, ao mesmo tempo, algum elogio, mesmo assim dirigido a certos nomes da realeza (Marguerite de Valois, D. Luísa de Gusmão e D. Catarina de Áustria). D. Francisco Manuel de Melo muitas mais vezes aconselhou que os maridos procurassem superar a os **vícios** da esposa, para com essa postura generosa ter condições de governar a casa da família.

O texto *Devoção das mulheres da moda na Igreja, e o modo com que nunca ouvem missa* é inteiramente ficcional e tem dezasseis páginas. O texto foi escrito para o teatro, e são indicadas oito personagens sem nome próprio e “mais amigas que estão na igreja”. Para além da igreja, espaço onde as personagens permanecem por mais tempo, há algumas cenas no interior da casa de uma delas. O mais conveniente, no entanto, é mesmo o ambiente da igreja. Lá estão duas conhecidas, antigas vizinhas, a falar tanto e sobre tantos assuntos, que nem dão pela missa. A partir da página três, passam desenfreadamente por temas tão diversos quanto: 1) a desobediência dos filhos; 2) o vício do jogo que tomou conta do marido; 3) a promessa de casamento para a filha mais nova; 4) a ilusão do início dos relacionamentos amorosos entre homem e mulher; 5) a sobrecarga que os idosos representam em casa de seus filhos; 6) a rapidez do padre para rezar a missa; 7) a insatisfação com as criadas; 8) a moda, criticada já no título da história; 9) os hábitos dos vizinhos novos; 10) os mimos dados aos filhos pequenos; 11) o senhorio; 12) as desavenças entre irmãos. Finalmente, acaba a missa! Tudo com direito a réplicas, a lamentações e a gestos das personagens. Outro exemplo de que era corrente criticar as mulheres por meio do argumento do descontrolo da fala.

⁶⁹ Utilizámos a edição de 2003, organizada pela Editora Campo das Letras.

A Nova relação contra as Mulheres ou parvoices dos seus enfeites, composta na forma de quadras, pintou mesmo a mulher tal qual bruxa, chegando a usar as palavras “feiticeiras” e “endiabradas” (estão ambas na p. 6, que não tem numeração desenhada) e a enumerar ingredientes esquisitos que, depois de cobiçados pelas mulheres nas montras e misturados para os tratamentos de beleza caseiros, tinham efeito milagroso - e mentiroso. Embora não seja obrigatoriamente acção de um discreto e nem o resultado inequivocamente erudito (há uma menção a Diana e só), remeteu-nos de modo explícito ao código dito barroco, quando recordou um discurso proferido com “engenho” e “agudeza” na mesma sala e para o mesmo auditório da presente enunciação e quando nos brindou com jogos de palavras (“Pois digam-me senhores umas caixinhas /que trazem com artimanha, /que trazem com arte e manha, /de tabaco na algibeira”, p. 5). Os tópicos são a honra masculina roubada pelas mulheres, a vaidade destas, as artimanhas. O poder mágico feminino realmente assustava os homens.

Mais uma vez fomos confrontados com a história de Adão e Eva, com a ressalva de que nesta abordagem o eu lírico conta os passos dos dois até a queda comum. Em suma, Eva teria persuadido Adão, para não se ver sozinha após a falta cometida. As últimas palavras do texto são de humildade do narrador: “Agora povo honrado, /à vista desta tragédia, /perdoai-me as minhas faltas, /já que sou fraco poeta”.

Nunca poderiam ser estas as palavras finais do eu lírico do texto *Segunda parte da pregação de João Coelho, feitas as senhoras Mulheres da moda*, pois como vimos pelo título, ele elaborou um texto espalhafatoso em quarenta e oito oitavas muito bem articuladas, repletas de provocações. Em quase todas as situações sugeridas ao leitor em forma de pergunta, o eu lírico oferece um retrato sórdido das mulheres. Cada pergunta é rematada por um termo que rima com a última palavra do último verso e reforça um sentido agressivo (tal como “açoite”, “aguilhão”, “chicotada”, “choupa”, “mordaça” e “murro”) ou inusitado para aquele contexto (como “atafona”, “castelo”, “estopa”, “estoque”, “palha” e “zabumba”).

A leitura atenta faz recordarmos o ritmo de um sermão, género evocado no longo título. A cadência lembra mais especificamente o ritmo de alguns versos de um poema de Gregório de Matos a respeito das injustiças e desmandos ocorridos na capital da Bahia: “Que falta nesta cidade? Verdade/ Que mais por sua desonra? Honra/ Falta mais que se lhe ponha Vergonha./ O demo a viver se exponha,/ Por mais que a fama a exalta,/ numa cidade, onde falta/ Verdade, Honra, Vergonha./ Quem a pôs neste

socrócio? Negócio/ Quem causa tal perdição? Ambição/ E o maior desta loucura? Usura.”⁷⁰

Em termos de Disposição, vale a pena referir que não houve uma preocupação semelhante à dos outros textos, quer dizer, não há um plano baseado na evolução do raciocínio. O que há é uma enumeração de exemplos negativos que não conduzem à conclusão. A ocorrência deve estar ligada ao facto de cada extracto em si mesmo ser tão severo, que dispensa um arranjo final diferente. De todo modo, ainda há espaço para reafirmarmos o carácter mundano do texto: não se trata de crítica à política ou à igreja, estamos no domínio do profano e, dentro dele, no domínio do doméstico censurável.

Não bastou ao autor de *Segunda parte da pregação de João Coelho, feitas as senhoras Mulheres da moda* referir a tagarelice feminina, ele teve de associá-la à **malícia** sexual. A obscenidade e o sarcasmo estão por muitas vezes subjacentes, como podemos notar nos seguintes trechos: “Que até lhe diz por tim tim, /tudo quanto o seu Joaquim /lhe comunica de noite” e “Que haja mulher tão ladina, /que recebendo do amante /anel custoso e brilhante/ ou fivela diamantina, /se valha logo da fina /de impingir a seu marido, /que o traste presente há sido /que lhe deu um seu irmão?” (ambos exemplos da p. 3). Também é desproporcionada a reacção do eu lírico perante as dúvidas sobre as mulheres. Em muitos casos de resposta afirmativa, propôs um castigo à mulher. E os castigos eram invariavelmente físicos.

A *Carta e resposta sobre o odio dos inimigos francezes* é o mais longo de todos e o de estrutura mais metódica. Embora todos os textos examinados tenham título longo, como era costume, este é longuíssimo e fornece nomes e titulações de pessoas envolvidas na difusão do seu conteúdo. Além disso está dividido em muitas partes, como “Advertência”, “Carta”, “Assunto”, “Parte do Sermão”, “Ponto III” e “Índice”.

Logo na “Advertência” temos contacto com o discurso da misoginia no sermão gerador de toda a reflexão. O terceiro ponto dentro do §1 classifica de “pecado mortal” a vaidade feminina, a exposição ao olhar do outro e o consentimento dessa prática. Em seguida, mais precisamente no §7 da “Carta”, encontrámos o comentário feito por quem assistiu ao sermão (um marido e pai, como ele mesmo se apresenta) e se afligiu com a

⁷⁰ De facto, o discurso praticado no século XVIII guardava as raízes dos discursos (sermões, epístolas, até poemas) do século XVII, ao qual Gregório de Matos pertenceu. Todo o discurso apologético do período que estudamos está atravessado pela herança barroca. A associação entre um texto de 1787 e outros de cerca de cem anos antes, portanto, não é abusiva. O Padre António Vieira, bem como o próprio Gregório de Matos, foram acérrimos defensores de ideias, foram habilidosos na persuasão e isso era muito do que pretendiam os escritores setecentistas quando se tratava de atacar a mulher, de provocá-la ou de provocar risos de aprovação às custas dos costumes e das manias atribuídas a elas.

força das palavras do pregador. Ele utiliza o termo “desabusado” para falar do pregador (que seria o equivalente a moderno, despojado, no falar dos brasileiros), estava a lamentar a atitude daquele homem. Queixava-se da permissividade para com hábitos inócuos das mulheres (“Que pode pois seguir-se das mulheres trazerem os braços nus e o pescoço ou peito sem lenço; não se seguindo cousa alguma delas assim trazerem a cara em todo o lugar e em todo o tempo?”, p. 13). Além disso comparava a exibição a que elas têm que se sujeitar à que se sujeitam os homens também. Todavia encerra o discurso com um comentário de certo modo resignado: “...rogo-lhe que me diga também se é pecado mortal assim andarem; porque, sendo-o, terei de obstar a que elas [mulher e filhas] assim andem” (p. 13).

Na resposta à carta do referido crente está o “Ponto III – Do ornato das mulheres” (pp. 128-184) Quem respondeu à carta partiu depressa para a acusação, ao afirmar que muita gente deveria agir como o pregador, quando infelizmente já agia como “desabusado” (que neste discurso assumiu o sentido de “libertino”, palavra também usada à p. 129). Com astúcia, conduziu a discussão para o louvor da dúvida. Tinha acabado de repreender o interlocutor, passou subtilmente a gabá-lo por ter alimentado alguma inquietação. Para no final inviabilizar com frontalidade a busca de paridade (ele desaconselha mesmo o “argumento de paridade”, locução da p. 129). Eliminou qualquer possibilidade de contestação menos formal, porque discorreu durante cinquenta e cinco compridos parágrafos sobre os erros das mulheres, negando questões de grau: 1) defendeu quem quer que confundisse com prostituta a mulher vestida de forma sensual, antes da sensualidade no trajar chegar à moda; 2) comparou a adoção de um modismo como esse à união sem casamento oficial e ao furto, pois são “gravíssimos absurdos” (p. 131) que o número de adeptos não tornava mais bonitos ou aceitáveis; 3) apresentou ensinamentos de Santo António, do Profeta Malaquias, de Salomão, de S.Paulo e de vários outros (com direito a citações em latim), até chegar às resoluções dos Concílios e à interpretação de cardeais, arcebispos etc; 4) por volta do §50 começa a recolha das demonstrações de autoridade para concluir, evidentemente, que as mulheres pagarão em outra vida pelas provocações e pela falta de prudência em ouvir as advertências dos seus confessores. Passando uma vez mais pelos exemplos de Eva e Salomé e a vitimização de Adão e Herodes. Pouco tem de novo, afinal.

CONCLUSÃO

Paula da Graça, Gertrudes Margarida de Jesus, L.D.P.G. e uma anónima “senhora da província” escreveram e publicaram no século XVIII documentos em defesa da mulher. Com os respectivos folhetos de cordel, inscreveram na história da literatura portuguesa uma perspectiva mais ou menos erudita acerca do direito da mulher à cultura letrada e à vida pessoal plena. Depois delas, o cânone português permaneceu impassível; sabemos, todavia, que as posições defendidas por elas condiziam com os caminhos trilhados em outros países da Europa. Ao longo desta dissertação, tivemos oportunidade de conhecer publicações menos generosas para com a mulher e também referimos títulos portugueses e estrangeiros caros ao elogio da mulher no privilegiado mas insuspeitado debate setecentista. Sobre alguns deles encontramos, com uma facilidade muito maior, informações pontuais, citações, interpretações etc do que quando empreendemos uma busca em torno da produção dessas mulheres.

Em princípio, as quatro autoras queriam falar para uma mulher, hipotética, que estivesse à altura de um diálogo autêntico e arrojado. Pediam implicitamente alguma imunidade frente ao insistente discurso misógino - ou alguma reacção, se quisermos, que podia inclusive passar pelo desejo de vingança – além de apreço ou pela erudição ou pelo espírito trocista que permeava os textos delas.

Poucas interlocutoras estavam preparadas para o intercâmbio, no entanto. Faltava-lhes educação formal, leituras que ampliassem os horizontes, autonomia para enfrentar a exposição pública. O debate acerca da mulher era central naquela época, mas num círculo mais selecto, ao qual a mulher não era chamada. Antes de mais nada, ela teria que se aventurar, teria que desbravar, ganhando legitimidade para propor ideias.

O activismo que caracteriza essas autoras, de quem sabemos tão pouco, e o encanto dos papéis volantes em si, fazem-nos reflectir sobre as razões de as autoras não terem inaugurado uma linha, de os textos não terem servido como base para o trabalho colectivo - ou para mais trabalho solitário, no mínimo.

As quatro escritoras não foram imitadas nem rematadas. Com uma estratégia retórica diferente da dos homens, elas buscaram configurar um grupo coeso para alargar o discurso feminino, mas não obtiveram êxito. Os homens apostaram na repetição das queixas contra as mulheres; nossas quatro escritoras tentaram ser as procuradoras das que não tinham voz. Continuou o silêncio. Em Portugal tem havido produção escrita voltada para a temática feminina, como é esperado, porém nada que nos remeta

directamente aos textos das quatro autoras em questão, ou melhor, nada que sobressaia por este motivo, por explorar esta matriz.

Paralelamente a esse descompasso entre possíveis parceiras intelectuais, a própria tradição de escrever e distribuir folhetos volantes foi-se extinguindo. O vazio da moda setecentista dava seus sinais de exaustão nos textos portugueses tornados desestimulantes depois de numerosas edições (Baltasar Dias, só ele, teve mais de dez), nos textos estrangeiros traduzidos que já deviam estar a perder uma competição com textos novos, mais sintonizados com a realidade local.

Acreditamos igualmente que a decadência se deveu ao esgotamento estilístico dos folhetos de cordel: os temas eram por demais pulverizados, a tentativa de abarcar o austero e o cómico devia gerar alguma irregularidade nas normas que regiam a produção dos folhetos (quantas páginas deveriam ter, com que periodicidade deveriam sair), faltava cuidado editorial etc.

Não deixamos de considerar, enfim, a força do Romantismo, o movimento artístico que se avizinhava com novidades, com outros valores. Contudo, no fundo é-nos muito difícil atingir a resposta mais exacta para uma mudança tão intimamente ligada a um quotidiano longínquo. O somatório de vários pontos de fragilidade dos folhetos é por ora nossa melhor explicação.

Ainda que assim seja, que não tenha sido composta uma corrente feminista letrada a partir das quatro autoras, as qualidades dos exactos cinco documentos que elas legaram, mais o referido ineditismo, ainda convidam o leitor a olhar de perto o génio feminino a manejar as armas da Retórica.

As mulheres que redigiram as cartas apoloéticas e os demais documentos para a defesa do sexo feminino transitavam com elegância e com altivez no cenário da intelectualidade portuguesa do século XVIII, monopolizado por homens, enquanto a maior parte das mulheres portuguesas não lia, não recebia instrução. Souberam dar exemplos favoráveis à liberdade e ao carácter femininos, souberam seleccionar argumentos para refutar as acusações masculinas; condenaram a violência masculina para com a mulher; deram parâmetros para incrementar a discussão sobre a beleza; investiram contra a recriminação da prolixidade feminina; ousaram no género cómico, muito prezado naquele período; assumiram-se como seres capazes de opinião. Enfim, deram inequívocas mostras de técnica retórica, de raciocínio e de coragem.

Houvesse outras condições para estender este trabalho académico, gostaríamos de preparar uma edição de textos apoloéticos femininos do século XVIII. Pudemos,

considerados os moldes em que nosso estudo se enquadrava, transcrever por ora apenas três textos do *corpus*, entre os quais um de autoria masculina. A etapa em que nos encontrávamos exigia de nós a contraposição de ideias, portanto o confronto de conteúdo e forma masculina com conteúdo e forma feminina. O exame permitiu que descobríssemos as fontes de Gertrudes Margarida de Jesus, por exemplo, que verificássemos a libertação frente ao debate público instaurado a partir do texto de Baltasar Dias. Isso não esgota a curiosidade pela boa disposição de Paula da Graça nem pela melancolia da senhora de província. Ficamos, assim, a desejar e a sugerir um prolongamento do presente trabalho de investigação.

PARA UMA FUTURA EDIÇÃO DOS TEXTOS FEMINISTAS DO SÉCULO XVIII: A POLÊMICA ENTRE G.M. DE JESUS E IRMÃO AMADOR DO DESENGANO (1761)

1. CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO

Atentas às características da edição *diplomático-interpretativa*, concebemos um trabalho que consiste basicamente em dar a conhecer ao público actual três documentos do século XVIII, facilitando a sua leitura. Optámos, por isso, pela separação das palavras e pela necessária actualização da pontuação. Isto quer dizer que não nos detivemos com atenção mais minuciosa nas oscilações ortográficas, por exemplo. Concentramos esforços na interpretação do texto, tendo em conta que esta depende da verificação de determinadas citações, da redução de sentidos semânticos e da recorrência a certos tópicos próprios do período histórico, entre outros elementos. Concretamente optamos por **actualizar**:

- Abreviaturas, nos casos em que foi possível assegurar o significado que elas assumem na actualidade.

Ex.: “V.C. & c.” → “V.C. etc. ”.

As excepções a esta regra ocorreram só quando não foi possível desdobrar as abreviaturas .

- O uso de maiúscula e minúsculas nos títulos das obras.

Ex.: “SEGUNDA CARTA” → “Segunda Carta”.

- Os acentos gráficos, inclusive nas palavras que eram, no século XVIII, homógrafas.

Ex.: “naõ” → “não”; “Heroínas” → “Heroínas”; “vem” → “vêm” e “vem” → “vêem”; “expoem” → “expõe”/“expõem”.

- O *f* longo.

Ex.: “ne~~f~~ta” → “nesta”.

- As consoantes duplas hoje simplificadas.

Ex.: tt → t (“remetti” → “remeti”); ll → l (“illidir” → “ilidir”); ff → f (“soffrer” → “sofrer”).

- O *h* etimológico ou de falsa etimologia.

Ex.: “huma” → “uma”; “he” → “é”; “Rhetorica” → “Retórica”.

- As letras ou grupos de letras de origem greco-latina, mesmo nos nomes próprios.

Ex.: *th* → *t* (“authora” → “autora”); *y* → *i* (“tyrannamente” → “tiranamente”).

- O *s* e o *z* ntervocálicos.

Ex.: “Poezia” → “Poesia”; “cosinhando” → “cozinhando”; “Tesalia” → “Tessália”.

- O *z* em final de palavra.

Ex.: “atraz” → “atrás”.

- Os grupos nasais *aens* e *oens*.

Ex.: “Magalhaens” → “Magalhães”; “paixoens” → “paixões”.

- As palavras separadas ou por lapso na impressão ou, ao contrário, por atenção à regra gramatical então vigente, sempre que era claro o seu sentido.

Ex.: “a manuense” → “amanuense”; “em fim” → “enfim”.

- As palavras unidas ou por lapso na impressão ou, ao contrário, por atenção à regra gramatical então vigente, sempre que era claro o seu sentido.

Ex.: “senão” → “se não”; “alingua” → “a língua”.

- Os grupos consonantais *mn*, *sc* e *pt*, embora seja mais polémica a decisão quanto a esta actualização, por não se poder garantir a pertinência fonética. Fica no entanto registada esta observação geral, para que se avalie a actualização a que procedemos.

Ex.: “somno” → “sono”; “damnosa” → “danosa”; “sciencia” → “ciência”; “promptidão” → “prontidão”.

- Os grupos vocálicos *ae*, *ao*, *ea*, *eo*, *oa* e *oe*.

Ex.: “moraes” → “morais”; “máos” → “maus”; “fea” → “feia”; “Deozes” → “Deuses”; “tregoas” → “tréguas”; “destroe” → “destrói”.

- O uso de *i* em *e*, nos casos em que se sucedem em duas sílabas seguidas.

Ex.: “similhantes” → “semelhantes”; “testimunho” → “testemunho”.

- A distinta grafia do grupo nasal *ão* em acentuação ou grave ou aguda.

Ex.: “fizeraõ” → “fizeram”; “estam” → “estão”.

Discriminados os itens concernentes à ortografia, sublinhemos que, quanto à pontuação em particular, obedecemos ao mesmo espírito de transcrição, isto é, conservámos todo o uso original que ainda permite clareza na decodificação do texto e mudámos (ou colocando ou retirando pontuação) o que já não concorria para levar o leitor à compreensão desse mesmo texto. Assim:

- Acrescentámos vírgula antes dos verbos no gerúndio.

Ex.: “Assim o fizeram os Efesinos injuriando com feias palavras a Hermodoro...” → “Assim o fizeram os Efesinos, injuriando com feias palavras a Hermodoro”.

- Retirámos a vírgula que antecede a conjunção *e*.

Ex.: “O mar com suas ondas acomete assim à soberba Nau, como ao roto, e pobre baixel” → “O mar com suas ondas acomete assim à soberba Nau, como ao roto e pobre baixel”

- Retirámos a vírgula que antecede ou a conjunção ou o pronome relativo *que*.

Ex.: “Isto tudo provém da suma ignorância, que nelas milita...” → “Isto tudo provém da suma ignorância que nelas milita...”

Houve casos mais polémicos, em que procurámos respeitar o sentido que a pontuação conferia ao texto, fazendo no entanto alterações de acordo com a norma do séc. XVIII.

- Substituímos o ponto e vírgula com valor de vírgula.

Ex.: “...pois assim como a sabedoria é um estímulo para todo o bem; a ignorância é a ocasião de todo o mal.” → “...pois assim como a sabedoria é um estímulo para todo o bem, a ignorância é a ocasião de todo o mal.”

- Substituímos o ponto e vírgula com valor de dois pontos.

Ex.: “Não é a formosura danosa porque o seja; mas porque os homens disseram e quiseram que fosse má” → “Não é a formosura danosa porque o seja: mas porque os homens disseram e quiseram que fosse má”

- Substituímos os dois pontos com valor de ponto e vírgula.

Ex.: “São como as ondas do mar, que sempre estão em contínuo movimento: são como as nuvens se água...” → “São como as ondas do mar, que sempre estão em contínuo movimento; são como as nuvens se água...”

Também no sentido de respeitar sempre que possível a norma alargada do séc. XVIII, **uniformizámos**:

- O uso de ? e de !, o primeiro passando a assumir valor interrogativo/exclamativo e o segundo, apenas exclamativo.

Ex.: “Pode haver maior desatino!” → “Pode haver maior desatino?”.

- O uso de itálico nos títulos das obras e no discurso directo intratexto, para que houvesse itálico em todos os pontos que o autor escolheu e naqueles que o leitor de hoje está acostumado a ver em itálico.

Ex.: “*Labirinto do Amor*”; “Diálogos” → “*Diálogos*”; “Como é possível, ó Pitágoras...” → “*Como é possível, ó Pitágoras...*”.

- O uso de maiúsculas para início de frase e nomes de disciplinas e o uso de minúsculas nos adjectivos quando o substantivo estava grafado com minúscula.

Nos restantes casos, limitámo-nos a seguir o que é consensual nas transcrições de texto.

- Corrigimos erros/ gralhas inquestionáveis.

Ex.: “outro incorpórea” → “outra incorpórea”; “trevimento” → “atrevimento”; “renunciá-la” → “renunciá-la”.

- Mantivemos as palavras que indiciam uma fonética diferente da que hoje vigora.

Ex.: “defensa”; “resplendor”; “infelices”; “cousa”; “dous”.

- Mantivemos os arcaísmos legíveis.

Ex.: “El Rei”; “Sor”; “baul”.

- Mantivemos qualquer pontuação que pudesse ser legível nos parâmetros actuais, ainda que em poucas ocorrências.

Ex.: ponto e vírgula com valor de ponto final: “...não faço menção das Semiramis, das Zenobias; das Arras; das Thomiris e Artemizas e de outras muitas que a referir todas nunca acabaria; concluirei porém...”.

Procurámos ainda completar com notas ao texto a nossa transcrição. O tempo reservado para a redacção desta dissertação não era tão prolongado que permitisse serem mais completas. É morosa a identificação de textos e de autores citados por vezes de cor e sempre sem qualquer indicação bibliográfica.

Espelho Crítico, no qual claramente se vêem alguns defeitos das mulheres, fabricado na Loja da Verdade pelo Irmão Amador do Desengano, *que pode servir de estímulo para a reforma dos mesmos defeitos.*

Lisboa, Na Oficina de António Vicente da Silva, Ano de 1761.

Com todas as licenças necessárias.

Espelho Crítico

Difícil seria a empresa, a que me arrojo, se acaso me persuadissem a querer expor os defeitos todos que ordinariamente se acham nas mulheres; porém como o meu projecto só é descrever alguns dos muitos que nelas militam, não me será cousa assaz difícil o demonstrá-los. Afirmo seguramente que não direi cousa que seja minha e menos lhes levantarei testemunho porque haja de retractar-me. Verão (vendo-se a este Espelho) os seus defeitos que entre os muitos, de que vários Autores fizeram menção, só me servirei de três para o presente argumento: dous maus e um péssimo, sendo em si bom. Mostrarei (sem escândalo, antes sim com toda a modéstia) serem ignorantíssimas e várias: primeiro e segundo defeito; no terceiro mostrarei, ser a formosura nelas também defeito. Farei por me explicar, valendo-me do que os Autores e a experiência a este respeito têm insinuado.

Para procedermos nesta matéria com a clareza que desejo, vamos consultar ao sábio Filósofo Secundo. Este grande homem, sendo perguntado pelo Imperador Adriano que cousa era a mulher, respondeu assim: *A mulher é naufrágio do homem, tempestade da casa, cativo da vida, leoa abraçando, animal malicioso e mal necessário.* É *naufrágio do homem*: pois é raríssima a infelicidade que não tenha sua origem nas mulheres; e por isso já houve quem lhes chamou princípio e fonte de todos os males. É *tempestade da casa*: e esta foi sem dúvida a razão porque Pitágoras deu sua filha em casamento a um seu maior inimigo; e causando isto admiração a todos, lhe perguntaram

alguns: *Como é possível, ó Pitágoras, que houvesse de dar tua filha a um teu inimigo, negando-a a outros que melhor e com justiça ta mereciam?* Ao que ele respondeu, dizendo: *Não se admirem; pois por isso mesmo que ele era meu inimigo, é que lha dei: pois fico certo que me não podia vingar melhor, nem meter-lhe em casa maior ruína, pois não pode haver para um homem maior flagelo que uma mulher. É cativo da vida; pois com seus males ocasionam a morte a quem com elas trata. Muitos exemplos pudera referir a este propósito; mas a brevidade que desejo não me permite ser muito difuso; se bem que nesta parte a experiência tem geralmente a todos desenganado. É leoa abraçando; pois nos seus afagos traz o maior dano; é como o crocodilo que com lágrimas e afagos rouba tiranamente a vida a quem lhe dá ouvidos, e por esta causa se diz também a mulher animal malicioso. É enfim, mal necessário; pois necessariamente nos havemos <de> servir delas na conduta e exercícios da vida humana. Bem sei que sem elas não poderíamos passar; mas o certo é que com elas passamos bem mal: é sentença do Príncipe dos Filósofos¹.*

Eu prescindo dos defeitos físicos que nelas dizem haver; pois estes considero de menos circunspecção; e nesta parte não têm faltado Autores que têm mostrado esta grande imperfeição. Dos defeitos morais somente trato e pelo modo que acima fica distribuída a matéria; digo pois que as mulheres são sumamente ignorantíssimas.

Entre os Gregos era axioma muito trivial este dito: *Fogo, mar e mulher três males são*. O fogo com suas chamas tudo devora; não respeita a soberania dos palácios, nem atende ao humilde do edifício. O mar com suas ondas acomete assim à soberba Nau, como ao roto e pobre baixel. A mulher com sua ignorância arruína-se a si, destrói aos homens e atropela ao mundo todo. Qualquer animal (diz Eurípedes) que não seja a mulher, se é que é mau, é somente em um gênero de mal; porém a mulher para todos os males juntos é aptíssima.

Isto tudo provém da suma ignorância que nelas milita; pois assim como a sabedoria é um estímulo para todo o bem, a ignorância é a ocasião de todo o mal. Terêncio afirma que as mulheres são semelhantes aos meninos, por serem estes ignorantes e carecedores de juízo. Eu porém digo com Eurípedes: que sim, carecem de juízo para o bem; mas que são admiráveis artífices para o mal. Pobres e miseráveis são as mulheres (diz ele) para aconselharem e persuadirem o bem; sábias artífices porém

¹ *Príncipe dos Filósofos*: o texto parece atribuir esta antonomásia a Pitágoras, embora mais frequentemente ela seja atribuída a Platão ou a Aristóteles.

para operarem o mal. De todas as cousas animadas a mais nociva e misérrima planta é a mulher.

Teofilato² ainda clarificou mais esta sentença, dizendo: que assim como toda a natureza humana se perdeu em Adão, assim por Eva, leve em crer a serpente, passou a leveza de juízo a todas as mulheres. Perguntado em certa ocasião um Cavalheiro português a que poderia chegar o juízo de uma mulher, respondeu que a arrumar um baul de roupa; e sucedendo em uma tarde ter uma política conversação com uma Senhora a quem as mais veneravam por Oráculo da eloquência, finda a conversa, perguntou-lhe a dita Senhora com vanglória e jactância: *Ora diga-me Vossa Senhoria que conceito é o que tem feito do meu juízo, pois me consta dizer Vossa Senhoria que o mais a que pode chegar uma mulher de muita discrição, é a arrumar bem um baul de roupa! Assim é, Senhora* (respondeu o Cavalheiro), *que é ao que pode chegar o juízo de qualquer mulher que não for o vosso; porém o vosso é tal que pode seguramente arrumar dous baús de roupa.* Este era o conceito que este nobre e discreto Cavalheiro fazia do juízo da mais discreta mulher; que, por ser feito em outro tempo diverso do presente, estou seguro que agora nem a tanto já podem chegar que, se atarem bem um cargo de roupa, não fazem pouco.

Eu sei que no Direito Civil se acha uma regra que diz assim: *As mulheres boas são raras e as más são quasi infinitas.* E também esta: *As mulheres são falsas, são frágeis e são corruptíveis* e esta é a razão porque são removidas de todo o emprego público, ainda daqueles actos em que o mais inerte homem é admitido. Tomas de Tomassetes, Doutor em um, e outro Direito, pondo os olhos nestas regras, afirma que são como aquelas em que a Filosofia acha certos e irrefragáveis princípios que não admitem limitação, ou excepção; pelo que não tem aqui lugar o axioma que diz que toda a regra tem sua excepção. Pudera trazer casos mais particulares em abono desta verdade; mas como a verdade granjeia ódios, remeto o curioso à lição dos Autores que desta matéria têm tratado diffusamente, e neles verão quanto eu não digo. Vamos ao segundo defeito que ponderei, que é a inconstância, ou variedade nas mulheres.

Parece propriedade nas mulheres a variedade. Assim o dá a entender Virgílio, dizendo que sempre são várias, mudáveis e inconstantes. Não há que buscar nelas a causa da sua mudança, pois parece estar radicada em suas mesmas pessoas. É o coração da mulher dissemelhante de si mesmo. São como as ondas do mar, que sempre estão em

² Teofilato: o Padre António Vieira já citara Teofilato em alguns sermões, como o *Sermão da Sexagésima* e o *Sermão das lágrimas de S. Pedro*.

contínuo movimento; são como as nuvens sem água, que com qualquer vento andam em perpétuo giro pelos espaços da região aérea. O que agora querem, logo aborrecem; o que agora aborrecem, isso logo procuram; agora choram e logo riem. São como o Lago dos Trogloditas, chamado o *Doudo*; porque três vezes de dia e outras tantas de noite se muda de salgado em doce; ou como o mar Euripio, que padece sete marés no dia. Permita-se-me, para confirmação e exemplo, referir o seguinte sucesso que afirmam bons Autores ter acontecido em Éfeso.

Havia ali uma Matrona, dizem que honestíssima, que, morrendo-lhe seu marido, fez os maiores extremos de sentimento que se podem exagerar; desfazia-se em lágrimas e suspiros e não satisfeita com as costumadas cerimónias das mais viúvas, se foi ao sepulcro em que o marido jazia (que naqueles tempos se faziam nos campos debaixo de abóbodas), e nele se encerrou não querendo comer nem beber, como fez por quatro dias. Sucedeu que perto deste sítio se tinham justicado uns malfeitores e para que não fossem os cadáveres tirados da forca, lhes puseram corpos de guardas de soldados. Um destes, sabendo que no sepulcro estava a dita mulher se foi ter com ela, levando-lhe da sua ceia para que comesse; ao princípio não havia remédio para que assim o fizesse; mas tanto fez o soldado que a veio a convencer e fazer que comesse. Passou mais adiante: persuadiu-a a que se desonestasse com ele e enfim veio a alcançar dela a condescendência. Divertida já assim esta mulher e descuidado o soldado da sua obrigação, sucedeu que os parentes de um dos justicados tirassem da forca o corpo e o levassem. Saiu o soldado do sepulcro e não achando o corpo a quem devia estar de sentinela, temendo o castigo, tornou a procurar a mulher, e cheio de contristação e amargura, lhe referiu a causa de sua pena; o que ouvindo a boa ou a má da viúva lhe disse: que se não afligisse, que tomasse o corpo de seu marido defunto (por quem ainda há pouco tinha feito tantos excessos) e o pusesse na forca em lugar do justicado que lhe haviam roubado; o que assim se fez. Notável inconstância do coração de uma mulher, mais variável do que parece possível! Nem o vento muda com tanta facilidade a folha de uma planta.

Eu persuado-me que aqueles maiores homens, a quem a Gentilidade tributou respeitos e dos quais, para nosso exemplo, ficaram não poucos monumentos, principalmente nas virtudes morais em que alguns pasmosamente se singularizaram, foram os que mais conheceram as propriedades das mulheres e que mais se lhes opuseram. Viu-se Demócrito precisado a casar; era este Filósofo de altura mais que ordinária e, fazendo eleição de mulher, a procurou de estatura sumamente pequena; e

sendo arguido da imporporcionada [sic] eleição que tinha feito, respondeu: que vendo-se precisado a valer-se do mal, que escolhera do mal o menos; aludindo à pequena corpulência da mulher, pois entre eles era este dito muito vulgar: *Não te fies de mulher, nem ainda quando a vejas morta*. Séneca disse que a mulher, ainda quando está só, está obrando mal; e o celeberrimo e bem desenganado Diógenes, vendo estar duas falando em segredo, disse: *Lá está o [sic] Áspide pedindo veneno emprestado à víbora*. Ele conheceu tanto a ruína de que elas eram causa que, saindo em uma tarde de passeio ao campo e vendo em uma árvore sete corpos de mulheres que por delitos tinham sido castigadas, cheio de alegria e furor, exclamou assim: *Oh proveram os Deuses que todas as árvores dessem deste fruto!* Finalmente, é a chama mais leve que o fumo; é a mulher mais leve que o vento; e não há cousa mais leve que a mulher. Assim o decantou um discreto ao som de sua afinada Lira, dizendo:

*Quid levius fumo ? Flamen : quid flamine ? Ventus : quid vento ? Mulier : quid muliere ? Nihil.*³

O terceiro defeito, e em notável dano, é a formosura da mulher (único objecto do seu maior desvelo), da qual abusando formam os maiores precipícios; e senão, perguntemos quem foi a desolação e ruína de Júlio César, depois de se ver triunfante em Itália, França, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Tessália, Arménia e Egipto? E ouviremos dizer que a formosura de Cleópatra. Quem a destruição do famoso Hércules, senão Omphala; Medeia, de Jasão; Fedra, de Hipólito; e outras de outros muitos?

Veja-se quem foi a destruição de Tróia, a mais bela Cidade na Ásia Menor, e acharemos que a formosura de Helena Grega foi a sua total ruína; e a perdição de tantas gentes que por espaço de dez anos prevaleceram as dissensões e guerras entre os Gregos e Troianos. Ponhamos também os olhos no palácio de El Rei D. Rodrigo e veremos ter sido a beleza de Caba⁴, origem das maiores calamidades que padeceram as Espanhas, vindo por este motivo a serem reduzidas a bem calamitoso espectáculo. Com muita

³ *Quid levius fumo? Flamen: quid flamine? Ventus: quid vento? Mulier: quid muliere? Nihil* : “O que é mais leve que o fumo? A chama. E que a chama? O vento. E que o vento? A mulher. E que a mulher? Nada.”

⁴ *Caba*: é o outro nome dado a Florinda, a filha do Conde D. Julião que fora entregue ao Rei D. Rodrigo. Apaixonado por ela, ele a violou.

justiça disse o sábio Aristipo⁵, vendo a uma mulher pequena de corpo, mas rara em formosura: *Pequena formosura; mas grande mal!*

A estimação que as mulheres fazem da formosura, não se pode encarecer, nem o desvelo que muitas têm para o parecerem; para este fim concorrem todas as quatro partes do Universo e ainda tudo é pouco para o seu desejo. Plauto nesta parte as compara à Nau, dizendo haver duas cousas no mundo que nunca se acabam de aparelhar de todo, que são a Nau e a mulher: esta nunca tem adornos e enfeites que lhe bastem; aquela nunca leva mercancias que abundem. Ainda aquela mulher que menos cuidado põem [sic] em parecer formosa, nem por isso deixa de lavar o rosto com demasiada curiosidade e affectação.

Há porém uma casta de mulheres (como refere Kirker⁶) em um reino entre os muitos de Tartária, chamado Necal⁷, que naturalmente são feiíssimas, e entre elas a formosura tem pouco preço; estas, para parecerem ainda mais horrendas, costumam nunca jamais lavarem a cara; mas antes ungi-la com uma espécie de azeite fétido que as faz mais feias e insoportáveis [sic]. Eu não sei que julgará destes dous extremos; só digo que provera a Deus fizessem as nossas Europeias por modéstia, o que fazem as Necalitas por estilo, que poderia ser, passar nas nossas a virtude o que nas estranhas é loucura. Pouco importaria que se fizessem insoportáveis [sic] aos olhos dos homens que isso mesmo se faziam gratas aos de Deus.

É de ordinário a formosura a ruína da mesma mulher e de quem dela se enamora. É uma espécie de Áspide que em quem emprega a vista, rouba a vida; ela lhe dá audácia e trevimento [sic] para acometerem assim ao ímpio, como ao justo; não atende ao lugar, ou seja o mais profano, ou seja o mais isento; pois que ela entende que a tudo domina e impera. Isto se prova com o que aconteceu ao Monge Santo Efrem: achava-se este venerável Abade em certa ocasião em sua humilde pousada, cozinhando umas agrestes ervas para comer; a este tempo passou uma mulher leviana e, confiada na sua bizzarria, teve o atrevimento de lançar a cabeça por uma fresta que tinha a tal choça; e vendo ao Santo, lhe perguntou (por não deixar de dar sinal de si) se lhe faltava alguma cousa. O Santo, cheio de desabrimento, lhe respondeu que o que lhe faltava eram três ladrilhos e um pouco de barro para entaipar aquela fresta.

⁵ *Aristipo*: Aristipo de Cirene, filósofo grego discípulo de Sócrates e fundador da Escola Cirenaica.

⁶ *Kirker*: é provavelmente o jesuíta alemão Athanasius Kircher (1601-1680), autor das obras *Turrius Babel*, *Mundus subterraneus*, *Magna lucis et umbrae* etc.

⁷ *Necal*: é muito provavelmente o Nepal.

Este foi o modo com que este Santo venceu a maldade desta mulher, a quem sua formosura incitava a estes atrevimentos. E é o mais cruel inimigo do género humano; e o que não podem subjugar as forças dos homens, pode vencer a formosura das mulheres; por isso é necessário haver ou o espírito de um Efrem para lhe resistir; ou o valor de um Alexandre para a vencer: este famoso Capitão depois de ter com muito custo e muito sangue desbaratado o exército de Dário e a ele mesmo cativo, vieram-lhe dizer que as filhas do vencido lhe pediam audiência; o que ouvindo Alexandre respondeu generoso: *Tal não darei, pois já que venci o Pai à força de armas; não quero ficar vencido pelas filhas à violência de suas formosuras*; e deste modo foram despedidas.

Tenho acabado. O fruto que daqui desejara que todos tirassem era que as mulheres fossem mais comedidas em seus ornatos e os homens mais acautelados em suas vistas. Elas mais discretas para o bem e ignorantes para o mal e constantes no que for para honra e glória de Deus.

FIM.

J.M.C.

Omnia sub correctione S.R.E.

Primeira Carta Apologética, em favor e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Desengano, *com a qual destrói toda a fábrica do seu Espelho Crítico.*

Lisboa, na Oficina de Francisco Borges de Sousa, Ano de 1761.

Com todas as licenças necessárias.

Primeira Carta Apologética

Caríssimo irmão, é a defesa tão natural em todo o género de indivíduo que ainda o mais vil insecto, quando se vê ofendido, procura, pelo modo que lhe é possível, desagrar-se. Trilha o arrogante leão a humilde formiga, esta logo abrindo a garra, com ela imagina despicar-se. Assim eu agora em defesa do meu sexo, quando me vejo insultada, procuro a defesa com as mesmas armas com que me vejo ofendida.

Se as ofensas, que V.C.¹ incita nos defeitos que quer mostrar na lente do seu *Espelho Crítico*, dissessem só respeito à minha pessoa, pouco, ou nenhum caso faria eu delas; pois já de antemão estou prevenida a fazer menos apreço dos impropérios dos homens, em cujos termos sempre me lembro do que refere Policrato² que, injuriando um homem a outro, disse o injuriado: *Dize o que quiseses, que eu tenho mandado aos ouvidos que ouçam; à língua que cale; e ao ânimo que esteja quieto.* Mas como são em desabono de todo o meu sexo, indispensavelmente me vejo precisada a defendê-lo.

É certo que os homens nem sempre falam apoiados na razão; pois ententando [sic] dizerem mais, haja ou não haja razão, sempre vão atrás de suas inordenadas [sic] paixões. Eu me explico com o apólogo que sucedeu ao cordeirinho com o lobo. Dizem

¹ “V.C.” pode ser “Vossa Caridade”, mas não desdobrámos a abreviatura, apenas sugerimos esta possível leitura.

² *Policrato*: Policrates, tirano da ilha de Samos.

que tinham estes feito tréguas por certo tempo e, antes que estas se findassem, se encontraram ambos bebendo em um regato. Desejava o perverso lobo quebrar as tréguas e devorar o cordeirinho e para formalizar a contenda lhe disse muito sanhudo: *Para que me turvas a água que estou bebendo?* Respondeu o cordeirinho: *Senhor lobo, como posso eu turbar a V.M. a água, se ela traz de lá a torrente e eu estou cá mais abaxo [sic]?* Enfadou-se o lobo com a evidência da satisfação que era mais clara que a mesma água e replicou assim: *Pois se não ma turvas agora, lembrado estou muito bem que ma turvastes o ano passado. Veja V.M. senhor lobo* (tornou o cordeirinho), *que isso não pode ser porquanto eu tenho mui poucos meses de idade e ainda não era nascido o ano passado.* Então o lobo, não atendendo à razão, se tornou em cólera e disse: *Pois se não fostes [sic] tu, seria o carneiro teu pai,* e logo remetendo a ele, o levou nos dentes. Isto quase é o mesmo que pratica a maledicência dos homens e o que se vê no seu *Espelho Crítico*: buscam o crime na inocência e, como o não acham, arrebatam por força o que não podem levar pela razão.

Eu lhe torno a afirmar, amado Irmão, que nunca os louvores dos homens me vangloriaram, como também nunca impropérios desses, a quem V.C. chama *Grandes homens, grandes sábios, e grandes filósofos*, me molestaram. Que razão terei eu para me ressentir deles quando vejo a um Favônio louvar as febres quartãs? A Sirêncio a calva! A Polícrates os ratos! A Luiz Wilichio os gafanhotos! A Betubo os mosquitos! A Miguel Psello³ as pulgas! E até o nada louvou André Amónio!

Pítaco⁴ (a quem V.C. chamará eloquente), empregou todo o seu espírito e fez um volume dos louvores da mó da atafona, sendo ela uma cousa bem tosca, bem grosseira e bem indigna de se gastar o tempo em a louvar! Crisipo⁵ fez um tratado em louvor da couve! Phantias⁶ outro em louvor da urtiga! E Marciano outro, louvando o rabão! Ora veja V.C. se assim como lhes deu para elogiarem cousas tão vis e baixas e em que se davam tão poucos motivos para os louvores; se dessem em engrandecer as mulheres que diriam! O certo é que o ânimo depravado, quando se expõe a mal dizer, não busca razão para apoiar sua malícia, pois não pode haver razão em que a funde.

Eu tenho por evidente que aqueles que com mais frequência e fealdade pintam os defeitos das mulheres, são os que mais solícitos e cuidadosos idolatram o mesmo que

³ *Miguel Psello*: erudito da época de Constantino.

⁴ *Pítaco de Mitilene*: este jónico, tendo sido escolhido como árbitro para restabelecer a ordem após as acções de dois tiranos, ficou estigmatizado ele mesmo como um tirano. É pouco estudado hoje.

⁵ *Crisipo*: viveu em Atenas no séc. III a.C. e é considerado grande mestre estóico, director do Pórtico.

⁶ *Phantias*: filósofo grego seguidor de Aristóteles, que viveu no século IV a.C.

ofendem. Veja Eurípedes, com quem V.C. nos argumenta: foi este homem em sumo maldizente das mulheres em quantas tragédias fez; e segundo Ateneu, era amantíssimo delas no particular, de sorte que maldizia-as na praça e adorava-as em casa. Boccaccio foi extremosamente leviano, ao mesmo passo que escreveu contra elas a violenta sátira que intitulou *Labirinto do Amor*. E que será isto Caríssimo Irmão? Será acaso que, com a ficção de ser deste ditame, ocultar sua péssima inclinação? Será que há homem tão malévolos que diz que uma mulher não é boa, só porque ela não quis ser má; e assim desafoga sua execranda paixão em atrozes vinganças, abomináveis impropérios e em injuriosos testemunhos? Não digo isto sem muita reflexão e, se quer ver a confirmação desta verdade, lembre-se do lastimoso sucesso da formosa e discreta [sic] Holandesa Madama Duglas, contra a qual irritado Guilherme Leout, por ela não querer condescender com sua pravidade, chegou este homem a acusá-la do nefando crime de lesa-majestade e, provando-lhe o delito com testemunhas falsas e subordinadas, a fez condenar à morte. Deste género são as mais das verdades que contra as miseráveis se dizem⁷.

Dirá V.C. que o meu argumento só convenceria, se acaso um, ou outro homem fosse o que dissesse mal das mulheres, mas que asseverando-o a maior e a melhor parte deles, é certo que nem todos podem ser maus; nem as mulheres boas. Ora permita-me (que é o que basta para V.C.) que eu lhe responda com a história que traz Carduzio nos seus *Diálogos* acerca da pintura. Foi o caso: iam de jornada um homem e um leão e, disputando ambos se os homens, ou os leões eram mais valorosos, cada qual dava vantagem à sua espécie. Chegando por fim a uma fonte que estava guarnecida de jaspes e de mármore lavrados, advertiu o homem que entre estes se divisava a figura de um homem do mesmo mármore, despedaçando um leão. Então voltando para seu competidor, como quem tinha achado contra ele um concludente argumento lhe disse: *Agora te acabarás de enganar que os homens são mais valentes que os leões, vendo render a vida aquele leão às mãos de um homem. Belo argumento me trazes* (respondeu o leão, zombando), *se outro homem não fizera esta estátua. Eu te juro que se um leão a fabricara, tu a verias absolutamente pelo contrário*. Agora aplique V.C. a moralidade que está bem clara.

Como porém V.C. no seu decantado *Espelho* só faz menção com especialidade de três defeitos que diz serem *Ignorância*, *Variedade* ou *Inconstância* e *Formosura* pelo

⁷ *Madama Duglas*: em “Defensa de las mujeres”, Benito Jerónimo Feijoo cita Madama Duglas, mas como uma irlandesa.

dano que causa, vejo-me obrigada a deixar estas generalidades e responder a cada um deles em particular. Farei por me explicar e por convencê-lo.

PRIMEIRO DEFEITO

Ignorância

Não quero (Caríssimo Irmão) lembrar a V.C. a nenhuma frequência que as mulheres têm das Cortes, das Aulas e das Universidades, que é aonde se avultam as letras e apuram os engenhos, cousa que sendo aos homens tão frequente, é raríssimo aquele que admira. De mil que frequentam as Aulas e as Universidades apenas se encontra um, ou outro que faça admiração aos mais; quando certamente me persuado que, se às mulheres fosse permitida esta liberdade, seria a maior parte delas sapientíssimas [sic]; pois vemos terem havido muitas de tão alta compreensão e engenho que, ainda sem Mestres e sem exercício, têm feito admiráveis progressos, assim nas letras, como nas manufacturas. E para que se não duvide deste acerto, eu exponho algumas, entre as muitas que podem abonar esta verdade. Ora vá ouvindo.

Margarida, Rainha de Navarra⁸, amou sumamente as letras e os Sábios; foi tão instruída que compôs muitos papéis, tanto em prosa, como em verso, entre os quais é bem conhecido o que deu ao prelo com o título *Novelas da Rainha de Navarra*. Obra certamente de admirável engenho.

Amalthea⁹ apresentou a Tarquínio Soberbo nove livros compostos por ela, sobre os destinos de Roma, os quais foram tão respeitados e tidos pelos Romanos em tanta veneração que se criaram dous Magistrados unicamente destinados para os consultar nos casos mais extraordinários.

⁸ *Margarida de Orleans ou de Valois*: rainha de Navarra nascida a 1492, foi louvada durante o século XVIII como corajosa na tomada de atitudes de projecção política.

⁹ *Amalthea*: profetisa que provinha de uma cidade jónia da Ásia Menor ou da Grécia.

Margarida de França, Duquesa de Berri e de Sabóia¹⁰, filha de El Rei Francisco o I [sic], aprendeu o Grego e Latim, com tão estranha vivacidade que mereceu ser declarada Protectora das Ciências e dos Sábios; granjeou uma glória imortal por sua grande piedade e bondade, e pelas belas qualidades com que sua sabedoria e capacidade se fazia a todos recomendável, de sorte que os seus vassalos a denominavam *Mãe dos Povos*.

Lucrécia Marinella¹¹, Dama veneziana, foi de um incomparável juízo, de quem há muitas e admiráveis obras; e entre elas um tratado em que discretamente mostra <que> o sexo feminino leva vantagem ao do homem. Peço a V.C. o queira ver e, se o não tem, como me persuado, eu lho remeterei, que o tenho em meu poder, e se ignora o idioma italiano em que ela o escreveu, procure-me que eu lho farei entender.

Isabel Sofia Cheron¹² foi celeberrima na Música, Poesia e Pintura, foi filha de Henrique Cheron, natural de Paris; ele era protestante; ela porém (que nisto muito mais mostrou ser sábia), sendo de pequena instruída na mesma seita, veio a renunciá-la espontaneamente e <a> abraçar a verdadeira Religião. Monsieur de Brun a associou pela sua alta capacidade, à Academia Real da pintura e escultura. Ela aprendeu Hebreu, para mais facilmente entender o sentido dos Salmos e dos Cânticos que ela quis traduzir. Morreu no ano de 1711. Deixou uma obra sua que continha os Salmos e Cânticos em elegante verso, enriquecidos com admiráveis figuras. O *Cântico de Habacuc* e o Salmo 133 traduzidos em verso francês, com estampas tão vivas que davam bastante ideia da matéria; e outras infinitas peças de Poesia, que todas davam a conhecer sua Autora e seu raro engenho.

Ana Maria de Sehurman de Colónia¹³ foi de tão pasmosa índole que de seis anos fazia figuras, debuxos e delineamentos admiráveis, sem mais Mestre que a própria curiosidade. De dez anos aprendeu a bordar no tempo de três horas. Aplicou-se à Música, pintura e escultura, em que fez os mais estupendos progressos. Vendo nela seu Pai tão raro engenho lhe mandou ensinar as belas letras. Aprendeu e soube perfeitamente os idiomas latino, grego, hebraico e as línguas orientais que têm correlação com a hebreia. Falava como nacional o Francês, o Italiano e o Inglês.

¹⁰ *Margarida de França*: nascida a 1527, esta sobrinha de *Margarida de Orleans* foi uma protectora das Ciências e dos pobres.

¹¹ *Lucrécia Marinella*: médica do século XVI.

¹² *Isabel Sofia Cheron*: senhora francesa do século XVII, ligado de facto às artes e à religião.

¹³ *Ana Maria de Sehurman* ou *Anna Maria de Eschurman*: nascida no ano de 1607. Seus feitos, bem resumidos, são os enumerados pela autora, de acordo com obra da mesma época assinada por Damião de Froes Perym. Para Benito Jerónimo Feijoo, ela era *Ana Maria Schurmán*.

Aprendeu também Geografia, Filosofia, Matemática e Teologia. Deixou entre muitas obras suas uma Dissertação em Latim na qual disputa esta questão: *Se é lícito às mulheres aplicar-se às letras?* A qual resolve com elegante estilo e subtil engenho.

Julgo que V.C. à vista da presente Relação estará surpreendido [sic] e também que lhe estou ouvindo pedir dela certidão. Porém não fique com esse escrúpulo; pois se quer achar de tudo isto a verdade consulte a Monsieur Abade Ladvocat (Autor de toda a veneração e verdade) no seu *Dicionário histórico*¹⁴ e nele não só achará as de que faço menção, mas muitas mais que, por não fazer-me fastidiosa, omito. E assim seja bastante o que fica dito em resposta ao primeiro defeito. Agora parto ao segundo, que é

Inconstância

Confesso que é voz comuníssima que as mulheres são inconstantes; como se este achaque fosse só próprio nelas e se não achasse em muitos homens! Eu não quero eximir todas; mas o certo é que quase tudo, quanto delas se diz, costuma ser menos verdade, e fundamentado só na perversidade dos homens, dos quais neste ponto pudera mostrar milhares de exemplos bem contra eles; porém como esta minha Carta só é dirigida a defender-me e não a ofender, daquela e não desta, unicamente trato.

Parece indubitável que se as mulheres absolutamente fossem várias, instáveis e inconstantes, bem desnecessário era aos Magos buscarem remédios e encantamentos para lhes abrirem o peito e saberem delas pela mágica o que delas não podem alcançar, nem com rigores, nem com afagos; por esta causa entenderam e disseram que o coração de certa ave e a língua de certa savandija aplicada ao peito da mulher era admirável para conseguir este fim. Que é isto, homens? Não dizeis vós que somos inconstantes? Pois valei-vos dessa mesma variedade para satisfação do que inventais e deixai, esses encantamentos, que são de custo e perigosos.

Desengane-se finalmente V.C. e saiba que nem tudo o que se diz é certo; lembre-se da infanta de Hungria D. Isabel¹⁵ (irmã de D. Violante, avó da nossa Santa Isabel Rainha de Portugal). Foi ela casada com Ludovico Landgrave de Ásia e Turíngia,

¹⁴ *Dicionário histórico*: a obra de Jean Baptiste Ladvocat (1709-1765), *Dictionnaire historique*, foi publicada em Paris em 1752, ou seja, só nove anos antes de ser referida por G.M.J..

¹⁵ *D. Isabel*: Santa Isabel da Hungria e da Turíngia (1207-1231) era filha de André II da Hungria e da rainha Gertrudes de Andechs-Meran.

amavam-se tão fortemente que pareciam ambos um coração e uma alma; sucedendo porém roubar a morte a Ludovico a vida, foi tanta a constância desta Princesa que fez admiração a toda a Corte; e para satisfazer aos reparos dos vassallos disse assim: *A nenhuma diligência perdoei para que meu marido vivesse; porém, visto que morreu porque Deus Senhor Nosso assim foi servido, nem um só cabelo da cabeça darei para que reviva.* Notável constância de ânimo por certo! Incomparável conformidade com o beneplácito Divino!

Eu deixo em silêncio uma Mariane; uma Natália; uma Cristina; não faço menção das Semiramis¹⁶, das Zenobias¹⁷; das Arrias¹⁸; das Tomiris¹⁹ e Artemisas²⁰ e de outras muitas que a referir todas nunca acabaria; concluirei porém esta minha carta, fazendo unicamente menção de Damo²¹, filha de Pitágoras. Achava-se este Filósofo nos últimos períodos da vida e, entregando a Damo seus escritos todos em que se continham os mais recônditos mistérios da sua Filosofia, dando-lhe com eles também ordem que nunca jamais os publicasse, nem saíssem do seu poder; ela lhe obedeceu de tal sorte que ainda vendo-se reduzida a uma extrema pobreza e indigência e podendo vender aqueles papéis por avultada soma de dinheiro, quis antes provar de constante à promessa que fez a seu pai que sair das angústias da pobreza.

Não digo mais (Caríssimo Irmão), não porque me falte que dizer; mas porque me vejo precisada a pôr fim a esta Carta. Não tenho tempo para tratar do terceiro defeito; porque outros ministérios próprios da minha pessoa me levam uma grande parte dele. Eu mesma me obrigo, em satisfação, abono e desagravo do meu sexo a fazer segunda Carta, em que conclua e exponha o que agora devia, a qual remeterei a V.C. para que cotejando-as com seu *Espelho* veja que ele, se não é que fica quebrado, não deixa contudo de ficar assaz maculado e ofendido. Fico para servir a V.C. etc.

¹⁶ *Semiramis*: rainha da Síria cujo nascimento deu margem a histórias fabulosas; criatura que equilibrava muito bem qualidades tipicamente femininas e masculinas, nomeadamente as militares. Governante da Babilónia.

¹⁷ *Zenobias* ou *Zenobia*: rainha da Síria no período do imperador Adriano, esteve voltada para as actividades de Estado e para a erudição.

¹⁸ *Arrias*: houve duas figuras históricas com este nome: ou uma romana do ano de 202, seguidora da doutrina de Platão e habilidosa nas letras, ou mulher envolvida numa conspiração contra o imperador Cláudio e célebre por corajosamente procurar a morte como saída ao encarceramento de seu marido, um ex-cônsul. O padre Pedro Lamonte, na obra *Galeria de mugeres fuertes*, trata da segunda.

¹⁹ *Tomiris*: rainha da Cítia que vingou a morte do filho, ao ter sucesso em uma cilada contra Ciro.

²⁰ *Artemisa*: houve duas rainhas da Antiguidade com este nome, uma ilustre em razão da coragem que demonstrava em questões militares e a outra famosa por ter mandado construir com muito engenho uma sepultura grandiosa ao seu amado. Na obra *Galeria de mugeres fuertes*, o autor alude a jaspes, rubis, mármore e metais preciosos a ornarem o mausoléu. Registe-se que a palavra “mausoléu” nasceu precisamente do nome próprio do referido esposo de Artemisa, Máusolo.

²¹ *Damo*: além de ter obedecido ao pai no que diz respeito aos escritos dele, consta que se manteve virgem por influência dele e teve seguidoras.

Omnia sub correctione S.R.E.

J.M.E.

FIM.

Segunda Carta Apologética, em favor e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Desengano, *Com a qual destrói toda a fábrica do seu Espelho Crítico*. E se responde ao terceiro defeito que nele contemplou.

Lisboa, na Oficina de Francisco Borges de Sousa, Ano de 1761.

Com todas as licenças necessárias.

Segunda Carta Apologética

A Carta, que remeti a V.C. não há muitos dias, soube ser-lhe entregue e juntamente soube do próprio amanuense que a levou que V.C. dissera em falsete (não duvidando da verdade que o podia fazer) que, vendo as Heroínas com que eu legalizava a minha defesa, não encontrava uma só Portuguesa. Eu espero ter tempo para lhe remover este prejuízo; agora porém vou ao principal intento que é nesta segunda Carta dar complemento à primeira, mostrando não ser a formosura tão feia e tão danosa, como V.C. quer que se veja no seu Espelho, cujo intento ilidir e quebrar.

Miseráveis mulheres, que caístes na desgraça dos homens! Infelices homens, que quando soçobrados com a ira da vossa maléfica paixão até chegais a dizer mal de vós mesmos! Assim o fizeram os Efesinos, injuriando com feias palavras a Hermodoro¹, até o expulsarem fora [sic] da Cidade, excedendo ele a todos em virtude, constância e equidade. O mesmo fizeram os Atenienses a Aristides, a Címon e a Temístocles²; e os

¹ *Hermodoro*: Hermodoro de Éfeso que era amigo de Heraclito.

² *Aristides* (no original “Aristide”) e *Temístocles*: o primeiro era filho de Lisímaco; ele e Temístocles foram adversários e depois, aliados. *Címon*: filho de Milcíades, sucessor de Aristides e Temístocles e oponente de Péricles. Há quem registre em português de Portugal a forma “Cimone”, como na edição de *Pelópidas e a supremacia de Tebas* (Lisboa, Editorial Inquérito, 1939, trad. e notas de Lobo Vilela). *Aristides* era chamado “o Justo” e quando a qualidade começou a ser inoportuna, foi exilado. *Temístocles*, que foi líder de Atenas no século V a.C., impôs-se pelo engenho e não por influência familiar. Astuto, gozava de prestígio suficiente para convencer a Assembleia a apoiá-lo na construção de uma frota, estratégia militar fundamental para vencer batalhas nas Guerras Pérsicas. Foi banido em 471. *Címon*, levado ao ostracismo em 461.

Siracusanos a Hermócrates e a Dione³; e os Romanos a Camilo, a Rutílio e a Metelo⁴. E não tendo Catão Uticense nenhuma cobiça, nem Hércules nenhuma cobardia, diz Plutarco⁵ que a Catão notaram de cobiçoso e a Hércules, de cobarde. Pode haver maior desatino? Assentemos nós que os maus, não podendo fazer sofrer os bons e o que é bom, estudam cavilosamente os meios de os arruinar.

Não é a formosura danosa porque o seja: mas porque os homens disseram e quiseram que fosse má. E bastará isto (amado Irmão) para que se assente e afirme que é má? Ora vá ouvindo V.C. e notando. Perguntado um sábio que cousa era a formosura, disse: *É um resplendor [sic] do sumo bem que reluz naquelas cousas que se vêem e alcançam com o sentido e com o entendimento, pelos quais as quer converter a si*. Ora já não é tão feia como V.C. a pinta. Suponho que V.C. como Católico sabe muito bem que há dous géneros de formosura, uma corporal, outra espiritual; uma corpórea, outra incorpórea. Da espiritual não trata V.C. e por isso não me emprego em responder-lhe; da corporal é toda a contenda.

Houve um Religioso Capuchinho por nome Fr. Fortunato de Quiaromonte; era este de tão rara gentileza que, reflectindo nele um herege Luterano, sem outra mais razão se reduziu e converteu ao grémio da Religião Católica; e inquirido pela causa que o motivara a esta tão repentina e voluntária mudança, respondeu: Convenceu-me este argumento: *neste homem está Deus quase visivelmente e não estaria se ele seguisse Religião falsa; logo a que ele segue é a verdadeira*. Tirassem os homens todos esta e semelhantes consequências da formosura que acham nas mulheres, que eu lhes prometo que até eles seriam⁶ bons; porém como a sua malícia é tal que tira do bem o mal - à maneira da aranha, que da flor <de> que a abelha tira o mel, tira ela o veneno - por isso chegam a maldizer a formosura. Não assim um dos melhores engenhos de França que lhe chamou: *Sombra das belas almas e carácter visível da virtude*.

Em um Panegírico que Pacato⁷, singularíssimo Orador, fez ao Imperador Teodósio, disse que a formosura tinha muito de divina; e que se a sua virtude lhe merecera o Império, a sua gentileza acrescentara os votos à virtude. Ao Sol, em razão de sua formosura, chamou Platão *Imagem de Deus*. À formosura chamou Marcílio Ficino

³ *Hermócrates*: num período de crise no século IV a.C., esse general contribuiu para afastar os atenienses, mas foi derrotado e expulso de Siracusa. *Dione*: filósofo e tirano exilado.

⁴ *Rutílio*: orador da época de Júlio César. *Cecílio Metelo ou Quinto Metelo*?: no fim do período helenístico, defendeu a província romana da Bitínia face à invasão das tropas de Mitridates.

⁵ *Catão*: homem íntegro, estóico avesso à corrupção.

⁶ No original está a forma verbal conjugada “fossem”.

⁷ *Pacato* ou *Drepânio Pacato*: escreveu o Panegírico em 389. Era um orador latino.

Flor da bondade; e outros a apelidaram *Iguaria de todo o bem*. Lembra-me ter achado em Eneias Sílvio no seu segundo tomo da história de El Rei D. Afonso de Nápoles, que dizia Bartolomeu Caprano, Bispo de Milão, que raras vezes se ajuntava formosura com maldade. Nas leis de Draco, quando se duvidava qual de muitos agressores na briga fosse o homicida, sempre se presumia e procedia contra o mais feio. Na opinião de Baldo, nascendo dous meninos gémeos e não se podendo individuar qual nasceu primeiro, levava o morgado o mais formoso. Os povos da Gangarida (terra além do Ganges⁸) elegiam para Rei o mais formoso, e tanto que algum nascia e chegava à idade de dous meses, o levavam a Juízo, e se era feio, o matavam, dizendo que de cousa feia não se podia esperar cousa boa. A Arquidamo⁹, Rei, multaram os seus povos por se ter casado com mulher de pouca presença, sentindo que deste consórcio não poderiam nascer Reis, senão régulos.

É sem dúvida certíssimo que a formosura nasceu para persuadir, reinar e avassalar os corações e apartar de si presunções indignas da sua nobreza, porque ela mesma não é outra cousa que império da forma sobre a matéria. Queira Deus que V.C. entenda isto. De Moisés, ainda menino, conta Teofilato que, estando já para lhe tirarem tiranamente a vida, se riu e olhou com semblante grato e amigável para quem o queria matar; e deste modo livrou na sua beleza a sua vida. Estes factos são indubitáveis, e bem a favor da formosura; pelo que fica claro ser ela a motora de todo o bem, e não autora de todo o mal.

V.C. deve saber, e advertir, que a mulher menos feia de todas, posta em Grécia, seria a ruína e incêndio de Tróia, do mesmo modo que foi a decantada Helena; e posta no palácio de El Rei D. Rodrigo, seria, como Caba foi, a perdição das Espanhas. Nos países em que as mulheres são menos formosas, como são as Necalitas (de quem Deus nos livre e que V.C. traz para argumento), nem por isso deixa de haver menos desordens; antes acontece pelo contrário, pois no Reino de Moscóvia¹⁰, onde as mulheres excedem a todas (ao menos às da Europa, como é constante) em beleza e formosura, não se vêem tantas desordens e desacertos. Logo que havemos <de> dizer, Irmão caríssimo? Devemos dizer que a formosura não é autora das ruínas que lhe

⁸ No original consta “terra além dos Ganges”, mas optamos pela forma “terra além do Ganges”, por ser mais familiar para o leitor actual.

⁹ *Arquidamo*: trata-se de *Arquidamo*, espartano que viveu na época da Guerra do Peloponeso.

¹⁰ *Moscóvia*: referência à Rússia, a partir da designação original do estado onde se inclui Moscovo no século XVIII.

imputam; mas sim a malícia dos homens que, abusando dela, fazem com que seja mau o mesmo que em si é bom.

Persuado-me que tenho dado satisfação às objecções de V.C.; agora se me não expliquei bem como devia, procederá talvez de ser esta a primeira vez que pego na pena para me defender. Resta responder porém a V.C. sobre o reparo que fez em eu alegar, para confirmação do que disse, exemplos de Heroínas Estrangeiras; se bem que semelhante frioleira faz-se indigna de resposta; pois não sei que as Francesas, Italianas, Holandesas etc. sejam de género diverso das Portuguesas; e se isto não é resposta, poderia eu também dizer (que tal não direi) que os Autores com que V.C. comprova o seu discurso, são Gregos, Romanos, Atenienses etc. e não Portugueses: logo tanto vale uma cousa como outra. Porém saiba que tem havido inumeráveis Portuguesas e muitas filhas desta Corte que têm sido admiráveis em prendas, ciências e constância, ou valor. E para que o veja, vá ouvindo:

D. Maria Infanta de Portugal¹¹, filha do Infante D. Duarte, que casou com o Príncipe de Parma, foi de claro juízo e aguda inteligência; falava a língua latina, compreendeu a grega, e não ignorava as Filosofias [sic]. Nas Matemáticas foi muito douta; e na ciência da Escritura Sagrada teve tal erudição que repetiu de memória os Oráculos de um e outro Testamento.

Sor Madalena Eufémia da Glória¹², Religiosa bem conhecida no Convento da Esperança, da nobre família dos Limas e Sousas, escreveu em elegante estilo a História da vida de Santa Rosa de Santa Maria, que corre impressa debaixo do Anagrama literal de D. Leonarda Gil da Gama, em oitavo. Outro livro de Novelas exemplares debaixo do mesmo Anagrama que traz por título *Brados do Desengano contra o profundo sono do esquecimento*. E outros muitos manuscritos eruditos e elegantes.

Sor Violante do Céu, baptizada na Sé de Lisboa, foi Religiosa da Roza, teve um raro engenho para todo o género de composições métricas nas línguas portuguesa e castelhana. Tendo de idade 16 anos, compôs a Comédia de Santa Eugénia intitulada *La transformacion por Dios*. Entre os encómios que se apresentaram a Filippe III de Castela quando, obtendo este Reino de Portugal se achava em Lisboa, os seus, pelo voto de todos, tiveram os maiores aplausos. El Rei D. João o IV [sic], a Rainha D. Luísa, o

¹¹ D. Maria Infanta de Portugal: nascida a 1521, publicou cartas e teve mestres de renome.

¹² Sor Madalena Eufémia da Glória: abdicou do convívio familiar em 1690 e, uma vez no Convento da Esperança, continuou a pintar e dedicou-se também a compor poemas.

¹³ D. Arcângela Josefa de Sousa: à época da escrita da obra de referência que serviu de base a Gertrudes Margarida de Jesus, falava-se em mais um livro desta portuguesa, cujo título seria *Regras para conservar a saúde*.

Príncipe D. Teodósio e todos os Grandes do Reino faziam merecido apreço das suas Poesias. Há dela muitos Romances avulsos e outros muitos versos manuscritos. Deixou duas Comédias que intitulou *El Hijo, Esposo y Hermano* e *La Victoria por la Cruz*. Em o ano de 1728 se imprimiu [sic] nesta Corte um Manual da Missa com seus Solilóquios e algumas Orações devotas que ela tinha deixado manuscrito.

D. Arcângela Josefa de Sousa¹³, de Lisboa, filha do Doutor António Carvalho de Souza, teve tão felice memória que sabia de cor o primeiro e o segundo livro das *Eneidas* [sic] de Virgílio, e de Ovídio os cinco livros dos *Tristes*¹³. Em dous dias aprendeu a bordar primorosamente. Escreveu em dous tomos de fólho a vida de Santa Catarina de Sena. Outro, que intitulou *Regras para conservar a saúde*. Traduziu na língua portuguesa as obras de Luís de Gôngora ilustrado com belas notas e a não morrer de 24 anos deixaria muitas outras.

D. Rosa Maria Clara de Lima, natural de Lisboa, filha de Miguel da Silva de Lima, nos primeiros anos de sua idade mostrou tão raro engenho que lhe deram seus Pais Mestres de quem aprendeu com facilidade as línguas latina, italiana, francesa, alemã e inglesa. Na música e nos instrumentos excedeu a todas as Heroínas do seu tempo. Também morreu de tenra idade, no ano 1733.

D. Maria de Lancastre, Senhora portuguesa, foi de grande juízo e muito aplicada aos Estudos; compreendeu difícilimos pontos da Sagrada Teologia especulativa; penetrou os segredos mais recônditos da Filosofia; e na Medicina foi assombro e inveja dos professores daquele século. Soube tanto regular-se pelas regras da Fármaca que chegou a viver 133 anos. Estando já de cama, pela fraqueza lhe impedir os passos, tomando-se o pulso, disse: *Para este caso não dá regras a Medicina, salvo mudasse a natureza*. Preparado por sua mão um remédio, o tomou, pediu os Sacramentos e deu a alma ao Creador.

D. Sebastiana de Magalhães¹⁴, filha de Lisboa, do Capitão Rui Soares de Magalhães, foi sumamente discreta e instruída nas histórias particulares do Reino e dos Autores latinos, Cícero e Terêncio, repetindo os sucessos com a formalidade que estavam escritos. Escreveu em latim um Epítome de todos os Monarcas franceses, o qual ofereceu a Anna Tanaquel de Feure, Senhora francesa. Estudava Filosofia, quando a morte a levou com os estudos que davam esperanças de grandes progressos.

¹³ *Tristes*: Ovídio escreveu sobre Roma enquanto estava no exílio na Cítia.

¹⁴ D. Sebastiana de Magalhães: a dedicatória parece ter sido feita a uma *Anna Tanaquil Lefevre*, heroína francesa.

Tomásia Nunes¹⁵, natural da Cidade da Guarda, de humilde nascimento, perfilhou-se ilustre nos estudos da Filosofia, Aritmética, Música e Architectura. Riscava e pintava com igual perfeição. Deixou escritos dous livros em fólio com o título *Ideas singularíssimas*. Ordenou uma Arte de Retórica, que intitulou *Nova Arte de bem falar*.

Paula de Sá, portuguesa, foi excelente Poetisa; escreveu muitas obras que se imprimiram debaixo de outro nome. Foi célebre na Escultura e nas línguas, que falava com prontidão. Aplicou-se às histórias e teve vasta erudição na latina e na romana.

Quitéria Borges e Natália de Sousa¹⁶, naturais de Coimbra, foram de ânimo tão ardente que no mesmo dia que chegou a notícia à dita Cidade da felice Aclamação de El Rei D. João o IV [sic], saíram à rua armadas com espada e rodela, solicitando os ânimos de todos os Cidadãos e povo, para as aclamações e vivas. Saíram as Justiças a rondar as ruas que Quitéria e Natália com vozes de liberdade andavam correndo, ameaçando de morte aos que o não respeitassem e reconhecessem por verdadeiro e legítimo Rei.

Gervásia Antunes¹⁷, natural da Vila de Almada, filha de Pais humildes, foi de tão intrépido valor, que ouvindo dizer que em certo lugar da Vila andava uma fantasma [sic], resoluta se armou com um grosso pau na mão e se foi ao dito sítio; avistando o vulto da fantasma, esta se veio chegando para Gervásia, e estando já bastante aproximada, <Gervásia> lhe disse destemida, levantando o pau, que lhe declarasse quem era e o que queria, se não que entendesse que lhe morreria nas mãos. Veio a conhecer ser indústria de um ladrão para lucrar melhor o seu ofício que se se lhe não declara infalivelmente o mata. Nas forças foi agigantada porque, abalando uma oliveira de vinte anos, a rendeu pelo meio. Arrancou uma grande parreira com todas as raízes pegadas. Levantava com os dentes um saco de trigo de cinco e seis alqueires, e chegou a quebrar com os dedos uma moeda de prata de três tostões, ganhando por aposta 6.400 <réis?>.

Agora fico persuadida que V.C. estará plenamente satisfeito; e se acaso conserva ainda algum remorso, veja o *Theatro das Heroínas Portuguezas*¹⁸, que são dous tomos

¹⁵ *Tomazia Nunes*: para além do que G.M.J. extraiu do *Theatro Heroino*, podemos acrescentar que *Tomazia Nunes* faleceu em 1644.

¹⁶ Os verbetes correspondentes ao historial de uma e de outra, na obra referida abaixo, são praticamente reproduzidos aqui por Gertrudes Margarida de Jesus, embora ela não associe os actos de uma aos de outra.

¹⁷ *Gervazia Antunes*: descrita às páginas 399 e 400 do livro de Damião de Froes Perym, *Theatro Heroino, e abcdário histórico de mulheres ilustres em Sciencias e Artes Liberaes*, como “mulher forte”, em função das mesmas acções narradas por Gertrudes Margarida de Jesus.

¹⁸ A referência está, muito possivelmente, incorrecta. O mais provável é tratar-se da obra *Theatro Heroino, e abcdário histórico de mulheres ilustres em Sciencias e Artes Liberaes*.

de fólio, e nele achará para tudo razões que lhe bastem e mulheres que o confundam. Consulte também a Sêneca, Autor grave, e veja que a não dizer muito, constitui as mulheres em tudo e por tudo iguais aos homens; em todas as disposições, ou faculdades naturais e estimáveis. Permita-me licença que feche esta Carta com suas formais palavras, pois creio que V.C. também sabe os seus dous dedos de Latim. *Quis autem dicat naturam maligne cum muliebribus ingeniis egisse ex virtutes illarum in arctum retraxisse? Par illis (mihi crede) vigor, par ad honesta (libeat) facultas est. Laborem, doloremque ex aquo, si consuevere, patiuntur*¹⁹. Não molesto mais a V.C. a quem desejo avultadas felicidades etc.

FIM

Omnia sub correctione S.R.E.

J.M.C.

¹⁹ *Quis autem dicat naturam maligne cum mulieribus ingeniis egisse ex virtutes illarum in arctum retraxisse? Par illis (mihi crede) vigor, par ad honesta (libeat) facultas est. Laborem, doloremque ex aquo, si consuevere, patiuntur*: a citação foi retirada de “Defensa de las mujeres”, de Benito Jerónimo Feijoo, que por sua vez estava a reproduzir palavras de Sêneca.

BIBLIOGRAFIA ACTIVA E GERAL

- ACTIVA

CARNEIRO, José de São Cirilo - *Carta e resposta sobre o odio dos inimigos francezes, e sobre o ornato das mulheres, occasionadas por hum Sermão, que se prégo na Igreja de S. Paulo da Cidade de Lisboa no primeiro de Janeiro de 1811...* / Fr. José de S. Cyrillo Carneiro. - Lisboa : Impressão Régia, 1811.

COELHO, João - *Segunda parte da pregação de João Coelho, feitas as senhoras Mulheres da moda para consolação dos coitados dos maridos : offerecida ás ferrugentissimas senhoras donas moedas de dez reis, por mãos do doutor Pantaleão Pato Pires Pinto, çapateiro das Musas d'algun dia, e hoje aposentado em Remendão do Parnaso.* Lisboa : Off. de Simão Tadeu Ferreira, 1787.

Desengano de ciosos, atrevimento de mulheres, perigo que corre a formosura, ainda quanto mais defendida: expressado no sucesso, que aconteeo na cidade de Napoles. Conselho para maridos indiscretos, e velhos rabugentos. Segunda parte. Lisboa : Off. do Dr. Manoel Alvares Solano do Vale, s.d..

Deфеza do bello sexo ou resposta ao papel intitulado 'Malicia das mulheres', dada por uma senhora da província a uma sua amiga na seguinte epístola. Lisboa : Impressão Régia, 1812.

DESENGANO, Amador do - *Espelho critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres, fabricado na loja da verdade pelo Irmão Amador do Desengano, 'que póde servir de estimulo para a reforma dos mesmos defeitos'.* Lisboa : Off. de António Vicente da Silva, 1761. DIAS, Baltasar - *Malicia das Mulheres, [...] porque nella se tratão muitas sentenças, authoridades àcerca da malicia, que ha em algumas dellas, [...]* . Lisboa Occidental : Off. de António Alvares, 1640.

GRAÇA, Paula da - *Bondade das Mulheres vendicada e malicia dos Homens manifesta. Papel métrico, e apologetico, em que se defende a femenina innocencia, contra outro em que injustamente se arguê a sua maldade, com o titulo de Malicia das Mulheres /* por Paula da Graça. Lisboa : Off. de Bernardo da Costa de Carvalho, 1715.

JESUS, Gertrudes Margarida de - *Primeira carta apologetica, em favor e defensa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Dezenegano, 'com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico'.* Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1761.

JESUS, Gertrudes Margarida de - *Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Dezenzano, 'com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico. E se responde ao terceiro defeito, que nelle contemplou'*. Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1761.

L.D.P.G. - *Bondade das Mulheres contra a malicia dos Homens : relação cómica, e historica, para divertimento de quem a comprar e utilidade de quem a vender : Parte I / escrita por sua authora L.D.P.G, S.l. : s.n., s.d.*

[LOBO, Francisco Xavier] - *Devoção das mulheres da moda na Igreja, e o modo com que nunca ouvem missa. Em dialogo...* S.l. : s.n., s.d..

M.D.M.C.D.M.A.E.C. - *Malicia dos Homens contra a bondade das Mulheres : embargos, que os homens põem à primeira parte. Mostra-se os males de que são causa: parte segunda, / escrita por M.D.M.C.D.M.A.E.C.* Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1759.

Nova relação contra as Mulheres ou parvoices dos seus enfeites. S.l. : s.n., s.d..

- GERAL

ALBORCH, Carmen - *Mulheres contra mulheres? Rivalidades e cumplicidades.* Lisboa, Editorial Presença, 2004.

AMARAL, Luís - *Índices de Registos Paroquiais de Lisboa.* Lisboa, Guarda-Mor, 2006.

ANASTÁCIO, Vanda (coord.) - *Correspondências. Uso da carta no século XVIII.* Lisboa, Colibri, 2005.

ANSELMO, Artur - *Estudos de história do livro.* Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

_____ - *Livros e mentalidades.* Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (orgs.) - *História da vida privada. Do Renascimento ao Século das Luzes.* Porto, Edições Afrontamento, 1990. v.3.

ARISTÓTELES - *Retórica.* Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

BARRENO, Maria Isabel, HORTA, Maria Teresa e COSTA, Maria Velho da - *Novas cartas portuguesas.* Lisboa, Moraes Editores, 1980.

BARROS, Thereza Leitão de - *Escritoras de Portugal.* Lisboa, s.n., 1924. v. II.

BASSETTO, Bruno Fregni - *Elementos de Filologia Românica.* São Paulo, EDUSP, 2001.

BAUDELAIRE, Charles - *Da essência do riso.* Almada, Íman, 2001.

BERGSON, Henri - *O riso. Ensaio sobre o significado do cómico*. Trad. de Guilherme de Castilho. Lisboa, Guimarães Editores, 1993.

BORRALHO, Maria Luísa Malato da Rosa - *Manuel de Figueiredo. Uma perspectiva do neoclassicismo português (1745-1777)*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995.

_____. “De la femme et de l’honneur: entre l’écrivaine et l’héroïne”, Mons, Univ. de Mons, IN Le XVIIIe siècle – une époque d’ombres et de lumières, no prelo.

BRAGA, Teófilo - “*Sobre as estampas ou gravuras nos livros populares portugueses*”. Portugália, [19__], pp.497-512.

CASCUDO, Luis da Camara - *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte - Rio de Janeiro, Editora Itatiaia, 1988.

CHAGAS, Frei António das - *Cartas espirituais*. Edição de Isabel Morujão. Porto, Campo das letras, 2000.

CHAVES, Luís - *Subsídios para a história da gravura em Portugal*. Coimbra, [s.n.], 1927.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain - *Dicionário de símbolos*. Lisboa, Teorema, 1994.

COSTA, Dom António da - *A mulher em Portugal*. Lisboa, Tipografia da Companhia Nacional Editora, 1892.

D’ARMADA, Fina - *O livro feminista de 1715*. Rio Tinto, Evoluta Edições, 2008.

DOMINGOS, Manuela D - *Livreiros de setecentos*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000.

FAUCHERY, Pierre - *La destinée féminine dans le roman européen du dix-huitième siècle. 1713-1807. Essai de gynécomythie romanesque*. Paris, Librairie Armand Colin, 1972.

FEIJOO MONTENEGRO, Fray Benito, “Defensa de las mugeres”. In <http://www.filosofia.org/bjf/bjft116.htm>, consultada em 13.09.2009.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Espelhos, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

GALVÃO, Walnice Nogueira - *A donzela-guerreira. Um estudo de gênero*. São Paulo, Editora Senac, 1998.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (orgs.) - *Prezada senhora, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

GILBERT, Sandra M. e GUBAR, Susan - *The madwoman in the attic. The woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. Yale, 2000.

GIROU-SWIDERSKI, Marie-Laure - “Surprises et leçons d’un inventaire: la prose féminine non-fictionnelle au 18^e siècle”, *Dix-huitième siècle*, nº 36, 2004, pp.171-188.

HATHERLY, Ana - *Poesia incurável. Aspectos da sensibilidade barroca*. Lisboa, Editorial Estampa, 2003.

_____. “JESUS (Gertrudes Margarida de)”, *Biblos*, Lisboa, Verbo, 19, v.2, p.1258.

HORÁCIO - *Arte poética*. Trad. R.M. Rosado Fernandes. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1965.

IVERSON, John e PIERETTI, Marie-Pascale - “‘Toutes personnes [...] seront admises à concourir’: la participation des femmes aux concours académiques”, *Dix-huitième siècle*, nº 36, 2004, pp.313-332.

LAMOTNE, Pedro - *Galería de mugeres fuertes*. Madrid, Editorial Maxtor, 2008.

LEAL, Ivone Freitas (coord.) – *Fontes portuguesas para a história das mulheres*. Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

LOPES, Maria Antónia - *Mulheres, espaço e sociabilidade. A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*. Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

LYPOVETSKY, Gilles - *A terceira mulher. Permanência e revolução do feminino*. Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

MACHADO, Álvaro Manuel - *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa, Editorial Presença, 1997.

MACHADO, Diogo Barbosa – *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica na qual se compreende a noticia dos autores portugueses, e das obras, que compuseram desde o tempo da promulgação de Lei da Graça até o tempo presente*. Lisboa, na off. de António Isidoro da Fonseca, 1741.

MARTINS, Maria João - *Mulheres portuguesas. Divas, santas e demónios*. Veja/Multilar, 1994.

MELO, D. Francisco Manuel de - *Carta de Guia de Casados*. Edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto, Campo das Letras, 2003.

PERYM, Damião de Froes - *Theatro heroico, abcedario historico, e catalogo das mulheres illustres em armas, letras, acçoens heróicas, e artes liberaes*. Lisboa, Off. Da Música de Teotónio Antunes Lima, 1736-1740.

- RAMONET, Ignacio, GRESH, Alain e BULARD, Martine (orgs.) - *Mulheres rebeldes*. Lisboa, Campo da comunicação, 2004.
- RAVOUX-RALLO, Elisabeth - *A mulher no tempo de Casanova*. Lisboa, Editorial Inquérito, s/d.
- RICHARDS, Jennifer e THORNE, Alison (orgs.) - *Rhetoric, women and politics in early modern england*. Londres, Routledge, 2007.
- ROUSSEL - *Système physique et moral de la femme*. Paris, Charpentier Éditeur, 1845.
- SANTA CRUZ, Maria de - “Huma Senhora do século XVIII, Theresa Margarida da Silva e Orta”, *Colóquio/Letras*, n.110/111, pp. 38-47.
- SARAIVA, A.J. e LOPES, Óscar - *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Editora, 2001.
- SILVA, Inocêncio Francisco da e BRITO ARANHA - *Dicionário bibliográfico português. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Continuados e ampliados por P.V. Brito Aranha. Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves. Lisboa, Imprensa Nacional, 23 volumes, 1858-1923.
- SILVA, Maria Regina Tavares da - *A mulher. Bibliografia portuguesa anotada (1518-1998)*. Lisboa, Edições Cosmos, 1999.
- STEINBERG, Martha - *1001 provérbios em contraste. Ditados ingleses e norte-americanos e seus equivalentes em português*. São Paulo, Editora Nova Alexandria, 2002.
- STROEV, Alexandre - “Les amazones dês lumières”, *Dix-huitième siècle*, nº 36, 2004, pp.29-54.
- UREÑA, Camila Henríquez - *Obras y apuntes*. Ciudad de la Habana, Editorial Universitaria, 2006.
- VALA, Jorge e MONTEIRO, Maria Benedicta (coord.) - *Psicologia social*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- VASCONCELOS, Mário Cesariny de - *Horta de literatura de cordel: o continente submerso, o grande teatro do mundo, os sobreviventes do dilúvio, monstros nacionais, monstros estrangeiros*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1983.
- VÁSQUEZ, Raquel Bello - “Sociabilidade e aristocracia em Portugal no último quartel do século XVIII”, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Setembro de 2004.
- VERNEY, Luís António - *Verdadeiro método de estudar*. Porto, Editorial Domingos Barreira, 3ª edição.

VIDIGAL, Maria Teresa - *Dicionário de pseudónimos de Albino Lapa*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980.

VIEIRA, António - *Cartas do Brasil*. Organização de João Adolfo Hansen. São Paulo, Hedra, 2003.

VILELA, António - *Artes gráficas. Noções elementares de todas as indústrias gráficas (Séculos XV a XXI)*. Braga, Bezerra, 2004.